Diário de Lisboa

Terça-feira, 18 de Novembro de 1986 — Preço 40$00

PS/PRD:
Encontro de 2 horas esta manhã
Pág. 6

Representante da OLP lança acusação em Lisboa

Síria envolvida em atentados contra Arafat

Num pequeno almoço com a imprensa, o representante da OLP em Lisboa, Issam Beseisso, afirmou que a sua organização tem provas de que a Síria esteve envolvida em atentados contra colaboradores de Yasser Arafat. Beseisso salientou ainda que Damasco lutou em 1982 ao lado de Israel para expulsar os palestinianos do Líbano e que tentou então liquidar Arafat para assim alcançar o controlo da Organização de Libertação da Palestina.

Pág. 5

Issam Beseisso, representante da OLP em Portugal

ORÇAMENTO

Oposição "desmonta" optimismo do Governo

O Orçamento e as Grandes Opções do Plano para 1987 estão desde esta manhã em debate na Assembleia da República, tendo a discussão arrancado com a leitura de um parecer fortemente crítico sobre os dois documentos, emitido pela conjugação de todas as oposições e apenas contra os votos do partido do Governo, o PSD. O parecer, de que foi relator Ivo Pinho, do PRD, aponta nomeadamente a quase impossibilidade de a inflação baixar para os previstos 8.5 por cento, se não for controlada a desvalorização do escudo e não forem convenientemente administrados alguns preços.

Pág. 12

Kim Il Sung não morreu: oposição sul-coreana pede "cabeça" do Governo de Seul

Pág. 13

O fenómeno terrorista

Christian Casanova

Por que razão se desencadeou no mundo esta onda de terrorismo, implacável e contínua? As autoridades preocupam-se para encontrar os culpados, para lutar contra eles, mas nunca se encontrou as causas internacionais do terrorismo. As causas do terrorismo na Europa, no Médio Oriente, na Ásia e na América Latina.

Naturalmente, as causas são diferentes conforme as regiões, mas têm um ponto em comum. O mundo parece ter abandonado a esperança de que o diálogo seja útil. Para Bruno Frappat, o terrorismo é o cancro do espírito, que começa de forma imperceptível em alguns países. Em França, no regresso das férias, rebenta um petardo sem grandes consequências. A TV dedica dez segundos ao acontecimento.

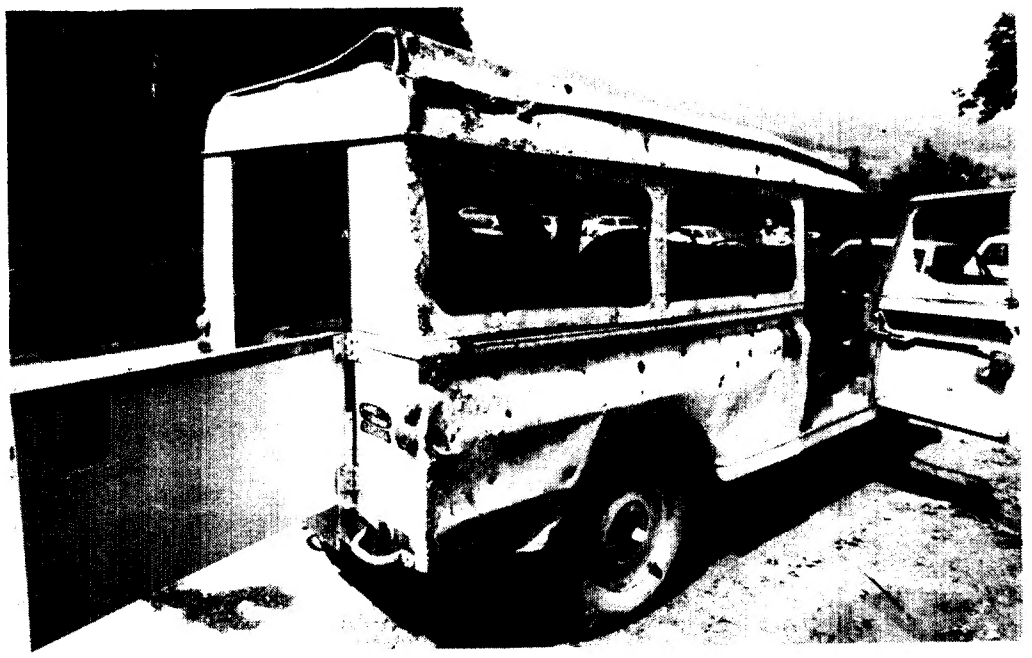
Pouco depois, a Imprensa anuncia «oito mortos e duzentos feridos em treze dias». As investigações começam com furor e a opinião pública fica indignada, mas a única coisa que se consegue é encontrar suspeitos. Não se encontram provas para acusar alguém seriamente. Os famosos irmãos Abdallah aparecem em Tripoli, quando estalam os atentados. Estará Kadafi envolvido? Ele nega tal acusação e nem a CIA, nem a DST, nem os Serviços de Inteligência Britânicos são capazes de descobrir provas da culpabilidade do líder líbio.

Ambiente de desconfiança

Por que razão iria Kadafi eleger a França como sua vítima prioritária? Sem dúvida, que Kadafi tem dado apoio a atentados contra interesses americanos e israelitas, mas em Itália, por exemplo, quem são os terroristas? Além disso, há que distinguir o que se passa no Líbano ou em Espanha do que se passa no resto do Ocidente. No Líbano, sabe-se quem luta contra quem, conhece-se a confusão política e ideológica, sem contar com a influência estrangeira, a qual é perfeitamente reconhecível.

Em Espanha, a ETA luta fanática e criminalmente contra o Estado espanhol. A ETA sustém que o País Basco é um país independente e que está em guerra com a Espanha. Mas, trata-se de uma guerra incrivelmente cruel. Vão a Madrid e matam transeuntes inocentes. Por serem espanhóis? Tal atitude é incompreensível para qualquer mentalidade normal e já não se acredita no «patriotismo basco» que utiliza estes métodos. Mas, o que se passa na Suécia, onde se assassina um líder como Olaf Palme? Quem paga aos assassinos? É uma pergunta perigosa que tem dado lugar a muitas interrogações sinistras...

O mundo é presa do pânico. Os apelos à calma são formulados por aqueles que estão mais nervosos, mortos de inquietação e a pedir aos outros para conservarem a calma. Os jornalistas e os comentadores estão em vantagem sobre os dirigentes políticos, já que estes últimos é que têm que «administrar» a informação.



Foi criada no Ocidente a União Nacional dos Desconcertados. Há aqueles que reclamam vingança implacável, represálias imediatas, sangue por sangue, mas não dizem contra quem. Existem somente presunções que arriscam converter-se em preconceitos raciais. Por outro lado, os resultados das sondagens indicam que a maioria dos franceses apoia a atitude do governo em relação ao pedido de libertação do presumível terrorista Abdallah: a atmosfera nacional de crise, criada pelas explosões fez subir a popularidade do primeiro-ministro, Chirac e do presidente da república, o socialista François Mitterrand. Uma sondagem publicada a 21 de Setembro pelo «Journal du Dimanche» indicou que 57% estavam satisfeitos com Mitterrand, o que significa uma subida de 6% em relação à mesma sondagem do mês de Agosto. Durante o mesmo período, a popularidade de Chirac subiu de 40 para 47%. A oposição absteve-se de criticar os governantes, expressou o seu apoio ao governo e o seu repúdio pelo terrorismo.

Os analistas políticos afirmam, sem dúvidas, que o apoio ao governo seria seriamente afectado se as medidas adoptadas por Chirac não dessem resultados positivos. Tais medidas incluem um maior controlo das fronteiras, a exigência de vistos, a adopção de medidas de segurança mais severas nas ruas de Paris e o uso dos serviços secretos para identificar os culpados. Talvez isto pareça suficiente se nos lembrarmos que, quando Abdallah foi detido, em 1984, levava consigo vários passaportes, todos eles com o visto em ordem. Além disso, a Europa não comunitária não apreciou muito a exigência de vistos.

A vida em Paris, tradicionalmente divertida e alegre, transformou-se num pesadelo. O cancro do espírito na capital francesa, na Cidade da Luz. Nos comboios do Metro, os vigilantes olham os passageiros um por um, todos são suspeitos e sentem que estão a ser maldosamente observados. Será esta a maneira de combater o terrorismo? Evidentemente que não.

Só resta a esperança

Os terroristas estão bem organizados e dificilmente se deixariam surpreender com uma bomba na mala de mão. A coisa é mais séria. Há uma guerra entre o Terceiro Mundo e os países desenvolvidos. Será dirigida pelos árabes? Também entre eles existe o terrorismo, embora pareça ser dirigido para assustar os compatriotas que não lutam na frente do terror. O que é que eles querem? Destruir um sistema, enfraquecer o Ocidente? Já se foram os tempos, em que as causas eram precisas. Os argelinos lutavam contra a França para obter a independência. Havia um motivo que De Gaulle, depois de uma guerra longa e cruel, compreendeu e a Argélia passou a ser um país independente, que mantém na actualidade, um tratado de privilégio com a França.

Há uma loucura colectiva no mundo. Começou quando Kennedy foi assassinado e os culpados nunca foram encontrados? Que forças secretas actuam nestes casos? Haverá cumplicidade entre os próprios ocidentais, que se negam a dar passagem ao progresso social? Existirá em alguns países o chamado terrorismo de Estado, como é o caso da África do Sul e da política de «apartheid»?

Que se passou meses atrás no Egipto, quando os próprios polícias desencadearam o terror no Cairo? Os horrores sucedem-se uns atrás dos outros e esquecem-se até que rebente uma nova vaga de assassínios. Mas hoje em dia, não existem tréguas e a guerra é constante. Ninguém pode predizer qual será o futuro. Só resta ter esperança.

Almeida, Amaral e Jardim

OS factos são do domínio público. Não vale a pena repetir as referências. Questão dos símbolos nacionais e regionais; questão da qualidade e da existência de um representante do Governo da República Portuguesa nas Regiões Autónomas; questão das iniciativas de autoridades regionais em conflito com o Estado e o Governo de Portugal; questão das conivências com os separatismos; questão da da unidade e coerência do Partido Social-Democrata.

Se era inadmissível que o presidente do Governo da Região Autónoma da Madeira não tivesse tido, uma palavra para o Presidente da República e que este tivesse tido,como os serviços da Presidência da República informaram, conhecimento da visita de Pieter Botha pelos jornais, as explicações de Alberto João Jardim, as grosseiras pretensas simplificações da situação criada, comprometem, também, a unidade e coerência do Partido Social-Democrata. Como inaceitáveis, no plano do Estado e no plano partidário, parece que as considera o líder do partido e Primeiro-Ministro, o professor Aníbal Cavaco Silva.

Compete ao Governo a condução da política externa. Não sofre dúvidas que o convite a Pieter Botha não se coaduna com as responsabilidades de Portugal, quer em relação à política da CEE relativamente à África Austral, quer relativamente aos reconhecidos interesses de Portugal num relacionamento estreito, límpido e amistoso com os países da área, designadamente aqueles que adoptaram a expressão oficial portuguesa. O Governo da Região Autónoma da Madeira, e com relevância o seu desenvolto presidente, lançou-se numa iniciativa política que não se integrava na política externa do Estado Português, que desprestigiou a diplomacia portuguesa, que feriu a credibilidade da responsabilidade e da autoridade do Governo na condução da política externa.

A gravidade dos factos não deverá ser exagerada, mas não pode ser minimizada. O Governo não pode permitir-se o esquecimento. E não pode permitir que se mantenham condições que proporcionem a repetição de factos semelhantes. Nem o Governo de Portugal, como, majestaticamente, o Primeiro-Ministro gosta de chamar-lhe, nem a directoria nacional do PSD podem deixar de tomar as medidas pertinentes. Alberto João Jardim terá que ser esclarecido quanto às suas responsabilidades e deveres como governante regional, quanto às suas responsabilidades e deveres quanto à liderança regional do PSD.

Os acontecimentos ocorridos na Madeira relacionam-se com acontecimentos ocorridos nos Açores ou de que são protagonistas políticos dos Açores. Homens diferentes, pelo passado, formação cultural, compostura, Alberto João Jardim, líder social-democrata da Madeira, e João Bosco da Mota Amaral, líder social-democrata dos Açores, coincidem na exploração do fenómeno autonómico. Contra o Estado Português? Vamos ao assunto sem pressa.

Desafiar a autoridade do Estado — ignorando o Presidente da República, assumindo atitudes que põem em causa a política externa do Governo, ou aceitar ser recebido, no Canadá, com clamores alusivos a um radical separatismo, são situações que identificam Alberto João Jardim e João Bosco da Mota Amaral no mesmo desdém pela unidade nacional, na mesma extensiva interpretação dos valores e conteúdos das autonomias regionais, na mesmíssima ambição de poder. É mais desenvolto, desenvolto ao ponto de ser simplista e grosseiro, o discurso de Alberto João Jardim, mas na expressão policiada e por vezes subtil, não é menor o distanciamento de João Bosco da Mota Amaral em relação à genuína fidelidade à Democracia portuguesa.

O pretexto de que tudo era possível porque todos conspiravam no agitado período entre 25 de Abril e 25 de Novembro, encobre apenas, mas encobre mal, uma colaboração com o separatista José de Almeida que excedeu a frequentação de amigos comuns.

Não estão esclarecidos, ou têm sido deliberadamente ocultados, os movimentos, intenções e ligações do deputado do anterior regime e actual líder do separatismo açoriano, dr. José de Almeida. Decidiu este revelar as suas ligações com o dr. Mota Amaral. Para dirigente do Partido Social-Democrata, presidente do Governo da Região Autónoma e pré-candidato à Presidência da República, essas ligações, essas conversações, essas colaborações, foram demasiado longe. E não basta desafiar a que lhe lancem a primeira pedra os que se consideram inocentes de pecados análogos. O erro dos outros, não absolve o seu. O dr. João Bosco da Mota Amaral está perante a sua consciência e perante a opinião pública nacional, não só como um homem dividido, mas, também, como um político fraco, hesitante, dúplice.

Que sentido, que conteúdo, tem para o dr. Mota Amaral a autonomia dos Açores? Será compatível o diálogo com o dr. José de Almeida e as suas intervenções na política nacional, no partido (considerado na sua projecção no espaço nacional) e no Estado (ao nível de uma candidatura à Presidência da República ou ao nível de uma participação no Conselho de Estado)?

Em nome de 300 000 emigrantes madeirenses, de interesses regionais e de negócios, Alberto João Jardim desafia o Governo; João Bosco da Mota Amaral não desafia com a mesma desenvoltura, mas contesta e vai bordando, na talagarça da autonomia regional, as flores do separatismo.

Com José de Almeida? Sem José de Almeida? Com equívocos terceiro-mundistas ou com solidariedades do capitalismo internacional, não importa para avaliarmos que a contestação do Governo de Portugal, com formas diferentes de definição e de actuação, é um processo. Aqui, visa o regime democrático, predominantemente. Além, predominantemente, visa a unidade nacional.

Não ignoremos os factos. Nem é de liberdade, nem é de direitos humanos, nem é de autonomia administrativa, que, no fundo, se trata.

Chamemos às coisas, sem dramatismos, pelos seus nomes verdadeiros.

A fome de futuro

Helena Cidade Moura

Em 1930, Fernando Pessoa diagnostica para a Europa: *fome de futuro*. Essa *fome* longe de ter diminuído, de então para cá não tem cessado de aumentar, e a angústia trazida pela consciência desse facto gera agressividade e desequilíbrio. Em Portugal, passada a moleza do fascismo, em que a *fome de futuro* ficou, como sentimento dinâmico, restrita a uma minoria, ela irrompeu com a revolução do 25 de Abril: encheu as escolas, construiu os infantários, lançou-se na reforma agrária e nas nacionalizações, deu maior expressão ao movimento sindical, organizou as comissões de moradores, recriou a vida local e encaminhou quase instintivamente o povo português para a possibilidade de assumir e de matar a sua *fome*.

Passados doze anos, uma pequena população experimental, de 30 anos de idade escolarizada, inquirida em profundidade na sua diversificação, coloca entre os primeiros benefícios do 25 de Abril: a «modificação na forma de encarar o futuro» e a «criação de capacidade de agrupamento para defesa dos interesses comuns»; e entre os sentimentos que menos alteração sofreram com o 25 de Abril: «a forma de ser sensível aos outros» e as «relações de amizade». Apesar do desbloqueio do futuro que representam estas duas escolhas, e do sentido profundamente humano e belo da continuidade das relações sociais e mesmo da amizade individual, a vida política não tem sabido corresponder à grandeza colectiva. Em consequência, nos últimos anos, ao lado de muita coragem social e de muita generosidade individual, a frustração alastra.

Grandes valores da Revolução dos Capitães: a inteligência na acção, a eficácia, a tolerância, o uso adequado do poder democrático foram algumas das sementes perdidas entre as pedras dum chão endurecido pelo egoísmo, pela vida competitiva, obscurantista e fechada de cinquenta anos de fascismo, a verdade é que, é a *fome de futuro* que alimenta e dá sentido ao presente; sem ela, a vida quotidiana torna-se uma autofagia.

Nos últimos anos tem vindo sucessivamente a estreitar-se o caminho da Democracia, por um lado dificultada pela muralha assustadora das forças reaccionárias, pela estepe das forças conservadoras e os abstractos caminhos dum novo capitalismo permissivo, sem raízes, sem eficácia e sem meios culturais; por outro lado, bloqueada pela querela interminável das forças políticas de esquerda. Esquerda, sempre mais votada pelo nosso Povo e que no mero jogo da democracia formal, há muito deveria estar a governar o País. A capacidade, porém, de unidade não ultrapassou ainda, de facto, e episodicamente, os limites da luta antifascista.

O jogo partidário ocupa tempo de mais na nossa vida pública e os partidos, com muita dificuldade, assumem o papel fundamental que lhes compete desempenhar no encaminhamento da vida política, em harmonia como interesse das populações.

Neste contexto, nasce a Convenção de Esquerda Democrática; nasce à volta dum partido que a desencadeou, mas isolada das outras forças partidárias de esquerda, dando, de novo, realce ao jogo partidário em detrimento do jogo democrático. E a verdade é que todos temos a consciência de que uma *Convenção* onde os partidos políticos estão ausentes será apenas uma *Reflexão*, porque em Democracia, qualquer convénio terá de incluir o parecer, a opção dos partidos políticos.

Para desbloquear este processo, cumpre encorporar na nossa acção os benefícios da Revolução de Abril e aculturar profundamente o diálogo. O facto de estarmos a ser governados por um governo minoritário criticado, com maior ou menor violência, por tods os partidos políticos, significa exactamente que o diálogo não domina a nossa acção individual de forma a ter significado transformador da vida colectiva; significa ainda que o hábito da crítica salutar, não punitiva, que leva a estender a solidariedade para além do entendimento está ainda afastada do nosso pensamento democrático.

Torna-se necessário e urgente fazer um esforço no sentido de criarmos *mais democracia*, para que o poder político ganhe as cores e as formas de expressão social.

Possivelmente não haverá condições para fazer uma *Reflexão de esquerda* que seja uma *Convenção*, mas pela vontade dos democratas, poderemos fazer uma reflexão democrática que abra caminhos descondicionantes a um autêntico convénio entre partidos, de forma a gerar-se um poder político alternativo àquele que hoje nos governa e mais de acordo com a vontade expressa pelo voto.

Mau seria, seria péssimo, se o tempo de reflexão da Esquerda fosse gasto a manter ofensas partidárias, a afirmar «slogans» já estafados e a exibir ideias já rotas do uso.

15 Nov. 86

AO TELEFONE COM Orlando de Almeida (Pres.Câmara Amadora)

Ribeiro Cardoso

'Existem no mundo 3.622 zonas livres de armas nucleares'

No passado mês de Outubro realizou-se em Peruggia, Itália, a 3.ª Conferência Internacional das Zonas Livres de Armas Nucleares, que reuniu cerca de 320 delegados provenientes de municípios de 16 países. Em Portugal quase não se falou desta importante reunião, onde de resto estiveram também delegados de sete municípios portugueses.

Ao telefone com Orlando Almeida, presidente da Câmara da Amadora, que esteve em Peruggia, integrando a delegação ibérica, falámos desta conferência internacional. Começámos pelo balanço do que tem sido a actividade deste significativo movimento de municípios preocupados com os perigos da guerra nuclear.

«Bom, o que eu posso dizer é que existem hoje, em todo o mundo, 3622 zonas declaradas livres de armas nucleares, 86 das quais se situam em Portugal».

«Quais os países onde o movimento mais se tem desenvolvido?»

«Alguns casos mais significativos referidos na Conferência são o País de Gales (100 por cento do território), Nova Zelândia (65%), Japão (55%) e Reino Unido (60%)».

«Isso significa que o movimento pegou ...»

«Na verdade, nesta terceira conferência verificou-se um salto importante na evolução do movimento e na participação registada...»

«... Não se importa de dar dados concretos?»

«Olhe, em 1984, em Manchester, na Grã-Bretanha, na primeira reunião, estiveram presentes 99 delegações de 9 países; em 1985, em Córdova, Espanha, 99 delegações de 10 países e 7 países observadores; este ano, foram cerca de 320 os delegados, vindos de 16 países, mais 50 observadores italianos e três do Movimento *Grean Peace*. Parece-me, pois, que se pode falar de um salto importante».

«Quais os objectivos do movimento?»

«Fundamentalmente, consciencialização das populações sobre os perigos das armas nucleares; oposição ao fabrico, transporte e armazenamento destas armas; cooperação internacional nesta matéria e influência sobre os poderes públicos para prevenção apoio à causa da paz mundial».

«Que resultou da Conferência de Peruggia? Chegaram a algumas conclusões?»

«Digamos que foram aprovadas duas resoluções-base. Uma é de carácter organizativo do movimento, e a outra é, digamos assim, de política geral».

«Comecemos pela primeira...»

«Ora bem, no que toca à organização, a Conferência passará a ter lugar de dois em dois anos, sendo a próxima em 1988. Candidataram-se à sua organização delegações da Austrália, Holanda, Japão, RFA, EUA e Escócia. As conferências devem ser realizadas sucessivamente em diferentes continentes.»

«E já ficou decidido o local da próxima reunião?»

«Não. Isso ver-se-á depois. Para já a presidência e sede do movimento foram atribuídas a Manchester, e a vice-presidência a Peruggia. É tudo por agora.»

«E quanto à tal resolução de carácter político?»

«Aí a Conferência preconizou, entre outras, as seguintes medidas principais: suspensão imediata dos testes nucleares; redução e desmantelamento de todas as armas nucleares, especialmente na Europa (Ocidental e de Leste); controlo pelos poderes locais do transporte e depósito de resíduos nucleares, devido ao perigo inerente a estes materiais; luta dos poderes locais para a produção de leis que permitam o cumprimento dos programas de acção das Zonas Livres de Armas Nucleares; celebração todos os anos, a partir de 87, em todo o mundo, do Dia Anual das Zonas Livres de Armas Nucleares, a 1 de Junho.»

«Por que razão Portugal não se candidatou à organização da próxima conferência?»

«Não nos sentimos com capacidade para organizar um tal encontro quando não temos sequer uma comissão nacional. O nosso objectivo, nesse campo, é fazer primeiro uma conferência nacional de municípios declarados zonas desnuclearizadas e também, depois, o II Encontro da Península Ibérica. Então se verá até onde podemos avançar... Por agora não há, tanto em Portugal como em Espanha, uma estrutura e organização que permita voos mais altos.»

«Portanto, há que esperar...»

«Esperar não é bem o termo. As coisas mexem, andam, não param. A Conferência resolveu também, e só para lhe dar um exemplo, preconizar a criação de organismos nacionais coordenadores do movimento, onde não existam, bem como a realização de reuniões plurinacionais regionais, nos anos intermédios das conferências internacionais bienais.

O Governo vai cumprir parecer do CCS

Alienação dos bens do "DP" e da EPNC vai ser um facto

-disse Marques Mendes

O Governo vai cumprir o parecer do Conselho de Comunicação Social quanto à alienação de bens do «Diário Popular» e da empresa pública «Notícias/Capital», garantiu o secretário de Estado adjunto do Ministro para os Assuntos Parlamentares.

Marques Mendes, que falava na reunião da Subcomissão Parlamentar para a Comunicação Social, afirmou que o objectivo do Governo «é preservar a actividade principal das empresas e saneá-las financeiramente.» Acentuou ainda que as empresas públicas do «Diário de Notícias/Capital» e do «Diário Popular» são perfeitamente viáveis desde que se dediquem apenas à sua actividade editorial.

Previsão sobre prejuízos

«Os prejuízos que aquelas empresas apresentam» não são consequência da sua actividade editorial, disse Marques Mendes, que acrescentou que o parque gráfico do «Diário Popular» é altamente deficitário e «sorvedor dos recursos da empresa.»

Também o «Anuário Comercial» da empresa pública «Notícias/Capital» é deficitário. A empresa pública «Notícias/Capital» (EPNC) custou este ano ao Estado cerca de um milhão de contos, sendo 510 mil contos de prejuízos e 400 mil contos de subsídios a fundo perdido, enquanto os prejuízos acumulados do «Diário Popular» desde 1979 atingem um milhão de contos.

O secretário de Estado Marques Mendes, previu que os prejuízos do «Diário Popular» ascendam este ano a cerca de 230 mil contos, afirmando que a situação económica da EPNC «é hoje muito mais grave de que a do jornal 'O Seculo' quando este foi extinto». Todavia, Marques Mendes sublinhou que o Governo não quer criar uma situação idêntica para as duas empresas em causa.

Aquele membro do Governo esclareceu que a exoneração dos gestores do «Diário Popular» prende-se com os motivos apontados no despacho ministerial e que «não está a ser feito um inquérito à gestão do Conselho de Gerência exonerado, mas sim uma inspecção às contas da empresa.» Até porque, segundo o secretário de Estado, o «Diário Popular» não tem contas aprovadas desde 1984.

Marques Mendes garantiu ainda que a venda do parque gráfico do «Diário Popular» será efectuada em concurso público e que o «seu regulamento definirá as normas para a impressão do jornal.»

Anop e Rádio Comercial

Referiu também que a extinção da Anop não representa a abolição de um título, salientando que defende esta posição em termos jurídicos.

A afirmação foi proferida em resposta ao deputado socialista Jorge Lacão, que considerou que a extinção da Anop implica acabar com um órgão de comunicação social, que tem como título a sigla Anop.

O secretário de Estado asseverou, por fim, aos deputados da Subcomissão Parlamentar para a Comunicação Social que «o Executivo não tomou qualquer decisão no sentido de vender a Rádio Comercial.»

Após demissão do director

O "Correio do Minho" reaparece em finais de Dezembro

O Conselho de Administração do jornal bracarense «Correio do Minho» comunicou ao director, Jorge Cruz, ter aceite o pedido de demissão que este apresentou em Fevereiro último.

Jorge Cruz pôs o cargo de director à disposição do Conselho de Administração do «Correio do Minho», na sequência da nomeação da nova gerência, após as eleições autárquicas de Dezembro de 1985.

Os componentes do Conselho de Administração (Armando Osório, José Gomes dos Santos) garantem que o «Correio do Minho» reaparecerá até finais de Dezembro com um novo director após a reestruturação.

O trabalho de reestruturação do jornal e casa de obras (ambos a instalar eventualmente numa dependência da grande nave do Parque Municipal de Exposições) está confiado a um especialista «com reconhecido mérito», cuja identidade não foi revelada.

"Libération" em perigo?

«Libération», o «milagre» da Imprensa diária francesa, encontra-se em perigo. Esta é, pelo menos, a opinião dos jornalistas da sua secção de economia que acabam de publicar um comunicado em que consideram que o jornal se encontra numa «situação financeira degradada, imputável em larga medida a uma gestão deficiente». «Se nada for feito com a rapidez necessária para alterar a situação, será necessário considerar o «Libération» como um jornal em perigo», considera aquele grupo de jornalistas que pretende abrir um debate interno sobre esta questão.

O «sinal de alarme» soou depois da publicação de dados recentes sobre a situação da empresa, em vésperas de três actos importantes para o jornal, como sejam a eleição da nova direcção — actualmente composta por Serge July e Antoine Griset —, da preparação de um novo aumento do capital reservado aos accionistas exteriores - que deve elevar-se a oito milhões de francos e lhes deve permitir deter 25% do capital, em vez dos 17% actuais - e da transformação da sociedade em sociedade anónima.

De acordo com o comunicado agora fixado nos corredores do «Libération», a situação financeira do jornal não se presta a estas novas etapas. «O «Libération» não é uma empresa sã», explicam os jornalistas da área económica que contestam as previsões da actual direcção: «erros grosseiros de gestão» conduziram, para o primeiro semestre de 1986, a perdas de 538 mil francos, quando o lucro previsto era de 4,8 milhões de francos.

Quanto aos benefícios do conjunto da empresa (jornal e telemática), será de 2,6 milhões de francos em vez dos 9,7 milhões previstos. O orçamento previsional para o segundo semestre não foi ainda apresentado e deverá, segundo os autores do comunicado, «tornar o conjunto do ano de 1986 deficitário».

Face a estes dados, aos quais há a acrescentar um pequeno aumento das vendas (que apesar de tudo se situa na ordem dos 15 a 22% entre 1985 e 1986) e aos atrasos na fabricação do jornal, que acarretam custos suplementares, os autores do comunicado inquietam-se perante a ausência de um programa para a direcção do jornal. Este grupo de jornalistas recusa a ideia de uma «putsch» contra Serge July e Antoine Griset.

Antoine Griset, por seu turno, embora considerando «desagradável ser posto em causa», julga, apesar de tudo, estes textos como «muito interessante para o futuro do jornal», se «permitir passar a uma velocidade superior» e anuncia que a direcção apresentará em breve as suas próprias propostas.

Álvaro Cunhal responde a José Manuel Tengarrinha

"Outra é a opinião dos trabalhadores e do povo em geral"

Numa extensa entrevista hoje publicada no «Diário de Notícias», o secretário-geral do PCP considera que as polémicas declarações de José Manuel Tengarrinha aquele mesmo matutino, duas semanas atrás, reflectem a posição do presidente do MDP porque «outra é a opinião dos trabalhadores e do povo em geral»

Recorde-se que na referida entrevista, Tengarrinha punha em dúvida a manutenção do seu partido no seio da APU e manifestava a abertura do MDP para repensar eventuais alianças, designadamente, com o PS e o PRD.

Em jeito de resposta, Cunhal faz questão de salientar o «importante e positivo papel» que a APU tem desempenhado na democracia portuguesa; «que a definição dos termos de uma aliança com o PCP são definidos a dois e não por uma só das partes» e que, por isso, «o eventual afastamento de democratas tentados a outras experiências com partidos cuja política têm combatido não modificará a política de unidade democrática do PCP com uma correspondente expressão eleitoral».

Recusando tecer considerações quanto ao interesse ou não do seu partido em manter o actual parceiro de coligação, Álvaro Cunhal não deixaria no entanto de afirmar que, caso o MDP a abandonasse, não seria o PCP a correr riscos de perder parte do seu elcitorado, mas sim o partido de Tengarrinha que poderia ver diminuido «grande parte do apoio de que ainda dispõe».

Quanto ao futuro, o líder comunista é peremptório ao dizer que «não há qualquer lugar para desânimo». Isto não sem antes ter admitido que «o apoio social ao PCP é extremamente mais vasto do que o apoio político » e de que este é muito superior «ao apoio eleitoral».

Confrontado com os resultados das sondagens, Cunhal respondeu com os ganhos do seu partido nas recentes eleições no concelho de Almada, afirmando a dado passo: «Alguns analistas previram a perda da nossa influência. Essas previsões falharam».

A propósito da integração na CEE: «Lutamos para que Portugal não se integrasse porque previmos os resultados ruinosos que se estão hoje a verificar». Depois, o pragmatismo do político experiente: «Só que a integração é neste momento um facto e, sem nos alhearmos da necessidade de um dia se vir a colocar a saída da CEE, temos de ver como na situação actual podemos impedir os aspectos mais gravosos da integração».

Representante da OLP em Lisboa

Síria esteve envolvida em atentados contra colaboradores de Arafat

« A OLP tem provas do envolvimento sírio em atentados contra colaboradores próximos de Yasser Arafat» afirmou esta manhã o representante da Organização de Libertação da Palestina em Lisboa, Issam Beseisso.

Num pequeno almoço com a imprensa organizado pelo Hotel Meridien, Beseisso recordou que a Síria tentou liquidar Arafat em 1982 durante a guerra que levou à expulsão dos palestinianos do Líbano. Segundo o representante da OLP, o que estava então em causa era o controle da organização por Damasco e a consequente perca de independência da OLP. «Recusámos o controlo de Assad, do mesmo modo que continuamos hoje a repudiar qualquer tentativa de interferência nos assuntos internos» da organização, disse Beseisso.

Referindo-se ao recente corte de relações diplomáticas entre a Grã-Bretanha e a Síria, Beseisso declarou que Londres não tem provas do envolvimento sírio no atentado frustrado contra um avião israelita. No entanto, o representante palestiniano declarou que os serviços secretos de Damasco e de outros países árabes têm usado o nome de Abu Nidal para esconder os seus próprios actos. « Não existe um grupo de Abu Nidal, mas sim um nome que é utilizado por serviços secretos árabes», declarou.

Beseisso confirmou, contudo, que há facções palestinianas que se encontram refugiadas em Damasco. Segundo ele, três das oito organizações que integravam a OLP estão aí sediadas. São, por assim dizer, as mais radicais e que por essa razão dificilmente se poderiam refugiar em outros países árabes.

Esta dificuldade está na base, segundo Beseisso, da sua obediência às directrizes de Damasco e que levou, por exemplo, à sua não participação numa reunião realizada há cerca de dois meses com o objectivo de resolver os problemas internos da OLP. Nessa reunião estiveram presentes cinco organizações palestinianas e oito federações e sindicatos.

Issaim Beseisso disse a este respeito que no princípio de 1987 se realizará uma reunião do Conselho Nacional Palestiniano onde se deverá encontrar solucões para os problemas exositentes, nomeadamente o das relações da OLP com os aliados árabes, com a Jordânia e a Síria, e as conversações de paz.

O representante da OLP afirmou, por outro lado, que as forças militares palestinianas regressaram ao Líbano há cerca de quatro meses e que para tal tiveram o apoio do presidente libanês, Amin Gemayel. Sobre a situação neste país, Beseisso acrescentou que o único grupo que luta contra os palestinianos é o movimento xiita Amal, apoiado pro Damasco.

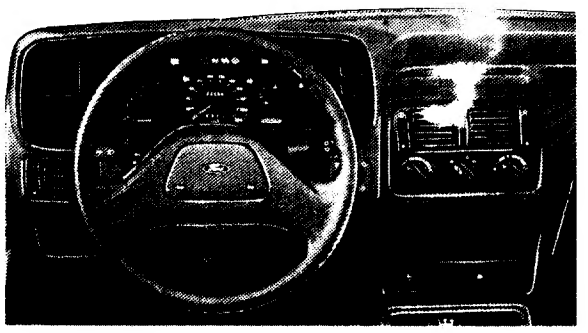
Issaim Beseisso considerou ainda que a divisão actual do mundo árabe conduz Israel para uma posição de vencedor e expressou a opinião da sua organização de que a resolução do problema palestiniano, e consequentemente a paz no Médio Oriente, só poderá ser alcançada com uma conferência internacional que reúna as potências que têm interesses na região- União Soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e China- e os principais países árabes.

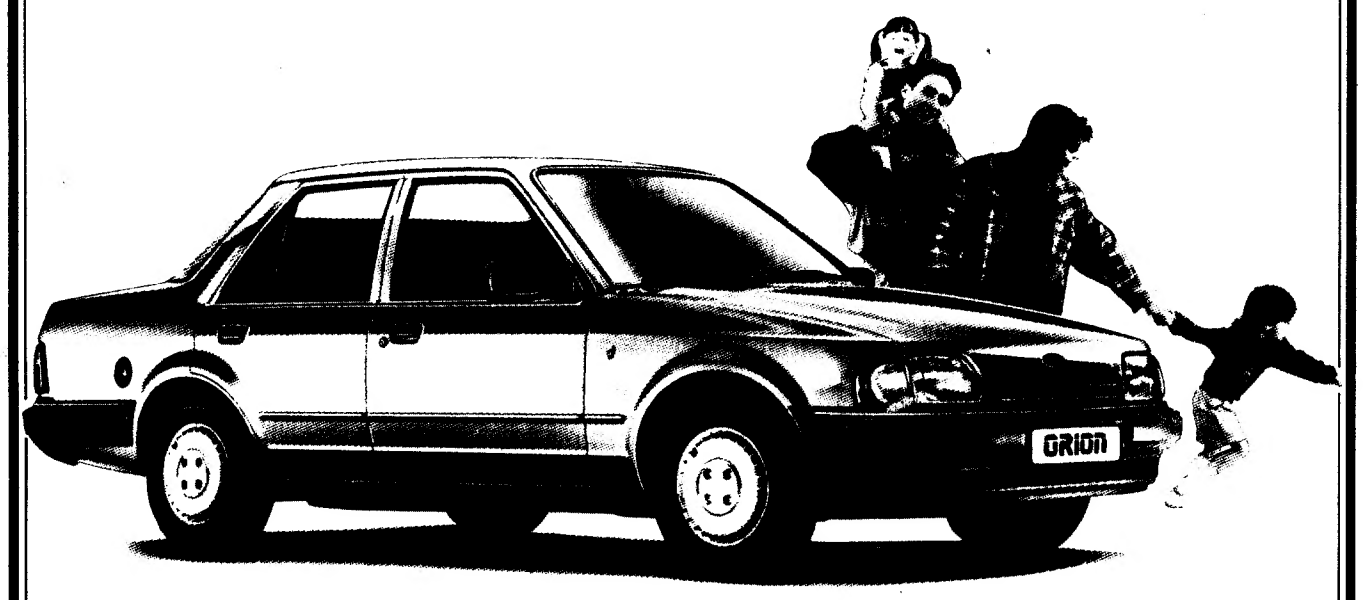
O representante da OLP salientou, por outro lado, que o mundo não deve esperar demonstrações de boa vontade por parte de Israel, porque a política deste país se mantem inalterável: « as fronteiras de Israel vão até onde os seus tanques podem ir».

Novo Ford Orion
a evolução de um clássico

O novo FORD ORION é ideal para quem sempre desejou um carro com linhas harmoniosas, um «design» tecnologicamente avançado, mas sem prescindir do espaço para arrumar bagagem e instalar confortavelmente toda a família.
Mas sendo um carro familiar, o novo FORD ORION é um carro com nervo. Todas as versões – 1.4 CVH, 1.6 CVH e 1.6 Diesel – têm motores potentes e invulgarmente económicos, com caixas de 5 velocidades e o elevado nível do equipamento – Ghia.
E porque num carro familiar a segurança é uma prioridade, o novo ORION tem um sistema de travagem anti-bloqueio mecânico – o que sucede pela primeira vez em carros da sua classe.

O novo FORD ORION continua a ser um belo clássico, sempre em evolução.





Conheça-o no seu Concessionário FORD

Ford

QUALIDADE E INOVAÇÃO

Encontro esta manhã PS-PRD

Os dois partidos mais próximos

Quase duas horas durou o encontro entre as delegações do PRD e do PS, esta manhã, na sede dos socialistas, no Largo do Rato. Tempo demais para a simples visita de cortesia que constava da agenda. E ao que parece, tempo útil e bem aproveitado por ambas as partes para uma análise realativamente aprofundada sobre a situação política.

Uma grande avareza de palavras caracterizou as declarações de Ramalho Eanes no final do encontro, mas não se esquivou a afirmar que tinha sido «um encontro cordial» e que «houve uma troca de pontos de vista, julgo que com honestidade, mas não adiantámos mais nada».

O lider do PRD, que estava acompanhado por Hermínio Martinho e José Carlos Vasconcelos, justificou a escassez das palavras com o argumento de não ser habitual relatar aquilo que foram as conversas neste tipo de reuniões.

A uma questão colocada, Ramalho Eanes afirmou nunca ter dito que o PS não era uma alternativa. «O que disse é que durante um ano o PS não tinha constituído uma alternativa ao Governo vigente».

Vitor Constâncio foi um pouco mais esclarecedor de pareceu-nos mesmo que tinha muito mais para dizer se politicamente isso fosse oportuno.

Começou por afirmar que tinha sido «uma reunião muito útil e importante para o esclarecimento mútuo do posicionamento de cada partido», e que tinha ficado marcada uma outra para discutir alguns pontos concretos que estão em discussão no Parlamento nesta sessão legislativa.

Interrogado sobre se tinha havido convergência entre os dois partidos, Vitor Constâncio disse não desejar neste momento fazer comentários até porque não houve conclusões, «mas mantenho o que disse, isto é, que foi uma reunião muito útil».

Instado a responder se considerava haver ou não de facto uma alternativa, o secretário-geral do PS respondeu com a habitual frase de que em democracia há sempre alternativa. Mas adiantou mais qualquer coisa:«E de facto a maneira como este Governo está a desaproveitar as condições que tem leva-nos a dizer que uma alternativa é sempre possível e neste momento é necessária».

Sobre o facto de o PRD e o PS disputarem mais ou menos o mesmo espaço eleitoral, Vitor Constâncio disse que neste momento não está a haver eleições, o que há é nos dois partidos valores que se situam no mesmo espaço.

Apesar de ambos os lideres não terem sido muito pródigos em revelações, parece não haver dúvidas de que as relações ente o PS e o PRD deram um salto qualitativo esta mahã.

Encontro com o PCP

Ramalho Eanes, que acompanhado por Hermínio Martinho e José Carlos de Vasconcelos liderava a delegação do PRD que ontem visitou o PCP no âmbito dos encontros para apresentação de cumprimentos promovido pela nova direcção dos renovadores, afirmou que nunca considerou aquele partido como um inimigo, mas um adversário. «Antes e depois do 25 de Novembro nunca considerei o PCP como um inimigo, mas como um adversário. Em democracia não há inimigos, mas adversários e com os adversários conversa-se», afirmou o ex-Presidente da República, agora lider do PRD.

O presidente do PRD, que falava no final do encontro, classificado como «visita de cortesia», revelou que durante o encontro, foram analisados diversos temas da vida política portuguesa.

Por sua vez, Alvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, disse que o seu partido defendera durante o encontro a necessidade de uma convergência democrática para criar uma alternativa ao actual Governo, salientando ao mesmo tempo que o primeiro encontro com Eanes, na sua qualidade de dirigente partidário, se inscreve nas relações normais entre partidos com direitos e deveres.

«Os encontros que tínhamos mantido com o general Ramalho Eanes tinham sido realizados no âmbito das relações institucionais entre um partido e um órgão de soberania».

Encontro ontem entre o PRD e o PCP

Vice-ministro chinês debate Macau em Lisboa

"Nacionalidade" é ponto polémico

Estabelecer um acordo de princípio sobre datas e pormenores relativos à transferência de poder em Macau, será o objectivo da visita oficial de três dias do vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan que ontem chegou a Lisboa. O responsáv chinês, que hoje foi recebido em audências separadas pelo Presidente da República, Mário Soares, e pelo Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, deverá encontrar-se ainda, no Porto, com o governador de Macau, Pinto Machado, em Lisboa desde sábado passado para participar nas negociações do referido acordo de princípio.

Ontem já, o vice-ministro de Pequim- que vem acompanhado pela mulher, pelo director do Departamento para os Assuntos Portugueses e da Europa ocidental e pelo subdirector do gabinete de Macau e Hong-Kong- avistou-se com o titular dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda. Lacónico, Zhou Nan disse aos jornalistas, num intervalo do seu encontro com Pires de Miranda, que a questão de Macau será «logicamente colocada» durante os seus contactos em Lisboa.

O MNE, por seu turno, referiu a realização já de três reuniões em Pequim e o facto de se ter «acordado um determinado processo de trabalho» a desenvolver nos próximos três meses e a concluír em Janeiro. «O grupo de trabalho- sublinhou Pires de Miranda- não é mais do que a continuação dos trabalhos que têm sido desenvolvidos ao longo das três rondas de negociações».

Ponto polémico

Zhou Nan admitíu, entretanto, que depois das conversações no MNE haverá «mais coisas a revelar» sobre o projectado acordo de princípio, cuja assinatura se prevê para fins de Janeiro.

Fontes diplomáticas próximas das duas delegações consideram que a visita de Zhou Nan se destina a limar algumas arestas sobre os termos do acordo a estabelecer e, de algum modo, a «dar satisfação» aos desejos portugueses de que uma das rondas das conversações tivesse lugar em Lisboa, já que as três primeiras séries de contactos ocorreram em Lisboa.

As mesmas fontes deram a entender que um dos pontos ainda a resolver na «ronda» de Lisboa, prende-se com a questão da nacionalidade, ponto polémico para chineses e portugueses.

No decurso da visita do vice-ministro chinês, que será privada entre 20 e 22 do corrente(é a deslocação ao Porto, a convite de Pinto Machado), deverá ainda ser anunciada a data da próxima fase de conversações luso-chinesas sobre Macau, que poderá acontecer já em Dezembro próximo.

Revista francesa entrevista Cavaco

«O Governo não hesitará em encerrar empresas públicas que não sejam viáveis», disse o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, numa entrevista divulgada ontem na revista francesa «Política Internacional».

A revista, dirigida por Patrick Wajsman, tem uma circulação limitada aos assinantes e uma periodicidade trimestral. O número que integra a entrevista de Cavaco Silva inclui também o primeiro-ministro de Israel, Yitzahk Shamir, e o presidente do Zaire, Mobutuo Sese Seko, e o do Líbano, Amin Gemayel. Inquirido sobre as prioridades do Governo, Cavaco Silva citou em primeiro lugar a modernização do país para poder alinhar com os seus parceiros europeus.

«Atacamos, e isso é uma novidade, o problema das empresas públicas que acumularem pesados défices na sequência de erros de gestão mais ou menos conhecidos por todos os anteriores governos», concluiu.

Azevedo Soares em Estrasburgo

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Azevedo Soares, parte hoje para Estrasburgo, com vista a participar na 79.ª sessão do Comité de Ministros do Conselho da Europa que discutirá questões da actualidade política internacional.

A agenda de trabalhos do Comité de Ministros da Europa, que se realiza naquela cidade amanhã e depois, inclui uma sessão comemorativa dos 25 anos da assinatura da Carta Social Europeia e a análise das relações entre o Conselho das Comunidades Europeias. Azevedo Soares viaja dia 21 para Roma onde chefiará a delegação portuguesa presente na primeira reunião da comissão mista Portugal-Malta.

Uma informação do MNE revela que Portugal celebrou um acordo de cooperação nas áreas humanitária, técnica e científica com a Ordem Soberana de Malta, em 1983, que visa o apoio aos países africanos de língua oficial portuguesa.

"25 de Novembro" no Montijo

As cerimónias militares do 25 de Novembro realizam-se este ano na Base Aérea do Montijo, revelou a NP citando uma fonte oficial.

As cerimónias serão presididas, pela primeira vez, por Mário Soares na dupla qualidade de Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas.

O Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, proferirá, como habitualmente, uma alocução aos militares.

A CEE quer reduzir dependência petrolífera

Plano Energético revisto a pensar no gás natural

A introdução do gás natural em Portugal é uma das implicações da adesão do nosso país à CEE, razão pela qual o Plano Energético Nacional está neste momento a ser repensado. A Comunidade Económica Europeia quer fundamentalmente reduzir a sua dependência petrolífera e por isso apela ao gás natural.

O Plano Energético Nacional (PEN) está a ser revisto, ao mesmo tempo que se atende à possível implementação em Portugal da utilização do gás natural. Usando da palavra no III Colóquio Nacional da Indústria dos Gases Combustíveis, o secretário de Estado da Indústria e Energia acentuou que a introdução do gás natural em Portugal é uma das implicações da nossa adesão à Comunidade Europeia.

«Como projecto autónomo a utilização deste tipo de energia não tem viabilidade económica e financeira» referiu o secretário de Estado, acrescentando, no entanto, que tal implementação pode ser apoiada pela Comunidade.

Luís Todo Bom justificou este apoio comunitário ao desenvolvimento da introdução do gás natural em Portugal pelo facto de a CEE querer diminuir a sua dependência petrolífera e por razões de segurança e de ambiente.

O secretário de Estado revelou também que o assunto foi abordado na última «cimeira» entre os primeiros-ministros de Portugal e Espanha e decidido constituir uma equipa para elaborar um estudo sobre esta matéria, a entregar no prazo de seis meses em Bruxelas.

A revisão do Plano Energético Nacional terá como linhas de orientação a melhor utilização possível da energia e a sua relação com o desenvolvimento industrial de Portugal — salientou Luís Todo Bom.

O presidente da Associação Portuguesa dos Gases Combustíveis, Ferreira dos Santos, sublinhou a utilização do gás natural em Espanha, salientando que já hoje seis cidades espanholas são abastecidas por esta forma de energia e que em 1992 a sua utilização triplicará de volume.

O presidente do Instituto Português da Qualidade, Machado Jorge, afirmou que este organismo apoiará todas as acções que visem incentivar o trabalho normativo que exija experimentalidade e revelou que vão ser criados novos departamentos de normalização sectorial.

Revelou também que se encontra em fase adiantada de revisão o decreto-lei sobre a utilização dos aparelhos e componentes dos termodomésticos, de forma a adaptar o diploma às normas comunitárias e a uma melhor segurança dos consumidores.

Ao realizar este colóquio, a Associação Portuguesa dos Gases Combustíveis comemora simultaneamente o décimo aniversário da sua constituição e os 140 anos sobre o nascimento da indústria do gás em Portugal.

Para economizar munições

Exército treina com laser

O Exército vai dispor de um simulador de tiro à base de laser que permitirá a este ramo das Forças Armadas uma grande economia de munições durante a instrução. O aparelho, totalmente concebido por técnicos portugueses, consiste num emissor de raios laser colocado na arma e numa série de detectores situados no capacete e no corpo dos soldados, os quais ouvem um sinal sonoro intermitente quando um tiro passa perto, ou contínuo se são «atingidos».

Conhecido como SITPUL, abreviatura de Sistema de Instrução de Tiro de Pequenas Unidades Utilizando Lazer, o aparelho resulta de um protocolo assinado há pouco mais de um ano entre o Estado-Maior do Exército, o LNETI, a INDEP e a EID, prevendo-se que dentro de seis meses o Exército receba as primeiras cem unidades operacionais.

O custo total do aperfeiçoamento do protótipo ontem experimentado, e dessas cem unidades a fabricar é de 160 000 contos, o que representa um bom investimento, atendendo a que o consumo anual de munição de calibre 7,62 ronda actualmente os quatro milhões de cartuchos.

O SITPUL, além de permitir poupar até 50 por cento dessa munição, colocará ainda a indústria nacional, através da INDEP, em condições de competir no mercado internacional, exportando o simulador

Militares portugueses, que assistiram recentemente em Espanha a uma demonstração do simulador «Miles» de fabrico norte-americano, disseram à Anop que o simulador português é mais sofisticado e permite uma avaliação mais rigorosa dos resultados da instrução em condições de combate.

Um sistema de controlo electrónico identifica os disparos das várias armas em presença e permite saber exactamente qual das forças envolvidas sofreu mais «baixas», quais os soldados que demonstraram maior pontaria e quais os que cometeram mais erros, expondo-se ao «fogo» do inimigo.

Durante a demonstração ontem feita no LNETI, primeiro numa cave e mais tarde ao ar livre, o chefe do Estado-Maior do Exército, general Salazar Braga, acertou à primeira no alvo, depois de outros militares de alta patente, incluindo o vice-chefe Firmino Miguel, terem acertado à segunda ou terceira tentativas, com uma espingarda G-3.

A demonstração ao ar livre, com um soldado a disparar e outro a servir de alvo em movimento, embora mais espectacular devido aos estampidos de pólvora seca, mostrou que o emissor de laser não estava afinado para um dia de sol forte.

O director do LNETI, Veiga Simão, salientou no final dos trabalhos de demonstração «o espírito de equipa» dos comparticipantes do projecto, que disse ser «um exemplo para cimentar a inteligência nacional».

«O LNETI deseja ajudar à modernização das Forças Armadas, que também contribuem, assim, para o desenvolvimento nacional. Uma nova era vai nascer destes esforços e as Forças Armadas poderão ser o fomentador do desenvolvimento nacional e tornarem-se um grande parceiro do progresso em Portugal» — disse Veiga Simão.

GNR: novo chefe do Estado-Maior

O coronel de infantaria António João Soares tomou posse das funções de chefe do Estado-Maior da Guarda Nacional Republicana em cerimónia realizada ontem no Quartel do Carmo.

António João Soares substitui no cargo o brigadeiro Marquilhas, por este ter sido designado para exercer no Exército as funções de director do Serviço de Educação Física do Exército.

O brigadeiro Marquilhas deixa a GNR após serviços de quatro anos considerados «relevantes, extraordinários e distintos» em louvor público que lhe foi feito pelo ministro da Administração Interna, refere uma nota da GNR.

O coronel António João Soares, antes de ser nomeado para as novas funções, já prestava serviço na Guarda Nacional Republicana, desde Maio de 1983, como chefe da 4.ª Repartição (logística) e, mais recentemente, como subchefe do Estado-Maior.

COLHA O FRUTO ANTES DO TEMPO

AGORA

RECEBA O JURO À CABEÇA

Não fique à espera do que pode ter já hoje.
As OBRIGAÇÕES DO TESOURO — SEM CUPÃO,
lançadas agora pela primeira vez, à subscrição pública, dão-lhe a oportunidade
de adquirir um título por custo inferior ao seu valor.
O que significa a garantia certa e segura de um investimento absolutamente vantajoso.
As OBRIGAÇÕES DO TESOURO — SEM CUPÃO
têm um juro fixo de 13%, durante dois anos, que é descontado no valor dos títulos adquiridos.
E dão-lhe ainda a vantagem da total isenção de impostos
incluindo o imposto sobre sucessões e doações.
Os Títulos são de 1 ou 5 Obrigações no valor nominal de 10.000$00 cada
e correspondem a um empréstimo com a duração de dois anos.
Subscreva já OBRIGAÇÕES DO TESOURO — SEM CUPÃO
nos balcões da Junta do Crédito Público ou
nas Instituições de Crédito.
A subscrição poderá também ser feita por correspondência.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO · SEM CUPÃO ·

OBRIGAÇÕES DO TESOURO-SEM CUPÃO
1986/88

O cupão, devidamente preenchido, deverá ser enviado a:
JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO
Praça do Comércio, 1194 LISBOA CODEX
Subscrevo ____ OBRIGAÇÕES DO TESOURO — SEM CUPÃO 1986/1988
no valor de 7.830$00 cada o que perfaz o capital de
Nome:
Endereço
N. Cheque
Banco
N. Vale Postal

bmor

Julgamento de Monsanto recomeçou com alegações finais

Procurador considerou Otelo fundador e dirigente das FP-25

Retomando a tese do despacho de pronúncia, Teodósio Jacinto pode vir a pedir uma pena de 13 a 20 anos de prisão. Para os arrependidos já pediu isenção de pena.

O representante do Ministério Público no julgamento do primeiro processo das FP-25 considerou ontem que Otelo Saraiva de Carvalho fundou e dirigiu aquela «associação de terroristas», incorrendo numa pena que pode ir de um mínimo de 13 anos e quatro meses até 20 anos de prisão.

Durante a 218.ª sessão do julgamento de Monsanto, que esteve interrompido durante quase três semanas, o procurador, Teodósio Jacinto, proferiu a primeira parte das suas alegações finais, tendo reiterado a tese do despacho de pronúncia, segundo o qual o Projecto Global (PG), encabeçado por Otelo, se identifica com as FP-25.

Ao iniciar as suas alegações, Teodósio Jacinto considerou igualmente provado que a organização «PG/FP-25» visava a «destruição da democracia portuguesa pelas armas», adiantando que o julgamento provou também que as FP-25 levaram à prática de 12 homicídios, sete baleamentos e pelo menos 20 atentados à bomba.

Referindo-se expressamente a Otelo e Mouta Liz, entre outros, o procurador da República afirmou que os dirigentes políticos das FP-25 «são ainda mais responsáveis que os próprios operacionais».

Em relação aos quatro réus «arrependidos», Teodósio Jacinto considerou que o Tribunal devia insentá-los de qualquer pena.

«O comportamento dos réus que colaboraram com a justiça — estamos num Estado democrático — configura-se inequivocamente como atitude de defesa da democracia portuguesa, a qual, sem a sua própria protecção, consignou legalmente o instituto de isenção da pena para situações desta natureza» — sublinhou.

Subproduto

Primeiro com algumas risadas, depois num silêncio aparentemente consternado, os réus do primeiro processo das FP-25 ouviram ontem, durante cerca de três horas, a primeira parte das alegações do procurador, que os classificou como «terroristas» e «um subproduto histórico da democracia portuguesa».

Otelo, que entretanto deixou crescer uma barba grisalha, ouviu mesmo ser apontado como fundador e dirigente de uma organização onde a única diferença com «um puro bando armado do tipo FP-27» era a existência de uma «direcção política».

«Está provado que o Projecto Global/PP-25, fundado e dirigido por Otelo Saraiva de Carvalho, Pedro Goulart, Mouta Liz e outros, é uma organização terrorista armada» — começou por afirmar Teodósio Jacinto.

O procurador da República insistiu no cáracter «intolerável» do terrorismo e na sua «incompatibilidade» com a democracia. Citando um jurista francês, disse: «Escolher a violência em vez da persuasão é uma escolha a favor do crime contra a política».

Segundo afirmou, o «Projecto Global/FP-25» constituiu «uma organização de terrorismo urbano, típico das democracias demo-liberais, correspondendo a sua escola as Brigadas Vermelhas italianas e parcialmente à RFA».

Contudo — acrescentou o procurador — as FP-25 não passaram de «um simulacro» daquelas organizações «devido à incapacidade dos seus elementos», «lutas intestinas» e «resposta atempada das instituições democráticas portuguesas».

O representante do Ministério Público considerou igualmente provado que a FUP e as FP-25 se articulavam no âmbito do mesmo «Projecto Global» e que esta organização levou à prática «assaltos à mão armada, sobretudo a empresas e instituições de crédito, como forma de autofinanciamento».

Insistindo no carácter «terrorista» das FP-25, o procurador classificou de «propaganda» os «propósitos pseudo-revolucionários» daquela organização.

O julgamento prossegue esta tarde, ainda com Teodósio Jacinto no uso da palavra.

Alarme de bomba no BESCL em Beja

A agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (BESCL), em Beja, teve de ser ontem evacuada, ser das 15 horas, após um telefonema anónimo indicar que estava nas instalações uma bomba pronta a explodir. Ao local deslocou-se uma brigada de minas e armadilhas da PSP que constatou tratar-se de um falso alarme.

Emigrante vem de Paris para fazer greve de fome

Manuel dos Santos Súbtil, um emigrante português em Framça, que ainda recnetmente, conforme noticiámos, fez greve de fome frente ao Comsulado do nosso país em Paris, partiu hoje para Lisboa a fim de encetar idêntica forma de luta junto ao Ministério das Finanaças, no Terreiro do Paço.

Antigo proprietário de uma pequena empresa de transporte de móveis, Manuel Súbtil acusou há cerca de dois anos os Serviços Alfandegários portugueses de práticas de corrupção, tendo mesmo chegado, segundo adirma, a apresentar queixa na PJ do Porto. A partir de então, e ainda de acordo com a sua versão, foi vítima «de toda uma série de dificuldades e de multas», que levaram à sua falência, pelos que «está pronto a morrer», se não lhe for feita justiça.

Casal que fazia abortos acusado de morte de cliente

Um casal que se dedicava a praticar abortos foi ontem detido em Águeda pela Polícia Judiciária, na sequência das investigações relacionadas com a morte de uma mulher de 37 anos, residente naquela vila. A falecida terá sido vítima de um aborto praticado há cerca de duas semanas pelo casal, cuja prisão foi confirmada pelo juiz de Instrução Criminal de Aveiro. De acordo com a PJ, os métodos utilizados pelo casal «tinham todas as características de primitivos, mesmo medievais».

Diz Comando Naval dos Açores

Tripulante de iate francês ainda não foi encontrado

O tripulante do iate francês «Royal», que naufragou na passada quinta-feira a mil milhas dos Açores, continua por encontrar. O Comando Naval dos Açores prossegue as suas buscas, tendo entretanto descoberto e recolhido outro dos participantes da regata França-Antilhas, o tripulante do veleiro «Jean Stalaven».

Um porta-voz daquele comando disse serem remotas as hipóteses de localizar o velejador solitário do «Royal», também participante na regata França-Antilhas. O mesmo porta-voz anunciou entretanto que o Comando Naval dos Açores havia recolhido o tripulante do «Jean Stalaven» para que não se julgue que se tratou do solitário ocupante do veleiro «Royal».

A mesma fonte desmentiu assim que o náufrago do «Royal» tenha sido encontrado e adiantou que as buscas iniciadas no passado fim-de-semana foram hoje retomadas por aviões de França, Inglaterra e Portugal, que sobrevoam a zona do naufrágio na esperança de encontrarem o tripulante deste «trimaran» em algum salva-vidas. Mas a hipótese de ter sobrevivido a vários dias de mar alteroso é remota.

As operações de busca e salvamento são coordenadas pelo centro de Ponta Delgada, que informou da ocorrência do naufrágio de outro iate participante nesta regata, mas cujo tripulante foi salvo.

Um forte temporal assolou o Atlântico Norte nas últimas duas semanas, provocando, além destes naufrágios, o afundamento de um cargueiro grego de 6000 toneladas, a 200 milhas da ilha de S. Miguel, como ontem o «DL» noticiou.

O mesmo informador referiu que após uma vistoria do «Royal», que se encontra virado no Atlântico, se verificou a falta de uma balsa salva-vidas, presumivelmente usada pelo náufrago.

As buscas em curso pelos meios aéreos visam localizar esse salva-vidas — referiu 6, admitindo como remotas as possibilidades de sobrevivência do velejador, cinco dias depois de se ter perdido o contacto com o «Royal».

De qualquer modo, as notícias sobre o solitário tripulante do «Royal» são desencontradas. Veja-se por exemplo que uma outra fonte garantiu que o velejador francês foi recolhido por um navio grego depois de dois dias à deriva numa balsa salva-vidas — segundo testemunho do próprio à RTP-Açores.

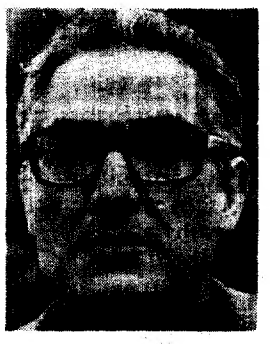
Uma fonte do Comando Naval dos Açores adiantou ontem serem muito remotas as probalidades de ser encontrado este iatista, que participava numa regata entre a França e as Antilhas.

O velejador disse também á televisão açoriana que pretende recuperar o seu «catamaran», que se encontra virado no Atlântico.

Brasileiro com cocaína detido em Pedras Rubras

Um cidadão brasileiro foi detido no passado sábado no aeroporto de Pedras Rubras, no Porto, por transportar um quilo e 200 gramas de cocaína em duas latas de feijoada devidamente fechadas. As autoridades policiais admitem que «esta operação não está relacionada com uma outra, recente, em que foi detido um cidadão de nacionalidade peruana, que transportava em duas malas de viagem 8,100 quilogramas de cocaína». «A cocaína — segundo um informador da Alfândega do Porto — destina-se habitualmente ao Norte de Espanha, porque os consumidores portugueses estão sobretudo dependentes do consumo de haxixe e heroína».

ARTIGO DE FUNDO



Mário Castrim

Uma boa notícia, melhor, uma notícia óptima, aqui vos trago. Com urgência, porque, nos tempos que vão correndo, as boas notícias (caramba!) devem aproveitar-se ***todas****!*

A questão é a seguinte: Portugal acaba de obter a sua primeira vitória no campo da estatística. Todos os jornais do mundo falam disso. Ou seja: o nosso país passou para o primeiro lugar no que respeita ao número de universidades ***per capitas!***

Adianta-se que tal se ficou devendo ao interesse do capital privado que, finalmente, se decidiu a investir no desenvolvimento cultural do País. Com tamanho entusiasmo que o número de universidades privadas já ultrapassa o número de centros comerciais. Muitos investidores abandonaram a construção de complexos turísticos, lançando-se, em sua substituição, na construção de edifícios para universidades. Algumas empresas, em vista do fracasso do ***grande turismo*** *na última temporada, procederam à reconversão de hotéis de luxo em universidades igualmente de luxo. Considera-se garantida a rendibilidade.*

A expansão universitária far-se-á a nível nacional, conforme já foi anunciado nas jornadas da Beira Interior realizadas nas Termas do Monfortinho. Foi ali anunciado que naquelas termas, e noutras, muitas pensões (e até residências particulares) sofrerão algumas modificações — não muitas, em todo o caso — a fim de serem adaptadas à função universitária. Além disso, ao longo de toda a raia, será criada uma rede de universidades de modo a corresponder aos anseios mais profundos das populações. Como se isto não bastasse, decidiu o Governo criar a Universidade Aberta, a fim de ir lá onde as universidades privadas não podem ir. Ela funcionará na televisão, não se sabe ainda se incluída no «Par ou Ímpar» ou no «Clube Amigos Disney». Uma vez resolvida essa questão, a iniciativa arrancará! A menos que se criem estações de TV privadas, para o efeito.

«Com todas estas iniciativas *— terá comentado o Ministro —* **procuramos resolver o grave problema do analfabetismo no nosso país.**

Autarcas de Coimbra querem esclarecimentos sobre o FEDER

Os presidentes de Câmaras do distrito de Coimbra, reunidos em Vila Nova de Poiares sob a presidência do Governador Civil, decidiram diligenciar no sentido de obterem esclarecimentos sobre o estado do processo das verbas relativas ao Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

No encontro, para além das questões gerais, os autarcas debruçaram-se sobre algumas das necessidades comuns aos seus concelhos, da construção de estradas ao combate aos fogos florestais.

Sobre a regionalização, defendendo um estudo com critérios bem definidos, os presidentes de Câmaras presentes sublinharam que qualquer processo deve ter em conta, acima de tudo, os interesses do povo e do país, com base na ampla discussão participada pelos munícipes

.Os autaracas decidiram, ainda, empreender diligências junto da Comissão de Coordenação Regional da zona Centro no sentido de obterem «esclarecimento urgente, concreto e objectivo sobre o estado do processo das verbas relativas ao Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER)». Como o «DL» atempadamente divulgou, as verbas do FEDER, anunciadas em Maio, ainda não chegaram a muitas das autarquias comparticipadas, o que determinou que obras iniciadas por diversos Municípios tenham ficado a meio, uma vez esgotada a participação financeira das respectivas edilidades.

Obras intermunicipais

Outro tema ventilado na reunião foi o dos incêndios florestais, designadamente o decreto 55/86 que trata da orientação do sistema de prevenção, detecção e combate aos fogos. Recorda-se, a propósito, que a zona Centro do país tem sido a área mais atingida pelo flagelo dos fogos florestais. Nesta perspectiva, os autarcas defenderam que é urgente a reapreciação do decreto 55/86 «tendo em conta o papel responsável que na generalidade cabe às autarquias na defesa do património florestal».

O avanço dos estudos relativos à Estrada Nacional 17, a conhecida Estrada da Beira, e a continuação das obras ali iniciadas, desde Coimbra a Celorico da Beira, foi outro ponto debatido dado o grande interesse regional desta via de comunicação.

Os autarcas consideraram tambem indispensável, como complemento daquele eixo, o arranque da Estrada Nacional 17-1.

Outra das conclusões refere-se á reactivação das obras intermunicipais. A implementação dessas obras, segundo os autarcas reunidos em Coimbra, «provou a sua alta rentabilidade» sendo «a solução de muitos problemas comuns da forma mais útil que outras antes e depois ensaiadas».

Na reunião foi tambem preconizado «o estudo cuidadoso das obras do baixo Mondego», dado o seu peso na produção agrícola e as vias de comunicação que lhes estão ligadas».

Um chefe e dois agentes extorquiam dinheiro a comerciantes

Detida uma brigada da Inspecção Económica por suspeita de corrupção

A Polícia Judiciária deteve ontem três elementos (o chefe e dois agentes), de uma brigada da Direcção-Geral de Fiscalização Económica suspeitos da prática de alguns crimes de corrupção em várias zonas de Lisboa e arredores.

Ao que o «DL» apurou, o chefe Fernando Passos e os agentes Leonildo de Almeida e Ângelo Branco, em exercício das suas funções, exigiam aos proprietários de estabelecimentos comerciais quantias na ordem das dezenas de contos, elaborando depois de receberem o dinheiro exigido um boletim informativo de rotina, que apresentavam nos respectivos serviços, sem nele mencionarem a existência de quaisquer irregularidades.

Refere a PJ, que, no curto período de dois meses, os referidos funcionários «conseguiram extorquir várias centenas de contos, chegando ao ponto de, nalguns dos casos, acompanharem as vítimas aos bancos onde estas tinham contas abertas a fim de levantarem as importâncias exigidas».

Recorde-se que o «DL» já se referira, em primeira mão, a este processo, na altura ainda em fase de investigações, ao publicar a 6 do corrente um artigo sob o título «Corrupção na Inspecção das Actividades Económicas», no qual divulgava os nomes de três das empresas alvo de extorsão dos três fiscais agora detidos (a «Costa Campos», a «Saal» e a «Marriott»).

Condutor de carrinha adormeceu ao volante

Cinco mortos e 20 feridos num acidente em Bragança

Cinco mortos e vinte feridos foi o trágico balanço de um acidente rodoviário ocorrido ontem de manhã no lugar de Agrochão, a cerca de 40 quilómetros de Bragança, quando uma carrinha de caixa aberta, procedente de Mondim de Basto, embateu contra um poste de iluminação pública.

A viatura sinistrada, propriedade da empresa Soenzim, transportava operários que estavam a trabalhar na construção de uma escola secundária naquela cidade, tendo as cinco vítimas mortais sido identificadas como Alfredo da Silva Pires, Manuel Alfredo Martins, Carlos da Silva Torres, Fernando Teixeira Machado e António Manuel Pires da Silva. A GNR admite que o condutor da viatura, Manuel da Conceição Alves, que sofreu o arrancamento de uma orelha, tenha adormecido ao volante.

Estação Agronómica tem meio século

O Presidente da República inaugurou ontem, na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras, as novas instalações do departamento de entomologia, acto que encerrou as comemorações do quinquagésimo aniversário daquela instituição.

Mário Soares, acompanhado pelo ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação, Álvaro Barreto, presidiu, anteriormente, a uma sessão solene comemorativa do meio século de actividade daquela instituição.

O director do estabelecimento, Carvalho Cardoso, e o chefe do departamento de entomologia, Óscar Amaro Sequeira, historiaram a actividade da Astação Agronómica, pondo em relevo a sua extensa colaboração para o desenvolvimento da agricultura portuguesa e a importância dos estudos de entomologia para esse mesmo desenvolvimento.

As comemorações do 50.º aniversário da Estação Agronómica Nacional decorreram ao longo de todo este ano, com cerca de duas dezenas de realizações que incluiram colóquios e sessões científicas especializadas.

No final da sessão, foram distribuídas medalhas de mérito a cerca de duas dezenas de funcionários mais antigos daquele estabelecimento.

INTEGRAÇÃO DOS
TRABALHADORES AGRÍCOLAS
NO REGIME GERAL
DA SEGURANÇA SOCIAL

A partir de 1 de Janeiro de 1987, os 510 mil trabalhadores agrícolas que estão enquadrados pelo regime especial de Segurança Social passam a estar integrados no Regime Geral.

O regime especial agrícola, actualmente em vigor, impede que se conceda melhores subsídios de doença e de desemprego.

Contudo, a partir de 1 de Janeiro de 1987 as condições sociais dos trabalhadores agrícolas vão ser substancialmente melhoradas, embora a participação para a solidariedade social do sector agrícola tenha que ser maior.

No que se refere ao regime contributivo a legislação aprovada estabelece uma taxa global de 29%, o que permite uma redução relativamente às entidades patronais e aos trabalhadores agrícolas que no regime geral estavam sujeitos à taxa de 32,5%.

Vai haver um regime de transição de 7 anos para as explorações agrícolas, cujos trabalhadores estavam abrangidos pelo regime especial até atingirem aquele valor de 29%.

MAIS BENEFÍCIOS. Os trabalhadores agrícolas, passam a usufruir do esquema completo dos benefícios em vigor para os demais trabalhadores, pelo que são significativamente melhorados os seus quantitativos mínimos e reais.

São melhorados de forma expressiva **o subsídio de doença, o subsídio de desemprego, as pensões de velhice e invalidez, o subsídio por morte, as pensões de sobrevivência e o complemento de pensões para grandes inválidos.** Os trabalhadores agrícolas passaram também a ter direito, e já a partir de Dezembro, ao complemento de cônjuge a seu cargo e ao subsídio por assistência a filhos doentes.

Agora melhores condições de vida.

CONDIÇÕES IGUAIS ÀS DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO, INDÚSTRIA E SERVIÇOS

MELHORES PRESTAÇÕES DO QUE ATÉ AQUI NOS SUBSÍDIOS DE DOENÇA, DE DESEMPREGO E POR MORTE

CONTRIBUIÇÕES MENSAIS DOS BENEFICIÁRIOS, PAGAS PELAS ENTIDADES PATRONAIS, DE ACORDO COM O TRABALHO EFECTIVAMENTE PRESTADO

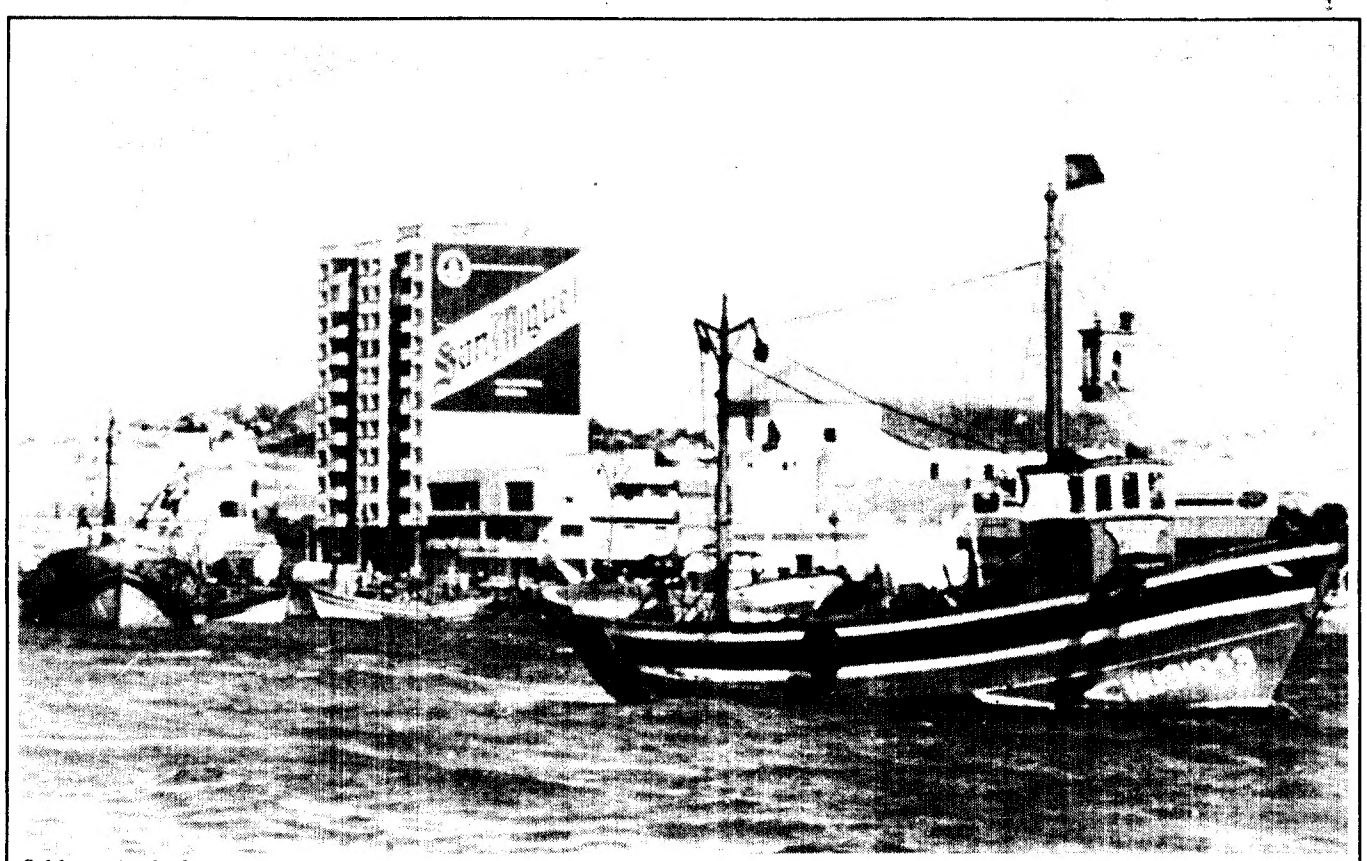
TAXAS CONTRIBUTIVAS AO NÍVEL MAIS BAIXO PREVISTO PARA O REGIME GERAL

A PARTIR DE 1 DE JANEIRO 1987

SEGURANÇA SOCIAL

Mais Segurança Social

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL
Secretaria de Estado da Segurança Social



O bloqueio da fronteira Vila Real de Santo António/Ayamonte, visto do lado português

Por causa do langueirão português e do polvo espanhol

Barcos mantêm bloqueio à fronteira do Guadiana

Comerciantes de Vila Real apreensivos com a situação

A fronteira de Vila Real de Santo António continuava esta manhã fechada, mantendo-se o bloqueio aos «ferries» que a ligam a Ayamonte. Meia centena de barcos impede a sua saída de ambos os lados da fronteira, com o objectivo de pressionar os governos dos dois países a retomarem as negociações com vista à celebração de um acordo de pesca na foz do Guadiana. O comércio de Vila Real de Santo António tomou já ontem posição contra esta situação, uma vez que depende quase exclusivamente dos espanhóis e, portanto, da abertura da fronteira entre os dois países.

A situação mantém-se inalterável mas tende a tornar-se confusa, caso os comerciantes de Vila Real e de Ayamonte — onde se deslocam muitos portugueses — tomem posição. «Não se vende nada» e «isto não pode continuar», eram lamentos esta manhã ouvidos na vila pombalina (Vila Real de Santo António). Aliás, esses estabelecimentos estavam «às moscas», havendo mesmo alguns que nem sequer abriram hoje.

A Secretaria de Estado das Pescas mantém a sua posição, de resto ontem já conhecida: não ceder a pressões deste tipo. Um elemento da comissão representativa dos armadores e pescadores portugueses e espanhóis mostrou-se entretanto «convicto» de que as negociações serão retomadas em breve. Esta manhã, o dirigente dos armadores de Vila Real, António Francisco, adiantou nesta vila que a situação não se alteraria enquanto o caso não fosse decidido. O vereador da Câmara, João Faustino Ribeiro, que ontem veio a público apoiar a luta dos armadores e pescadores do Sotavento algarvio, chamou esta manhã a atenção, através da «Rádio Guadiana», para a outra face da questão: o comércio local.

Em fila indiana, meia centena de barcos bloqueiam as saídas e entradas da fronteira Vila Real-Ayamonte, nos dois cais do Guadiana. A pressão tomou a forma de um ultimato para que os governos de Portugal e Espanha retomem as negociações para um acordo de pescas na zona. Esse ultimato é de 72 horas e termina às 8 horas de quinta-feira.

Espanhóis alijam responsabilidades

Um responsável pela Associação dos Armadores do Guadiana disse à Anop que «Logo que o Governo anuncie essa data, os pescadores levantarão ferro».

O bloqueio, segundo a mesma fonte, foi decidido por comum acordo entre associações e pescadores espanhóis e portugueses de Isla Cristina, Ayamonte, Vila Real de Santo António e Tavira.

As negociações para um convénio luso-espanhol de pesca na foz do Guadiana «arrastam-se» há quase dois anos, tendo-se realizado dois encontros e adiadas por quatro vezes, nos últimos meses, novas reuniões. «Quem espera desespera», dizem os pescadores, para quem o bloqueio da fronteira «foi a única forma de protesto que será ouvida».

Subitamente, responsáveis espanhóis do sector das pescas pretendem atribuir a Portugal as responsabilidades pelo atraso no reinício das negociações, o que até ontem ninguém afirmara. Foi o caso, com efeito, do n.º 1 da Direcção-Geral de Pesca do Governo Autónomo de Andaluzia mostrou surpresa por este bloqueio e insistiu em que até agora não se negociou o acordo pesqueiro «porque Portugal não tem vontade de negociar».

O director-geral de Pesca de Andaluzia, Fernando Gonzalez Vila, reconheceu que não tem sentido atrasar o convénio e que as conversações se romperam em Fevereiro passado por decisão unilateral da delegação portuguesa.

Delegações dos dois países já se reuniram por duas vezes, sem que tivessem chegado a um convénio e o reinício de novo encontro já foi adiado quatro vezes.

Os autores do bloqueio, que representam Associações de Armadores e Pecadores, de Isla Cristina e Ayamonte, por Espanha, e Vila Real de Santo António e Tavira, por Portugal, exigem que as autoridades fixem uma data para negociações no prazo de 72 horas, a contar da manhã de ontem.

Trocar langueirão por polvo de Espanha

O encontro entre um representante do Governo Civil de Faro, um da Câmara Municipal e outro da Associação de Armadores para análise da situação criada não deu resultados.

João Ribeiro, vereador da Câmara de Vila Real responsável pelo pelouro das Pescas, afirmou que a edilidade já tinha alertado o Governo português para o perigo desta situação. Disse que a Câmara compreende a posição dos pescadores e armadores, dado que estes têm de cumprir compromissos bancários e, parados por falta de acordo, não o conseguem fazer, enquanto os pescadores não estão a ganhar o suficiente.

«É uma posição digna: eles só exigem a marcação de uma data para que ambas as administrações se sentem à mesa e tentem chegar a acordo», disse João Ribeiro.

Entretanto, o armador António Francisco disse que os armadores e pescadores dos dois países continuam unidos, referindo que os portugueses estiveram em contacto com a Secretaria de Estado das Pescas, a qual não negoceia sob pressão. Mas — disse António Francisco — «não estamos a impor negociações; só queremos a marcação da data para se recomeçar as negociações».

Este armador adiantou que os interessados portugueses e espanhóis «já chegaram a acordo, inclusivamente no número de licenças a trocar, e remeteram para os dois governos as suas decisões».

Os portugueses querem licenças para o tresmalho, o cerco e a pesca do polvo com alcatruzes em águas espanholas; os espanhóis pretendem licenças de pesca da conquilha e langueirão.

Passagem fechada aos automóveis

Populares "cortaram" via férrea em Gaia

Mais de uma dezena de comboios de passageiros e de mercadorias foram ontem impedidos de circular normalmente na Linha do Norte durante cerca de duas horas e meia devido à ocupação da via-férrea perto de Coimbrões, no concelho de Vila Nova de Gaia. Centenas de populares «cortaram» por duas vezes, com travessas, a linha, provocando atrasos substanciais a vários comboios da Linha do Norte entre Porto e Lisboa e vice-versa.

A acção dos populares que por duas vezes, ontem à tarde, bloquearam a linha férrea do Norte no lugar do Carvalha — entre Valadares e Vila Nova de Gaia — visou protestar contra o encerramento da passagem de nível local ao trânsito automóvel.

Em recente reclassificação, os Caminhos de Ferro Portugueses (CP) decidiram encerrar a passagem de nível de Carvalhinho ao trânsito de viaturas, tendo as obras de vedação sido iniciadas ontem por trabalhadores da CP.

Na sequência de um apelo generalizado por todo o lugar, a população ocorreu em peso junto da linha férrea e bloqueou a passagem de comboios nos períodos compreendidos entre as 14.15 e as 15.20 e as 15.50 e as 17 horas.

A Polícia de Segurança Pública do Porto e de Vila Nova de Gaia foi chamada a intervir para desocupar a via-férrea, mantendo-se no local para garantir a circulação dos comboios.

Por iniciativa da CEE

Compensações para produtores de ovinos e caprinos

Os produtores portugueses de ovinos e caprinos com rebanhos de mais de dez animais passam a beneficiar, já este ano, de um prémio instituído pela CEE, num valor aproximado de mil escudos por cabeça.

Uma portaria do ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação, que aguarda publicação no jornal oficial, estabelece que os produtores de carne de ovinos e caprinos deverão apresentar os seus pedidos à atribuição do prémio durante o período compreendido entre 1 de Dezembro de 1986 e 31 de Março de 1987.

O prémio, que vigora para todos os países da Comunidade, e que Bruxelas deverá estabelecer em Ecus no princípio de 1987, destina-se a compensar a produção de perdas de rendimentos provenientes da diferença entre a média dos preços constatados no mercado e o preço base fixado para a campanha anterior.

Compete à Junta Nacional dos Produtos Pecuários proceder à recepção, apreciação e verificação dos requerimentos apresentados pelos produtores de carne de ovino e caprino para a obtenção dos respectivos prémios.

A Junta e suas delegações, as direcções regionais de agricultura, as câmaras municipais e as associações de produtores de ovinos e caprinos das áreas das explorações em que se encontrem os animais são entidades receptoras dos requerimentos.

Os prémios — disse um informador do Ministério da Agricultura — são atribuídos aos produtores que os requererem de acordo com o número de ovelhas e cabras consideradas elegíveis nos termos da regulamentação comunitária e declaradas no requerimento, desde que mantenham os animais na sua exploração agrícola durante, pelo menos, cem dias contados a partir do último dia do prazo estabelecido para a entrega dos requerimentos, neste caso, 31 de Março de 1987.

As ordens de pagamento dos prémios serão emitidas a partir de Junho de 1987, para a produção de 1986 — referiu a fonte.

Lotaria Nacional faz hoje 203 anos

A Lotaria Nacional, a segunda mais antiga do mundo, depois da espanhola, comemora hoje 203 anos de existência.

O director da Lotaria Nacional, António Branquinho, disse que a Lotaria Nacional prevê este ano um lucro de cerca de oito milhões de contos.

Aquele responsável pela Lotaria apelou para que a população «em vez se jogar nas rifas clandestintas que só beneficiam os exploradores do povo joguem na Lotaria Nacional».

Ao fazê-lo, segundo aquele responsável, está a contribuir «para a filantrópica obra de bem-fazer».

Segundo António Branquinho, a lotaria mercê do interesse que tem despertado no público continua a incrementar-se espectacularmente.

Revelou que o provedor da Santa Casa da Misericórdia, José Damasceno Campos, preside hoje à sessão de convívio com os 146 funcionários que trabalham na Lotaria Nacional.

Há mais de dois séculos que a Lotaria Nacional foi dada por concessão, precisamente no dia 18 de Novembro de 1783, pela rainha D. Maria I à Misericórdia de Lisboa.

A Santa Casa da Misericórdia sempre geriu a lotaria por forma a que as verbas anualmente arrecadadas lograssem maior expansão.

ANMP apresenta estatuto do eleito local

A direcção da Associação Nacional dos Municipios Portugueses entrega hoje em Lisboa, aos orgãos de soberania, um projecto que elaborou sobre o estatuto do eleito local.

O projecto «define os direitos e deveres do eleito local, numa perspectiva de dignificação dos autarcas». Esta é a opinião de Luis Monterroso, vice-presidente da Associação Nacional dos Municipios Portugueses.

Para o presidente da Câmara Municipal da Nazaré, este estatuto é um «documento imprescindível para os eleitos locais», pois defende o exercicio das funções autárquicas a tempo inteiro nas Juntas de Freguesia e «clarifica a forma de cálculo dos vencimentos dos autarcas».

O documento, que hoje será entregue ao Presidente da República e à Assembleia da República, recusa a atribuição de uma subvenção vitalícia aos autarcas, optando por «diferentes formas dce protecção e dignificação dos autarcas». «A subvenção vitalicia poderia ser interpretada e explorada como um privilégio», sustentou á ANOP Luis Monterroso.

No campo das remunerações, o projecto elaborado pela Associação Nacional dos Municipios Portugueses prevê a atribuião de um «subsídio de integração» para os autarcas que terminam o seu mandato, e não começam, desde logo, a exercer outra actividade. O documento aborda tambem a adequação da contagem do tempo de serviço «às especificidades da função autárquica».

Estatuto obteve vasto consenso

«Fundamentalmente, pretendemos proteger o eleito local de situações incompatíveis com as funções autárquicas que desempenhou durante mais de dez anos», prosseguiu um dos vice-presidentes do Conselho Directivo da Associação dos Municipios.

Luis Monterroso referiu, ainda, que o estatuto do eleito local foi, na generalidade, objecto de «um vasto consenso na Associação», e salientou que os autarcas «esperam a sua rápida aprovação na Assembleia da República».

«Esperamos que o processo seja pacifico na Assembleia da República e que a sua aprovação seja anunciada no dia 15 de Dezembro, na sessão parlamentar comemorativa dos dez anos do Poder Local», concluiu o presidente da Câmara Municioal da Nazaré.

Recorda-se que a elaboração do estatuto do eleito local foi uma das decisões saídas do Congresso da Associação Nacional dos Municipios Portugueses, reunido em Maio último em Montechoro.

"Chamava-lhe garota..."

Em Dezembro de 1940, quatro anos antes de se abatido em combate pelos nazis, Saint- Éxupéry passava por Lisboa e descobria uma espécie de «paraíso claro e triste» e a «ilusão da felicidade». Pela mesma altura, Jean Giraudoux, outro grande autor francês(igualmente falecido em 1944), visitava pela segunda vez a nossa bela cidade à procura do filho que se alistara no exército livre de De Gaulle e reencontrava a mesma surpresa de paz , o mesmo doce país que sentira anos antes(1916, noutra guerra), o mesmo país tão «longe, longe, da Europa que é preciso cuidado para não caírmos no mar...».

Foi David Mourão-Ferreira quem, ontem, ao fim da tarde, perante um público jovem e numeroso que o foi escutar ao auditório do Instituto Franco-Português, nos deu magníficas «Imagens de Lisboa na Literatura Francesa Contemporânea».

Da sua conferência, integrada no ciclo «A La Decouverte de Lisbonne», organizada pelo atento e dinâmico Instituto francês, e que inclui exibição de filmes, exposições(magníficos os quadros de Esther Gorbato sobre a parte antiga da «cidada branca» e as fotos do quotidiano lisboeta de Roland Laboye), e o lançamento do livro «A morte branca»(histórias vividas na nossa capital pelo escritor Pierre Kyria), ficou-nos também esta imagem: há olhos exteriores que entendem esta incrivelmente bela cidade de um modo mais apaixonado e autêntico que muitos dos nossos poetas e escritores.

Valery Larbaud esteve em Lisboa há exactamente 60 anos. Este grande poeta e escritor, que admirou profundamente Antero e repartíu por igual o seu amor pelas cidades, pelos livros e pelas mulheres, saboreou como poucos os nossos vinhos, o raro queijo de Azeitão, exaltou os «corpos esplendorosos» das varinas e cantou o Terreiro do Paço(veja bem, Abecasis...) como «nobre espaço solar», a «mais bela praça da Europa».

Paul Morand, outro cultor da nossa cidade, contará na correspondência com Giraudoux, momentos inolvidáveis percorridos em Lisboa a bordo desses magníficos «brinquedos» ribeirinhos: os eléctricos.

David Mourão-Ferreira prometeu contar mais do que poetas e escritores gauleses disseram de nós e de Lisboa. Como de Larbaud, ainda, igualmente atraído pela fonética lusa e que disse um dia: «se fosse casado com uma portuguesa chamar-lhe-ia garota».

EA

LATINA

Títulos de Capitalização Automática

TAXA FIXA

O INVESTIMENTO QUE RESISTE AO TEMPO

Os Títulos de Capitalização Automática **TAXA FIXA a 2, e 3 ANOS** são uma nova modalidade de Obrigações do Tesouro.
O valor de aquisição capitalizada a uma taxa fixa no início do empréstimo, válida para toda a vida do investimento.
O rendimento é, portanto, independente das oscilações das taxas do mercado financeiro.

Capital e juro beneficiam de isenção total de impostos.
Os Títulos podem ser livremente transaccionados na Bolsa de Valores.
Decida-se. Subscreva Títulos de Capitalização Automática TAXA FIXA ao valor de 10 000$ por Obrigação, aos balcões da Junta do Crédito Público (Lisboa e Porto) e das Instituições de Crédito.

Subscrição a partir de 17 de Novembro

TITULOS DE CAPITALIZAÇÃO AUTOMÁTICA
TAXA FIXA

Títulos de CAPITALIZAÇÃO AUTOMÁTICA • TAXA FIXA

Subscrevo _____ **Títulos a 2 ANOS** _____ **Títulos a 3 ANOS**
no valor de Esc.: _____
Nome: _____
Endereço: _____
N.º Cheque _____ Banco _____
N.º Vale Postal _____

...agora vale a pena poupar

Começou a discussão do Orçamento

Quase unanimidade parlamentar contra o optimismo do Governo

Parecer profundamente crítico da Comissão de Economia e Finanças sobre o OE/87 só não foi votado favoravelmente pelo PSD

O Orçamento do Estado para 1987 começou esta manhã a ser discutido na Assembleia da República, na presença do Primeiro-Ministro e diversos membros do Governo, com a leitura do parecer da Comissão Parlamentar de Economia, Finanças e Plano, de conteúdo profundamente crítico à proposta governamental do OE/87.

Nomeadamente, a Comissão duvida que a taxa de inflação possa descer para 8,5 por cento no próximo ano, se o Governo não actuar sobre a desvalorização do escudo ou sobre os preços administrados.

O parecer foi aprovado com os votos favoráveis do PS, PRD, PCP, CDS e MDP/CDE e apenas os votos contra do PSD. Leu-o na Assembleia, na sessão que principiou às 10 horas e 30, o relator da Comissão, deputado renovador-democrático Ivo Pinho. Logo de seguida o ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, leu o seu discurso de apresentação da proposta de Lei Orçamental para 1987, com o que principiou um debate na generalidade que conduzirá à previsível votação na quinta-feira.

Depois da votação na generalidade, as propostas baixarão à Comissão Parlamentar de Economia, Finanças e Plano para apreciação na especialidade.

Numa apreciação geral das propostas (OE/87 e GOP/87) a Comissão Parlamentar de Economia afirma que «a substancial baixa da inflação registada no ano corrente foi devida, essencialmente, à influência dos preços de importação».

«Não parece que os factores internos de controlo da inflação tenham tido grande peso» na baixa de crescimento dos preços durante 1986, lê-se no parecer da Comissão lido por Ivo Pinho, do PRD.

«Segundo os documentos apresentados no documento das GOP's para 1987, o deflacionador da procura total (11,2 por cento) resultou de uma combinação entre o deflacionador de menos 4 por cento para os preços da importação e o de 18 por cento para o produto interno bruto», salienta-se, para justificar a influência dos preços de importação na descida da taxa de inflação.

«Que razões farão esperar que o deflacionador do PIB caia bruscamente de 18 por cento no ano corrente para 8,6 por cento no próximo?», interroga a Comissão.

«O dólar já não baixará por certo muito mais. As previsões sobre a evolução dos preços do comércio mundial apontam para uma subida de 1,4 por cento em 1987, após uma descida de 9,3 por cento no corrente ano», salienta.

No entanto, a Comissão refere que «o Governo tem, é claro, possibilidades de ir actuando sobre a inflação através da política cambial e dos preços controlados, nomeadamente os preços dos principais produtos alimentares e preços das empresas públicas».

«Mas se tiver de o fazer em larga escala e durante muito tempo, acabará por criar desequilíbrios nas contas externas, as Finanças Públicas na situação das empresas, que se tornariam insuportáveis ao fim de algum tempo», adverte a Comissão.

Os deputados consideram, assim, «excessivamente ambiciosa» a meta do Governo de 8,5 por cento em matéria de inflação para o próximo ano.

As críticas da Comissão estendem-se também às previsões do Governo sobre o comportamento de outras variáveis macroeconómicas, nomeadamente o consumo e o saldo da balança de transacções correntes, que consideram subavaliados.

Sobre aquela última variável, a Comissão afirma que se torna «evidente que o Governo, nas suas estimativas, tem procurado intencionalmente subestimar o saldo positivo da balança de transacções correntes».

Na proposta de Lei do Orçamento para 1986, o Governo previa inicialmente que a balança apresentaria um défice de 700 milhões de dólares, posteriormente corrigido para 300 milhões, recorda-se no parecer.

A Comissão Parlamentar — salienta-se — estimou que, ao contrário, se conseguiria um «superavite» de 600 milhões de dólares, saldo positivo esse que o Governo afirma agora ser de 1100 milhões de dólares e que a «opinião generalizada» aponta como de 1800 milhões.

A Comissão critica, ainda, o facto de as Grandes Opções do Plano não terem indicações precisas sobre as políticas económicas que serão seguidas no próximo ano.

Cadilhe: a propaganda em francês

O ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, levou ao Parlamento uma das suas mais sonoras demonstrações de arrogância e autoconvencimento que não dispensou, inclusive, a apresentação em francês de três páginas do Relatório Económico Anual de 1986-87 da Comissão das Comunidades Europeias. Um terço na economia do texto escrito (menos de 10 páginas) com que apresentou a proposta governamental de Orçamento para 1987 é, de facto, obra para impressionar os bárbaros lusitanos!

Progresso bem visível no crescimento da economia, na melhoria do nível de vida das famílias e na confiança dos empresários e investidores; regulação controlada sem erros de activismo da política económica; visão estratégica a vários anos, no modo de lidar com a inflação, o desemprego, o investimento e os défices público e do comércio externo, de todas estas penas se enfeitou a actividade do Governo no seu primeiro ano de vida, a fazer fé no optimismo de Cadilhe.

O ministro insiste, no seu discurso escrito para ler depois do Relatório da Comissão de Economia, que «há estratégia, há progresso, há controlo: finalmente há esta conjugação em Portugal», coisa que «raramente tivemos, ou nunca tivemos neste grau e com esta solidez ao longo dos 12 anos de Democracia».

E depois das tais três páginas em francês em que a Comunidade Europeia coloca, de facto, na auréola do Governo uma bela pena de pavão, Cadilhe fornece os números fundamentais orçamentados para 87 e que a oposição, no parecer hoje divulgado, contesta muito vivamente. Eis o número-talismã citado por Cadilhe: défice orçamentado de 8,9 para 1987, quando em 86 era de 10,8 com estimativa de se fixar efectivamente em 8 por cento.

As posições ao soar o tiro de largada para a discussão de três dias são de facto incompatíveis: de um lado, a profunda crítica ao optimismo do Governo assumida por **todas** as oposições; do outro, este optimismo sem limites do ministro Cadilhe, confundível até comarrogância e autoconvencimento. Os debates poderão esclarecer de que lado está a razão, se tudo não se concluir com cada qual ainda mais enquistado na sua panóplia de razões, e as votações a dependerem de oportunos compromissos conjunturais.

DR

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA)
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$40	57$40
ALEMANHA FED. (marco)	73$10	74$30
ÁUSTRIA (xelim)	10$35	10$55
BÉLGICA (franco)	3$310	3$560
BRASIL (cruzado)	3$850	6$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$15	108$65
(notas de 5 a 1000)	106$65	109$15
DINAMARCA (coroa)	19$35	19$75
ESPANHA (peseta)	1$057	1$177
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$25	150$75
(notas de 5 a 1000)	147$75	151$25
FINLÂNDIA (marka)	29$85	30$45
FRANÇA (franco)	22$35	23$05
HOLANDA (florim)	64$70	65$80
IRLANDA (libra)	200$25	204$25
ITÁLIA (lira)	$096	$111
JAPÃO (iene)	$859	$914
NORUEGA (coroa)	19$60	20$10
REINO UNIDO (libra)	211$05	215$55
SUÉCIA (coroa)	21$20	21$70
SUÍÇA (franco)	87$85	89$35
VENEZUELA (bolívar)	5$20	6$20

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Frente Comum da Função Pública não aceita acordo com a UGT

Os trabalhadores da Função Pública, enquadrados nas negociações salariais pela Frente Comum, afectos à CGTP, manifestam-se hoje em Lisboa contra «**O comportamento inaceitável do Governo**« que lhes pretende impor a aplicação do acordo, entretanto, celebrado com os sindicatos afectos à UGT.

Os Sindicatos da Frente Comum foram ontem chamados ao Ministério, julgando que o Governo lhes ia apresentar uma nova proposta negocial, retomando dessa forma o diálogo suspenso desde Agosto.

«**No entanto**, disse Manuel Pinho do Sindicato dos Professores, um dos participantes na reunião, **o Governo, através do Secretário de Estado do Orçamento não avançou qualquer contraproposta, tendo-se limitado, a propor à Frente Comum a subscrição de um acordo assinado na última sexta-feira com a FESAP** (Frente Sindical da Administração Pública).

«O Governo recusa-se a fazer qualquer contraproposta, logo a negociar, e pretende única e exclusivamente que os sindicatos da Frente Comum assinem o acordo concluído com outras organizações sindicais», disse Manuel Pinho.

O sindicalista afirmou que face a esta situação os Sindicatos afectos à Federação Sindical da Função Pública vão reunir para estudar formas de luta.

Manuel Pinho disse que há disponibilidades orçamentais que permitem aumentos salariais para a função pública da ordem dos 14,3 por cento, havendo inclusive «uma rubrica com 19 a 20 milhões de contos que não se sabe onde vão».

O secretário de Estado do Orçamento divulgou entretanto um comunicadoo onde afirma que o acordo assinado na passada sexta-feira com a FESAP abrangerá cerca de 400 mil funcionários civis da administração central, perto de 200 mil pensionistas e cerca de 100 mil funcionários da administração local.

O acordo celebrado com a FESAP, onde estão representados mais de duas dezenas de sindicatos (quase todos filiados na UGT), terá de ser ratificado pelo Conselho de Ministros, sendo dele dado conhecimento aos parceiros sociais, através do Conselho Permanente de Concertação Social.

Ainda de acordo com o comunicado, a exigência apresentada pelo Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado para «mais um subsídio acessório para os quadros técnicos a acrescer a tantos outros já existentes» não pode ser aceite «já que iria enviesar ainda mais os regimes remuneratórios na função pública».

O comunicado indica que «conseguir-se-á um aumento do poder real de compra dos funcionários públicos na ordem dos 3 por cento o qual corresponde à inflação projectada para 1987 mais o aumento de produtividade nos serviços públicos nesse ano».

24 HORAS

A questão das Malvinas

O Governo britânico afirmou estar a estudar a proposta argentina para terminar com as hostilidades entre as duas nações se a Grã-Bretanha estiver disposta a desistir da «zona de protecção» pesqueira em redor das Falklands. Um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros argentino que aquele país está disposto a um cessar-fogo permanente em troca da anulação das 150 milhas de «zona de protecção» declaradas pelo Reino Unido. Este documento foi difundido quatro horas e meia antes do presidente Raul Alfonsin se encontrar com o seu homólogo norte-americano em Washington e propõe o fim das hostilidades para que se possa encetar um período de negociações.

Desarmamento

O secretário-geral da NATO disse que o Pacto de Varsóvia tem de negociar mísseis soviéticos de curto alcance e forças convencionais na Europa se as duas superpotências concordarem num tratado sobre forças nucleares de alcance intermédio. Lord Carrington falava num encontro de parlamentares da Aliança Atlântica a decorrer em Istambul. Após a retirada de mísseis de alcance intermédio dos EUA e da URSS haverá um desequilíbrio militar produzido pela presença de mísseis soviéticos de curto alcance na Europa, considerou Carrington.

Combate ao terrorismo

A mesma assembleia da NATO apelou para os Governos aliados para que não negoceiem com os terroristas ou com países que apoiem o terrorismo. A resolução, debatida e aprovada pela comissão política da assembleia, foi adoptada por unanimidade pela Organização Interparlamentar da NATO, que reúne 186 legisladores da Aliança Atlântica. A aprovação da resolução surge no seguimento de uma controvérsia da semana passada, ao ser anunciado que o presidente Ronald Reagan teria autorizado vendas secretas de armas ao Irão.

Ataque israelita

Quatro guerrilheiros feridos e um edifício de dois andares destruído foi o balanço do segundo ataque aéreo israelita, em menos de 24 horas, contra posições palestinianas no sul do Líbano, informaram fontes militares libanesas. As mesmas fontes acrescentaram que três helicópteros israelitas atacaram ontem à tarde o acampamento de refugiados palestinianos de Ain-El-Helenh, a Sudoeste da Cidade de Sidon, no sul do Líbano. Segundo fontes da segurança libanesa, os helicópteros mantiveram-se fora do alcance dos mísseis «SAM» da guerrilha palestiniana, mas tiveram de fazer manobras evasivas para escapar às rajadas de tiros dos palestinianos.

Eleições austríacas

A uma semana das eleições gerais austríacas, sondagens de opinião indicam que nenhum dos dois grandes partidos, o Socialista e o Popular (conservador), têm grandes possibilidades de conquistar, a 23 de Novembro, a maioria para formar Governo Sozinho. O actual chanceler, o socialista Franz Vranitzky, pronunciou-se num comício eleitoral contra todas as hipóteses de coligação, no caso de o seu partido não conquistar a maioria nas próximas eleições gerais.

Tensão na Argélia

Muitas cidades argelinas continuam sob tensão, embora sem violência, depois de um fim-de-semana de confrontos causados por estudantes universitários, nos quais, segundo fontes não oficiais, morreram três estudantes e um polícia na cidade de Constantina, a terceira maior cidade do país. Um tribunal de Constantina condenou 186 manifestantes a penas de dois a oito anos de prisão no decorrer de processos sumários, durante os quais, segundo as famílias dos copndenados, estes não tiveram tempo para organizar a defesa.

Ex-ministros assassinados

O chefe da Polícia do Lesoto confirmou, sem explicações, que dois ex-ministros e suas mulheres foram assassinados naquele pequeno reino encravado na África do Sul. O major-general James Dingizwayo, em declaração difundida pela rádio estatal Soto, disse que os cadáveres dos ex-ministros da Informação, Desmond Sixishe, dos Negócios Estrangeiros, Vincent Makhele, e das suas mulheres foram encontrados domingo nas montanhas próximo da capital, Maseru.

Ao receber hoje o líder da Mongólia

Kim Il Sung prova que está vivo

O presidente da República Popular da Coreia do Norte, Kim Il Sung, de 74 anos, apareceu hoje em público para desfazer rumores de que tinha sido morto, informa a agência noticiosa chinesa «Nova China» em despacho de Pyongiang.
De acordo com a «Nova China», Kim Il Sung deslocou-se ao aeroporto da capital da Coreia do Sul para receber pessoalmente o líder da Mongólia, Jambyn Bathmunk.
Entretanto a oposição sul-coreana exigiu a demissão do governo de Seul, por ter difundido uma «falsa notícia» sem se preocupar com a sua confirmação.
As autoridades da Coreia do Sul , citando notícias recolhidas junto à fronteira com o Norte, haviam informado que o líder norte-coreano tinha sido morto a tiro.

Embora rapidamente divulgada esta última informação, as autoridades de Pyongiang não a confirmaram nem desmentiram, embora a Embaixada da Coreia do Norte em Pequim se apressasse a comunicar que se tratava de «uma manobra propagandística».

Entretanto, diplomatas estrangeiros descreveram hoje a situação na capital da República Popular da Coreia como «absolutamente normal», com as ruas engalanadas com bandeiras da Coreia do Norte e Mongólia, por motivo da visita do dirigente estrangeiro.

As últimas 24 horas foram marcadas por uma «guerra informativa» entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte em torno da alegada morte do presidente norte-coreano Kim Il Sung e de um hipotético golpe de Estado durante o qual o ministro da Defesa teria tomado o poder naquele país.

As notícias sobre a morte do presidente daCoreia do Norte, dadas inicialmente pela Coreia do Sul, começaram depois a ser difundidas noutros países, nomeadamente no Japão.

Ontem, também a Televisão italiana dava como certa a morte de Kim Il Sung, citando o Partido Comunista Vietnamita em Hanói.

As notícias foram desmentidas por funcionários governamentais norte-coreanos em Pequim e em Tóquio e um diplomata neutral em Pyongiang afirmou que a vida na capital da Coreia do Norte decorria normalmente.

«Vi-o com os meus próprios olhos»

O aparecimento, hoje, de Kim Il Sung, foi o primeiro desde que começaram a circular notícias, durante o fim-de-semana, segundo as quais tinha sido assassinado ou estava envolvido na luta pelo poder.

«Vi-o com os meus próprios olhos e parecia estar bem de saúde e a sorrir», disse o representante comercial austríaco Wolfgang Entmayer, que, juntamente com outros 35 diplomatas, se deslocou ao aeroporto para ver se Kim iria aparecer. «Caminhava sozinho e nada havia de anormal nisso».

Kim, que usava um casaco e calças escuras, recebeu Bathmunk enquanto centenas de crianças agitavam bandeiras e flores, disse Entmayer numa entrevista à agência United Press International.

A agência noticiosa oficial norte-coreana, captada em Tóquio, anunciou que «o camarada Kim Il Sung saiu para o aeroporto para receber calorosamente o camarada Jambyn Bathmunk».

Entmayer disse que estiveram presentes à chegada uma banda militar e uma guarda de honra e que as estradas que ligavam o aeroporto ao centro da cidade estavam pejadas com as «multidões habituais» agitando bandeiras e cantando.

O filho de Kim e seu sucssor designadao, Kim Jong-Il, não estava no aeroporto, disse Entmayer, acrescentando que o jovem Kim não recebe normalmente os convidados de honra visitantes.

«Não ocorreu nada de extraordinário aqui, que eu saiba», disse Entmayer. «Não se registou ontem e hoje nada de anormal na Televisão ou na Rádio».

Director da Renault assassinado

O presidente francês, François Mitterrand, condenou o assassínio do presidente da Renault, George Besse, e reafirmou a necessidade de «reforçar a união contra o terrorismo».

O chefe de Estado, que se encontra em visita oficial por vários países da Africa subsariana, enviou uma mensagem a Paris por motivo do atentado, que foi lida por um porta-voz do Elíseu.

George Besse, de 58 anos, à frente da Renault desde 1985, foi assassinado às 20 e 25 horas locais de ontem a poucos metros da sua residência, na Avenida Edgar-Quinet, perto do centro comercial do bairro parisiense Montparnasse.

Os relatos das testemunhas do atentado são confusos. Uns dizem que os disparos procederam do interior de um automóvel, outros afirmam que foram feitos a partir de uma motocicleta.

Por outro lado, algumas testemunhas afirmam que no automóvel viajava um homem e uma mulher, enquanto outras asseguram que se tratava de duas raparigas.

A Polícia cercou imediatamente o bairro e o primeiro-ministro Jacques Chirac, acompanhado do encarregado da segurança, Robert Pandraud, esteve no local 50 minutos depois do atentado.

Eleições brasileiras

Sarney diz que composição do Governo não será alterada

O presidente do Brasil, José Sarney, disse não ter intenção de remodelar o governo em resultado das eleições legislativas de sábado que «representam a vitória do Plano Crzado e dos partidos da Aliança Democrática».

Os resultados das eleições «mostram o apoio do povo brasileiro ao nosso programa», sublinhou Sarney, num encontro em Brasília com correspondentes estrangeiros.

Sarney disse que as eleições não vão alterar a composição do seu governo, considerando que o triunfo pertence aos dois partidos que integram a Aliança Democráica, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido da Frente Liberal (PFL).

«Uma vez que o governo teve êxito nestas eleições» não há razão para que estas «conduzam a mudanças num ministério que ajudou a conseguir essa vitória», disse o presidente brasileiro.

O chefe de Estado brasileiro considera que o crescimento económico alcançado em 26 meses da Nova República, melhorando a distribuição da renda, elevando os salários reais e diminuindo o desemprego, explicam esta vitória.

Sarney anunciou ainda que o seu governo prepara novas medidas económicas para «corrigir distorsões do Plano Cruzado» e reafirmou a posição de não destinar mais de 20 por cento do produto interno bruto (PNB) para o pagamento da dívida externa do país.

Dos 23 Estados do país, o PMDB assegurou a vitória em 13 e provavelmente vencerá em outros seis, enquanto o PFL apenas conseguiu fazer eleger os seus candidatos em dois, quando estão escrutinados 18.65 por cento dos votos.

Continuam por apurar os resultados finais nos Estados de Minas Gerais e de Alagoas, onde os candidatos mais votados estão separados por diferenças mínimas.

Reagan diz que não enviará mais armas para o Irão

O presidente dos Estados Unidos afirmou não ter «nenhum plano» para enviar mais armas para o Irão.

Interrogado por um jornalista no decorrer de uma sessão oficial de fotografias do seu encontro com o presidente argentino, Raul Alfonsin, acerca de uma nova venda de armamento norte-americano ao Irão, Ronald Reagan respondeu que o seu governo não tem mais planos a esse respeito.

Entretanto, e durante uma entrevista televisiva, o secretário de Estado, George Shultz, que tem manifestado uma posição crítica quanto ao fornecimento de armas ao regime de Khomeiny para conseguir a libertação de reféns norte-americanos presos no Líbano, considerou a decisão do presidente dos EUA «discutível».

Shultz afirmou ainda que mantém o embargo oficial vendas de armas ao Irão e que, facto, essas vendas não se efetuarão.

Vical: novo vinho das Caves Primavera em embalagens Tetra Brik Aseptic

Uma nova marca de vinhos de mesa — a **VICAL** — obtida a partir de cepas da **Bairrada** e do **Douro,** está agora à disposição do consumidor em embalagens **Tetra Brik**, fabricadas pela **Tetra Pak** semelhantes, afinal, para quem desconhecer o termo, às já vulgarmente utilizadas entre nós, na venda de leite e de sumos.

A iniciativa coube às **Caves Primavera**, em **Águeda**, que, num desafio aos métodos tradicionais da comercialização de vinhos, decidiu lançar no mercado esta nova marca, em embalagem **Tetra Brik**.

Assim, graças às particularidades que definem este tipo de embalagem, incluindo o processo da respectiva selagem — feita ao abrigo do ar e da luz — o **Vical** (tinto e branco) vai passar a chegar à mesa do consumidor, na plenitude das qualidades que o caracterizam e em condições de preço e comodidade de transporte que lhe asseguram, numa equilibrada relação qualidade/preço, o êxito já obtido entre nós com o leite e, pela Europa fora — e não só — com o próprio vinho.

As Caves Primavera

Para assinalar o lançamento do novo vinho e do seu moderno processo de embalagem, os proprietários das **Caves Primavera** — que o comercializam — promoveram uma visita às suas instalações, no **Vale do Grou**, em Águeda. Nessa visita participaram representantes da Comunicação Social aos quais, aliás, e no decorrer do almoço que a antecedeu, já havia sido dada oportunidade, assim como aos restantes convidados, de se familiarizarem com o aspecto da nova embalagem e com a qualidade do vinho que contém.

Recebidos por **Lucénio de Almeida** — proprietário das **Caves Primavera** que fundou, com seu **irmão Vital**, há 42 anos — os presentes tiveram ensejo de percorrer demoradamente as vastíssimas instalações, desde os enormes depósitos (conhecidos por «balões») com capacidade para 250.000 litros, onde os vinhos aguardam ocasião de serem embalados; às caves imensas, «decoradas» com teias de aranha que «falam» da quietude e do silêncio em que os espumantes naturais vão passando pelas fases de envelhecimento e de decantação, a primeira, ao longo de dois anos; a segunda, traduzida, dias e dias a fio, pela rotação lenta e cautelosa das garrafas, de forma a permitir o depósito do sedimento, junto à rolha. E, entre «balões» e caves poeirentas e silenciosas, uma actividade febril, desde a rotulagem manual de garrafas à mais sofisticada aparelhagem para enchimento, doseamento de açúcar, rolhagem, dos milhares e milhares de garrafas destinadas aos mais diferentes pontos do Mundo, como o Brasil, a Dinamarca, a Costa do Marfim e tantos outros. Esse tipo de actividade irá subsistir, não obstante a adopção de processos mais avançados de embalagem — como o do **Tetra Brik** — já que este foi concebido especialmente para bebidas de largo consumo: leite, sumos e vinhos correntes, aos quais, sem alterar a qualidade, proporciona facilidade de manuseamento e economia no transporte e distribuição. Quanto aos vinhos especiais, o seu preço, por vezes muito elevado, e ainda o consumo, consequentemente mais reduzido, justificam o processo tradicional de engarrafamento, mais de acordo com a «velhice» e os «pergaminhos» dos néctares.

O Tetra Brik Aseptic

Finda a visita às **Caves Primavera**, seguiu-se uma reunião, durante a qual falaram **Lucénio de Almeida** e ainda dois representantes da **Tetra Pak — António Torres dos Santos** e **César Blanco.** Coube ao primeiro referir-se ao vinho **Vical**, e, entre outros assuntos, aos testes feitos em Portugal (no **Instituto Ricardo Jorge**) e no estrangeiro, para determinar os tempos de garantia de conservação quer da embalagem quer do conteúdo.

Quanto a **Torres dos Santos** e **César Blanco,** fizeram incidir as suas exposições sobre aspectos vários da actividade da **Tetra Pak** cuja experiência, no campo do enchimento asséptico, data de 1961, altura em que foi instalada a sua primeira página. De então para cá, como foi recordado, a produção de embalagens assépticas ascendeu ao número astronómico de 1.000.000.000.000 o que, por si só, é motivo de confiança, tanto para o produtor como para o consumidor. Assim, sendo o vinho uma bebida que, à semelhança do leite e dos sumos, se vende em grandes quantidades, e cujo consumo exige sistemas racionais de distribuição e embalagem práticas, o **Tetra Brik Aseptic** constitui a solução optimizada, pois tem ainda a vantagem de não lhe alterar a qualidade.

Deste modo se compreende que este tipo de embalagem desempenhe papel importante em países tradicionalmente exigentes em matéria e vinho, pois o sistema de enchimento e as características do material de embalagem são garantia de protecção total.

Foi ainda assinalada, pelos oradores, entre outras vantagens, a da melhoria de transporte, em relação ao das garrafas, cujo peso e forma se traduzem em diminuição da utilização volumétrica. De facto, enquanto uma palete europeia só transporta 384 garrafas de um litro, esta está apta a conter 720 embalagens **Tetra Brik** de um litro. Em termos de transporte, isso significa que, enquanto um camião carregado de vinho em embalagens de cartão leva 93% de produto (sendo os restantes 7% ocupados pelo material contentor), esse mesmo camião, ao transportar garrafas de vinho, terá 56% do seu volume total ocupado pelas garrafas em si e pelo espaço entre elas existente. Além disso, enquanto uma caixa de 12 garrafas de litro pesa 20,6 kgs a mesma quantidade de vinho, embalada em **Tetra Brik,** pesa apenas 12,5 kgs. Pode afirmar-se, concluindo, que uma embalagem deste tipo epresenta uma alternativa segura e mais económica.

Nestlé revoluciona hábitos alimentares

Refeição particularmente importante, até pelo equilíbrio que ajuda a estabelecer na tomada de alimentos ao longo do dia, o «pequeno-almoço» pode (e deve ser, através do consumo de cereais, parte importante de uma dieta alimentar equilibrada, dado serem produtos de fácil digestão e de grande valor alimentar. Aliás, o consumo de cereais «prontos a servir», que teve origem nos Estados Unidos, já vem de longe, pois a sua comercialização iniciou-se naquele país, em 1906. A popularidade foi tão grande, que a sua utilização se generalizou aos países anglo-saxónicos, onde alcançou uma capitação da ordem dos 4 kg/habitante/ano.

Entre nós, hábitos tradicionais fortemente enraizados, que por falta de informação, quer devido a hábitos sociais, ou ainda ao ritmo de vida ou á falta de apetite, associados ao desconhecimento profundo do valor nutritivo do «pequeno-almoço» e dos cereais, fizeram com que o seu consumo tivesse sido, até aqui, reduzido. Agora, porém, e devido a uma melhor consciencialização dos problemas nutricionais, os cereais vão passar a figurar à nossa mesa, para nos ajudarem a atravessar, com segurança, com gosto e rapidez, a fronteira que define os limites entre o sono e a vida activa.

A iniciativa deve-se à **Nestlé,** empresa com longa tradição na alimentação das crianças, desde o nascimento à idade adulta, e que, em 1934, introduziu em Portugal (onde ocupa posição fortíssima no mercado de farinhas) um dos seus famosos produtos: a **Farinha Láctea Nestlé.**

Desta vez, 52 anos volvidos, a **Nestlé** — que não abrandou nunca o ritmo de actividade, nem o nível de qualidade que «levaram a Suíça a todo o Mundo» — vai ser responsável por uma autêntica revolução nos hábitos alimentares dos portugueses, estimulando-os a fazerem da sua primeira refeição diária, a alegria da manhã e uma reserva de energia capaz de suportar os embates físicos e psíquicos que o quotidiano lhes reserva, mal acabam de acordar, a caminho da escola, do emprego ou até mesmo em casa, na complexidade das lides domésticas.

Quatro produtos diferentes — **«CHOCAPIC», «CRÉPITAS», «ESTRELITAS» E «CORN FLAKES»** — onde a riqueza alimentar se combina com outros ingredientes, nomeadamente chocolate e mel — constituem o novo e moderno alimento, à base de cereais, lançado pela **Nestlé.** De fácil preparação, pois basta juntar leite, de preferência frio, os novos **Cereais Nestlé** constituem, de facto, um novo «pequeno-almoço» nutritivo e energético, cujo paladar, já de si excelente, pode ser variado e enriquecido adicionando pedaços de fruta ou substituindo o leite por iogurte ou sumo de laranja.

Especialmente no que diz respeito às crianças, e juntando o útil ao agradável, o «pequeno-almoço» pode ser também um motivo de alegria, dada a diversidade de formas atraentes com que são apresentados e ainda pela variedade dos seus paladares — **cacau** (no caso do **«CHOCAPIC»**), **Mel,** e **caramelo** (nas **«ESTRELITAS»** e **CRÉPITAS»**).

Mobil inaugura mais um "self-serve"

A Mobil Oil Portuguesa inaugurou mais um posto de abastecimento «self-service» de gasolina e gasóleo.

Este novo posto, localizado numa zona de tráfego intenso, fica na Avenida Padre Cruz, junto ao Estádio de José Alvalade, e tem o aspecto cuidado e fornece o serviço a que a Mobil já nos habituou.

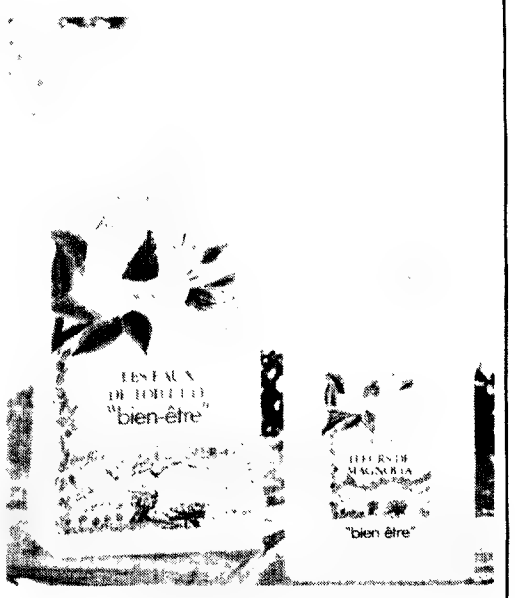
Bonança segurou regresso ao mar do "Infante D.Henrique"

«Operação de alto risco» — assim foi designada a manobra complexa que, recentemente, permitiu subtrair às águas mansas de uma lagoa artificial, para o devolver ao mar alto, um barco que, depois de ter sido o navio-almirante da nossa frota mercante, «dormitava» desde 1977, num torpor feito de resignação e de ferrugem.

Referimo-nos, como é óbvio, ao **«Infante D. Henrique»**, o enorme paquete que parecia condenado a acabar os seus dias em Sines, mas cujas características (23 505 toneladas brutas de arqueação, 184 metros de comprimento e 24 de boca), aliadas à sua juventude, pois nasceu na Bélgica, em 1960, atraíram a atenção do representante da companhia panamiana **Star Sea S.A.** — o grego **Giorgio Potamianus** — que decidiu adquiri-lo, como, aliás, já tinha feito com o paquete **«Funchal»**.

Foi a **Companhia de Seguros Bonança** quem, após análise da manobra, verificação técnica do navio, da lagoa e do canal de saída, emitiu a apólice de seguro, conferindo garantias da ordem dos 3 milhões de dólares. Esta operação foi a primeira realizada entre nós e significou para a **Bonança** um tremendo compromisso, pois à sua responsabilidade ficaram, além das garantias relacionadas com a perda total do navio ou o seu encalhe, as que adviessem de acidentes de trabalho da tripulação e ainda a própria remoção dos destroços, se os imponderáveis da operação determinassem o seu insucesso.

Agora que tudo acabou em bem, e o **«Infante D. Henrique»** aguarda que o restituam aos oceanos, é curioso referir que a parte mais delicada da operação constituiu na passagem do paquete por um canal aberto entre a lagoa e o mar, com 35 metros de fundo, medidos na baixa-mar, após as devidas dragagens, necessitando de um mínimo de água, abaixo da quilha, de 1,50 m.

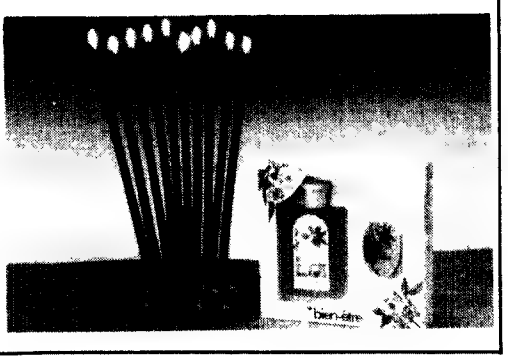


Bien-Être: uma ideia de Natal

Aproxima-se mais um Natal e com ele a oportunidade para exprimir sentimentos e impressões de mais um ano. A troca de presentes, tradição de origem cristã, generalizou-se a todos os domínios sendo actualmente um ritual natalício quase obrigatória.

Les Eaux de Toilette BIEN-ÊTRE apresentam neste Natal uma ideia bonita e original: um elegante **coffret** contendo uma «eua de toilette» e uma pequena caixa decorativa, pintada, contendo uma vela perfumada com o mesmo aroma. É a combinação feliz da vela de Natal com cada um dos quatro aromas da natureza de **Les Eaux de Toilette BIEN-ÊTRE**. Este conjunto é apresentado numa embalagem especialmente concebida para oferta (**P.V.P.: 900$00**).

No entanto se optar por oferecer apenas uma «eau de toilete» **BIEN-ÊTRE**, não deixe de procurar as **pochettes** de Natal que **BIEN-ÊTRE** lhe oferece como embalagem-presente (**P.V.P.: 760$00**).



UEFA não perdoa

O Feyenoord de Roterdão, (Holanda) foi o clube castigado com a multa mais pesada (15 000 francos) da relação de sanções divulgada pela Comissão de Disciplina da UEFA.

A soma total de multas aplicadas pela UEFA foi de 75 000 francos suíços e a maior parte coube ao Feyenoord pelas desordens provocadas pelos seus adeptos no encontro da Taça UEFA frente ao Borussia de Moenchengladbach, que também foi multado com 1500 francos suíços pelos mesmos motivos, mas no encontro realizado na primeira mão, em Roterdão.

O Barcelona foi multado em 2000 francos por incorrecção dos seus responsáveis no «banco» dos suplentes durante o encontro frente ao Sporting.

Henri Rono: a FIA dá-lhe uma ajuda

A Federação Internacional de Atletismo autorizou o pagamento de 3000 dólares de fiança para a saída da prisão do queniano Henry Rono, antigo recordista mundial, que foi preso na passada semana em Nova Jersey por ter cometido fraudes em vários bancos.

O atleta queniano, que ainda detém o recorde mundial dos 3000 metros obstáculos, disse estar a preparar o seu regresso ao mais alto nível e já participou em 15 provas, no entanto, os resultados têm sido muito modestos e na maratona de Chicago, a 26 de Outubro passado, Rono terminou no tempo de duas horas e 19 minutos.

Desde que abandonou a prática da alta competição, Rono transformou-se num alcoólico e já foi várias vezes preso por estar embriagado provocando desordens.

O italiano Primo Nebiolo, presidente da IAAF, ao tomar conhecimento do assunto concedeu autorização para pagar a fiança ao atleta de forma a «**ajudar um grande campeão que tem muitos problemas na sua vida**». Nebiolo referiu ainda que a criação da «Fundação dos Atletas» com sede no Mónaco tem como objectivo ajudar atletas em dificuldades financeiras.

Lendl lidera classificação

O norte-americano Jimmy Connors ou o equatoriano Andrés Gomez, um deles ocupará a oitava e última posição do «Masters» de Ténis, a realizar em Nova Iorque, de 3 a 8 de Dezembro.

A actual classificação de singulares é a seguinte:

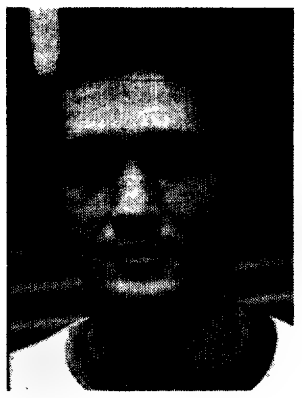
1.º	Ivan Lendl (Checoslováquia)	4801 pontos
2.º	Boris Becker (RFA)	3335
3.º	Stefan Edberg (Suécia)	2757
4.º	Joakim Nystroem (Suécia)	2097
5.º	Yannick Noah (França)	2055
6.º	Mats Wilander (Suécia)	1957
7.º	Henri Leconte (França)	1882
8.º	Andrés Gomez (Equador)	1686
9.º	Jimmy Connors (EUA)	1632
10.º	Miroslav Mecir (Checoslováquia)	1546

"Dados viciados"

O presidente do Sindicato de Futebolistas (José Eduardo) não parece muito satisfeito com a nomeação do dr. Dória Cortesão para inquiridor do caso Saltillo, porquanto, «até se pode tratar dum amigo do dr. Silva Resende». José Eduardo considera que os «dados estão viciados» e sobre os auto-excluídos coloca dúvidas sobre se o dr. Silva Resende se refere aos que anteriormente haviam demonstrado o propósito de não regressar à selecção (casos de Carlos Manuel, Diamantino, Bento e Jaime Pacheco) se aos que futuramente venham a assumir essa intenção. Saltillo vai ser tema para a continuidade da guerrilha acesa em terreno asteca.

Ramalhete: continuidade desejada

António Ramalhete, que recentemente cessou a sua actividade de hoquista, é o novo treinador do Sesimbra. O antigo e muito prestigiado «keeper» inicia assim uma nova carreira, e, estamos certos, de que se trata duma poderosa «aquisição» quer do Sesimbra quer do hóquei português, porquanto os conhecimentos de Ramalhete ligados à sua apreciada formação moral e profissional são garantia de que como treinador vai continuar a prestar eficiente colaboração à modalidade.



Amanhã, nas Antas

PORTO - BENFICA PARA A "SUPERTAÇA"

FC Porto e Benfica vão amanhã disputar a primeira «mão» da Supertaça «Cândido de Oliveira» em jogo marcado para as 21 horas e 30 no palco das Antas. Trata-se da VIII edição de uma prova a que é atribuído o nome do maior tratadista da ciência futebolística que por cá apareceu. Mestre Cândido de Oliveira, mais do que qualquer outro, tudo fez para justificar que o futebol o não esqueça e bem andou a Federação ao instituir um troféu com o seu nome destinado ao vencedor da prova.

As anteriores edições foram vencidas pelo Boavista (1978/79), Benfica (1979/80 e 1984/85), FC Porto (1980/81, 82/83 e 83/84) e Sporting (1981/82).

Artur Jorge convocou os seguintes jogadores: Zé Beto, Mlynarczyck, João Pinto, Eduardo Luís, Celso, Lima Pereira, André, Inácio, Juary, Quim, Gomes, Futre, Jaime Magalhães, Jaime Pacheco, Sousa, Frasco, Madjer e Paulo Ricardo.

Entretanto, Mortimore conta com a disponibilidade de todos os elementos, à excepção de Zivkovic que se lesionou no encontro do passado domingo.

Recorde-se que, na edição da época passada, o Benfica arrecadou o troféu ao impor um «nulo» (0-0) nas Antas e vencendo o encontro da Luz por 1-0 com um golo de Diamantino.

Associação de Setúbal não desarma

O presidente da Associação de Futebol de Setúbal, Luís Gomes, afirmou que vai actuar contra **as graves expressões** proferidas pelo presidente da Federação Portuguesa de Futebol contra a associação sadina.

Luís Gomes acusou o presidente da Federação, Silva Resende, de passar de «caluniado a caluniador, porque a Associação de Setúbal recorreu às leis vigentes». «A Associação de Setúbal não está isolada. Porto, Viseu, Santarém e Lisboa estão mais unidas e o futebol tem, a partir de agora, uma assembleia geral mais participativa. **Já não há marionetas**», disse o dirigente associativo.

Em declarações a uma emissora radiofónica regional, Luís Gomes disse que rejeita a ideia de que «o futebol é um Estado dentro de outro Estado» e acrescentou que não teme possíveis «penalizações da Federação Portuguesa de Futebol».

Luís Gomes disse ainda que vai promover uma reunião dos clubes filiados da Associação de Setúbal para expor a situação e **pedir mandato para acções a desenvolver perante a Federação.**

«Chicotadas»

Mais uma «chicotada». Coube agora a vez ao União de Santiago de Cacém dispensar os serviços de Gamito, contratando, para ocupar o cargo de treinador principal, Alfredo.

Entretanto o Penafiel que recentemente dispensou Adelino Teixeira é agora orientado por Luís Miguel.

Carlos Valente no Espanha-Suécia (olímpicos)

O árbitro internacional Carlos Valente dirigirá amanhã, o encontro Espanha-Suécia entre selecções olímpicas, sendo acompanhado por Carlos Esteves e Francisco Silva.

Quinito escolhe adjunto

O futebolista Narciso, do Torralta, mereceu aescolha de Quinito para desempenhar as funções de seu adjunto ao serviço do Espinho

Narciso, 33 anos de idade, cumpria a terceira época como atleta do Grupo Desportivo da Torralta, depois de ter alinhado em diversos clubes, os últimos dois quais foram o Vitória de Setúbal e o Benfica de Castelo Branco.

Narciso irá ocupar o lugar deixado vago por Diamantino adjunto de Simões, ex-treinador da equipa do Espinho.

Brasileiro para o Fafe

Um futebolista brasileiro chega amanhã a Fafe para reforçar o plantel da Associação Desportiva — disse um dirigente do clube local.

Trata-se de Gaia, um jovem centro-campista de 20 anos, que militava na Portuguesa dos Desportos, do Brasil.

O Fafe ocupa o segundo lugar da Zona Norte, com 12 pontos, menos um do que o comandante, o Famalicão.

Confederação reúne

A Confederação Portuguesa dos Clubes de Futebol Profissional, que integra a maioria dos clubes da II Divisão (zona Norte) e os primodivisionários FC Porto, Varzim e Marítimo, leva a efeito no próximo dia 29, em Famalicão, uma sessão de assembleia geral para debater várias questões ligadas à «agremiação», com destaque para a estruturação dos serviços administrativose financeiro, transmissões televisivas, IVA e decidir da oportunidade de organizar torneios de futebol.

Juniores: os 16 para França

O seleccionador José Augusto convocou os seguintes 16 elementos para os treinos a realizar de hoje até ao próximo domingo com vista ao encontro a realizar no dia 26 em Amiens (arredores de Paris) frente à França a contar para a fase preliminar do Europeu de juniores (categoria «A»):

Benfica — (5): Bizarro, Ricardo, Abel, Resende e Nuno Guia; Porto — (4): Vítor Baía, António José, Secretário e Fernando Couto; Sporting — (3): Évora, Amaral e Pedro Miguel; Setúbal — Hélio; Leixões — Tozé; Braga — Augusto Gama e S.C. Vila Real — Paulo Alves.

Juniores «B»: Torneio do Algarve

De 28 de Fevereiro a 3 de Março de 1987, coincidindo com o período do Carnaval, vai disputar-se a 10.ª edição do «Torneio Internacional de Futebol (Juniores B)», no Algarve, competição organizada pela Federação Portuguesa de Futebol, com o apoio da Região de Turismo do Algarve e da Associação de Futebol de Faro.

Pinto da Costa

Vítor Correia

Pinto da Costa "versus" Vítor Correia

Os confrontos entre dirigentes (e treinadores) e árbitros estão em fase de alguma contundência e a serenidade nem sempre se verifica como seria desejável com vista à necessária moralização do futebol.

Depois das «palavras cruzadas» entre Francisco Silva e Pinto da Costa após o encontro Rio Ave-FC Porto, veio a terreiro o presidente do SC Braga, Mesquita Machado reagir com vigor à actuação de João Rosa no jogo Braga-FC Porto e, esta semana, verifica-se nova saída a terreiro de Pinto da Costa ao acusar Vítor Correia de «dualidade de critério e falta de imparcialidade» na direcção do Boavista-FC Porto dando azo a que o conhecido árbitro lisboeta alegue «não reconhecer competência ao presidente portista para fazer apreciações sobre matéria de arbitragem».

... Não se esqueçam de que a «fase quente» do campeonato ainda vem longe e até lá o «cruzamento» de denúncias, acusações e suspeições irá conhecer novos episódios.

Andebol

Luís Santos escolhe elenco

Segundo revela o nosso colega «Record» na sua edição de hoje, já se encontra completamente elaborada a lista dos futuros membros dos diferentes órgãos sociais da Federação Portuguesa de Andebol, que serão votados na assembelia geral marcada para as 14.30 horas do próximo dia 13 de Dezembro, nas instalações do Hotel Roma.

O indigitado líder do executivo, Luís Santos, escolheu os seguintes elementos:

Congresso: Jorge Manuel Dias (presidente), Garcia França (vice-presidente), Igrejas Moreira e João Pessoa Nunes (secretários)..,

Direcção: Luís de Almeida Santos (presidente), João Correia (vice-presidente administrativo), eng. Rui Coelho (vice-presidente desportivo e do departamento disciplinar); José Borges da Fonseca, Fernando Gonçalves, dr. Rui Serejo Julião, Henrique Silva, dr. Pedro Leão Franco e dr. Ernesto Moreira dos Reis (vogais); Álvaro Valverde (tesoureiro).

Conselho Fiscal: Dr. Ulisses Pereira (presidente), dr. João Pedro Mendonça (secretário), Mário Rui dos Santos, José Alves Areias e José Carlos Nogueira (relatores).

Conselho Jurisdicional: Dr. José Lourenço Pinto (presidente), dr. Parcídio Matos Soares (secretário) e dr. António Sousa Marinho e Pinho (relator).

Rali RAC

Eriksson no comando

O sueco Mikael Eriksson, ao volante de um Lancia Delta, assumiu a liderança do Rali RAC, após a disputa das primeiras 22 classificativas, com o tempo de duas horas e 11,20 minutos.

Os finlandeses Timo Salonen (Peugeot 205) e Markku Alen (Lancia Delta) ocupam «ex-aequo» o segundo lugar com mais dois segundos e o finlandês Juha Kankkunen (Peugeot 205), que perdeu o comando, está na 4.ª posição, com mais cinco segundos, seguido do seu compatriota Mikael Sundstrom (Peugeot 205), com mais 1.26 minutos.

O sueco Stig Blomqvist (Ford RS 200) é 6.º, com mais 1.28 minutos.

Federação de Ginástica festeja aniversário

A Federação Portuguesa de Ginástica comemora na quinta-feira o seu 36.º aniversário, com um programa que envolve vários actos alusivos à data, anunciou o seu presidente, coronel Vargas Cardoso.

Na manhã de quinta-feira serão depostas flores nas sepulturas dos ex-presidentes da FPG já falecidos, Rebelo Teixeira, Mário Rocha, Avelar Machado e Robalo Gouveia.

Às 19 horas do mesmo dia será descerrada na sede da Federação uma galeria com as fotografias dos antigos presidentes.

Na sexta-feira, pelas 18 horas, haverá um treino convívio de antigos e actuais praticantes da modalidade, nas instalações do Ginásio Clube Português, enquanto pelas 20 horas decorrerá um jantar comemorativo no restaurante do Ginásio Clube Português, com a presença de entidades oficiais, durante o qual será entregue à viúva do professor Robalo Gouveia, o anterior presidente da FPG, recentemente falecido, o mais alto galardão da Federação, «o colar da medalha de valor, mérito e bons serviços», com o qual o mesmo foi agraciado a título póstumo.

No mesmo jantar as ginastas Patrícia Jorge e Rita Vilas-Boas receberão placas alusivas, na sua qualidade de «ginastas do ano» em 1985 e 1986, respectivamente.

Na sua agenda

AUTOMOBILISMO: na sede do Automóvel Club de Portugal realiza-se pelas 18 horas e 30 de hoje uma conferência de Imprensa, para divulgação do calendário de provas do próximo ano.

●

ANDEBOL: realiza-se, pelas 22 horas de amanhã, o encontro Salgueiros-Académico de Braga. O encontro terá lugar no Pavilhão da Vigorosa e conta para o «nacional» da 1 Divisão.

●

HÓQUEI EM PATINS: Sanjoanense-Valongo e Famalicense-Herpinta terão lugar amanhã, completando-se, assim, a jornada n.º 1 do campeonato nacional da divisão maior.

"Olimpíadas" de xadrez

A equipa feminina portuguesa de xadrez venceu a dos Emiratos Árabes Unidos por 2-1, na terceira ronda das olimpíadas da modalidade, que decorre em Dubai, nos Emiratos Árabes Unidos.

A equipa masculina ficou empatada, 1-1, com a da Síria, com duas partidas adiadas.

Entretanto, uma poderosa equipa soviética, integrada pelos quatro primeiros jogadores do «ranking» mundial, derrotou a da Checoslováquia por 3,5-0,5. O campeão mundial Garri Kasparov e os adversários da recente final do torneio de candidatos, Andrei Sokolov e Artur Yusupov, conseguiram triunfos, enquanto o checo Lubomir Ftacnic alcançava o meio ponto de honra da sua equipa ao empatar com o ex-campeão mundial Anatoli Karpov.

A surpresa da jornada pertenceu à equipa cubana, composta por José Nogueiras, Guillermo Garcia, Silvino Garcia e Reinaldo Vera, que empatou, 2-2, com a dos Estados Unidos, formada por Larry Christiansen, Lubomir Kavalek, Nick de Firmian e Maxim Dlugy.

A União Soviética, actual campeã da olimpíada, assumiu o comando com 11 pontos, seguida pela Hungria, 10,5, mas com um jogo em suspenso, Indonésia e Jugoslávia, ambos com 10,5 pontos.

Na competição feminina a tabela é liderada pela Roménia, com 8,5 pontos, seguida pela União Soviética, 8, Jugoslávia, 7,5, China, França e Hungria, todas com 7.

LISBOA/PORTO/LISBOA

UMA VIAGEM A PREÇO ACESSÍVEL?
É DAR POUCO DINHEIRO POR MUITO CONFORTO!
AGORA, NOVO SERVIÇO *LISBOA/PORTO/LISBOA*,
COM 2.ª CLASSE MUITO CONFORTÁVEL,
DE GRANDE CAPACIDADE.

Uma viagem a preço acessivel nao se traduz apenas no pouco dinheiro que se paga. Revela-se, sobretudo, no muito conforto que se obtem.
A 2.ª classe do novo Serviço *Lisboa/Porto/Lisboa* oferece, nomeadamente, grande capacidade de lugares, espaço muito amplo, ar condicionado, assentos anatomicos, carruagens insonorizadas de pouca vibraçao e excelente serviço de bar. Um ambiente muito confortavel, quase ao nivel da luxuosa 1.ª classe, com a vantagem do preço mais acessível. Bastante veloz, este novo material de avançada tecnologia ferroviaria apresenta caracteristicas de elevada segurança, destacando-se as portas de bloqueio automatico e o sistema especial de travagem.

Lisboa 7-25 → Porto 10-25
Porto 17-00 → Lisboa 20-35

CP

Comboio, a opçao decisiva.

CP/Design

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

3.º Juízo – 2ª Secção

O Doutor António Ferreira Xavier Forte, Juiz de Direito do 3.º Juízo 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Manda anunciar que pelo 3.º Juízo 2.ª Secção deste Tribunal correm seus termos uns autos de acção emergente de Contrato individual de Trabalho, com processo ordinário, registados sob o n.º 19/82, em que é autor JUSTINO RODRIGUES FEITAIS, residente no Br.º dos Fetais, Vivenda Marina, Camarate – Sacavém e ré «INTERMONT-MONTAGENS INDUSTRIAIS, LD.ª», com sede em parte incerta e com última sede conhecida na Rua das Regras, n.º 2 no Estoril, estando nestes autos designado o dia 13 de Janeiro de 1987, pelas 9.30 horas para se proceder à audiência de discussão e julgamento, devendo o legal representante da firma comparecer pessoalmente em julgamento, devidamente credenciado, neste Tribunal sito na Av.ª Almirante Reis, n.º 130-4.º Dt.º em Lisboa, no dia hora e local acima designados, apresentando as suas testemunhas em julgamento.

Lisboa, 11 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
O Escriturário,
(assinatura ilegível)

«DL» 18/11/86 – 1.ª Pub.

COMUNA
TEATRO PESQUISA
HOJE
As 21.30 h.

TOURO

Texto: ABEL NEVES
Encenação: JOÃO MOTA
4.º MÊS
2 ÚLTIMAS SEMANAS
DOMINGO AS 17 H
veja teatro a preços reduzidos
TERÇA • QUARTA • QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00
PR ESPANHA (T. 726 0818)
SUB SEC M/12 A
APOIO FOUNDATION COMERCIAL

Futre e Pedro: figuras da "ronda"

Paulo Futre e o jovem Pedro (chamado a render Vítor Nóvoa nas redes da Académica) foram figuras preponderantes da jornada do passado domingo. O «menino prodígio» do Montijo executou o remate certeiro que impediu os «dragões» de serem batidos no Bessa para além de haver rubricado vários lances de elevada bitola técnica, e o n.º 1 da velha Académica, mostrou, no palco da Luz, toda a gama dos seus recursos para o desempenho do «especializado» lugar de guarda «às redes». Eles foram «figuras da jornada» e daí esta citação.

As confissões de Maradona

Diego Maradona, que se encontra em Madrid, negou aos jornalistas qualquer contacto com o clube espanhol. «Estou aqui para visitar o meu amigo Jorge Valdano e para ver o Real Madrid em acção. Estou muito contente no Nápoles e o meu contrato ainda tem a duração de mais dois anos» declarou Maradona à chegada à capital espanhola.

«Não gostaria que esta minha visita fosse mal interpretada» acrescentou ainda o internacional argentino.

O jornal londrino «Sunday Express» refere na sua edição de domingo que Maradona teria declarado em entrevista «exclusiva», ter utilizado a mão para desviar a bola do alcance do guarda-redes Shilton, quando ambos acorriam a um cruzamento por alto.

Após o jogo, o capitão da selecção argentina, referiu que tinha sido **«a mão de Deus»** a colocar a bola no interior da baliza à guarda de Peter Shilton.

De acordo com o «Sunday Express» o futebolista referiu agora, através de um intérprete — **«é claro que não foi a mão de Deus, mas sim, a minha. Naqueles jogos está muita coisa em disputa», justificou Maradona**

Golos na Europa

A média do campeonato português foi de apenas 1,875 tentos por jogo, já que nos oito efectuados foram apenas marcados 15 golos.

classificação:

País	Jogos	Golos	Média
1.º Espanha	9	31	3,444
2.º Bélgica	9	29	3,222
3.º Escócia	6	18	3,000
4.º Áustria	6	17	2,833
5.º Luxemburgo	6	17	2,833
6.º RFA	9	23	2,560
7.º Hungria	18	19	2,380
8.º Inglaterra	11	25	2,273
9.º Turquia	9	20	2,222
10.º Dinamarca	7	15	2,143
11.º **Portugal**	8	15	1,875
12.º Irlanda	6	11	1,833.

Futebol lá fora

Chile: baixo salário dos árbitros abre caminho para a corrupção

Um prestigiado treinador, jogadores e dirigentes afirmam haver corrupção no futebol profissional do Chile, devido ao **«baixo salário dos árbitros».**

«O futebol chileno não está bem», disse Ignacio Prieto, treinador da Universidad Catolica, ao comentar o «incrível caso» do jogo entre a sua equipa e a Union Española. A três minutos do termo do encontro, o árbitro Victor Ojeda anulou um golo à Universidad Catolica, que todos os comentários consideraram não ter sido precedido de qualquer falta.

Após a anulação, e enquanto o árbitro continuava a discutir as suas razões com os jogadores «católicos», os «espanhóis», colocaram a bola em jogo, marcando o livre alguns metros mais à frente, e lançando em profundidade um dos seus avançados, largos metros fora de jogo, que marcou o golo da vitória da sua equipa. O juiz sancionou esse golo quando a bola já estava no meio-campo para o recomeço.

A televisão repetiu sucessivas vezes o polémico lance, e os adeptos da Universidad Catolica pretenderam vingar-se do árbitro obrigando à intervenção da Polícia que utilizou gases lacrimogéneos. **«De nada nos vale protestar, pois todos sabemos os problemas porque passam os árbitros. O seu problema salarial é grave, pois ganham o mesmo há mais de dois anos»,** disse Raul Torrealba, presidente do Universidad Catolica.

«A questão não é contra o nosso clube, mas trata-se de um problema social», acrescentou.

UEFA não atende recurso do Apoel

A Comissão de Recursos da UEFA rejeitou em Zurique o recurso apresentado pelo Apoel, de Chipre, o que confirmou a passagem administrativa do Besiktas, da Turquia, aos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus de Futebol.

O Apoel recusara-se a jogar em 22 de Outubro, em Istambul, a primeira mão da segunda eliminatória da prova, sendo por isso sancionado pelo organismo máximo do futebol europeu com a desclassificação da Taça.

Além da perda da eliminatória o clube de Nicósia foi condenado a dois anos de suspensão das provas europeias e a multa de 4000 francos suíços, bem como ao pagamento da viajem à Turquia da equipa de arbitragem.

O governo cipriota pressionara o Apoel a não disputar o jogo na Turquia, em virtude do conflito existente entre os dois países, na sequência da invasão turca de Chipre em 1974.

O Apoel interpôs recurso da decisão da UEFA, mas a Comissão de Apelos negou provimento e o clube mantém o castigo anteriormente decidido.

Botafogo «sem chama»

A equipa brasileira do Botafogo, onde alinharam «vedetas» como Garrincha, cumpre este ano uma das piores campanhas da sua história, no campeonato de futebol «canarinho», onde segue na última posição do respectivo grupo.

Após a demissão do técnico Mário Zagalo a meio da semana, por motivos relacionados com a carreira da equipa, o Botafogo agravou a sua posição na prova ao perder domingo à noite com o Santos, por 3-2, apesar de ter chegado ao intervalo a vencer por 2-0.

Campeonato angolano

O Petro de Luanda, virtual campeão, derrotou domingo o Inter de Luanda, vencedor da taça e vice-campeão, por 3-1 no principal encontro da 25.ª jornada do campeonato de futebol de Angola. Com esta vitória, a equipa do Petro aumentou para 13 pontos a sua vantagem no comando do campeonato («Girabola») a uma jornada do fim, estabelecendo um novo recorde no historial do torneio.

As equipas Leões de Lunda, Desportivo de Benguela e Inter da Luanda-Sul garantiram já a descida aos campeonatos provinciais, faltando apurar a quarta equipa a deixar esta época os primodivisionários.

Na última jornada, o Petro de Luanda deveria deslocar-se no próximo fim-de-semana ao campo do Inter da Lunda-Sul, mas o encontro pode disputar-se no Estádio dos Coqueiros. na capital angolana, por acordo entre os dois clubes.

Resultados da 25.ª jornada: Petro de Luanda-Inter de Luanda, 3-1; Leões de Luanda-Primeiro de Agosto, 0-1: Desp. de Benguela-Ferroviário da Huíla, 2-3; Mambroa do Huambo-Primeiro de Maio, 2-0; Desp. da Chela-Desp. da Taag, 0-0 e Sagrada Esperança-FC Cabinda, 1-1.

Microscópio

Hóquei patins: Benfica e Sporting em Moçambique

O Benfica e o Sporting responderam afirmativamente a um convite para fazerem deslocar a Moçambique as suas equipas de hóquei em patins, a fim de participarem num torneio quadrangular que decorrerá em Maputo entre 30 do corrente e 3 de Dezembro.

O torneio, que para além das duas formações portuguesas, contara com a participação da selecção nacional de Moçambique e da de uma representação da equipa anfitriã. Desportiva de Maputo.

As formações portuguesas chegarão a Maputo, no dia 29, regressando dia 4 de Dezembro.

Pólo aquático vai evoluir

A Direcção da Federação Portuguesa de Natação decidiu criar a Comissão Nacional de Pólo Aquático com o objectivo principal de «corresponder à dinâmica daquela disciplina».

Em comunicado, a Federação de Natação justifica a criação da Comissão Nacional de Pólo Aquático não só como um factor dinamizador para a modalidade, como ainda um pilar importante na criação de estruturas organizativas que «possibilitem melhores condições do seu desenvolvimento».

António Miranda Rodrigues foi indicado para presidir à CNPA que tem entre outras atribuições propor à Federação Portuguesa de Natação um calendário anual de actividades e um orçamento anual, e ainda dar pareceres sobre assuntos de carácter técnico relacionados com o pólo aquático.

Máximos

O soviético Yuri Zaknarevich estabeleceu novo recorde mundial no arranco com 201 quilos na categoria de 110 quilos no campeonato mundial de halterofilia em Sófia.

Zaknarevich, a defender o título de campeão mundial, detinha como melhor marca 200,5 quilos.

●

A francesa Jeannie Longo estabeleceu sexta-feira novo recorde mundial nos três quilómetros («sprint»), pela segunda vez em menos de 48 horas durante a prova Seis Dias de Ciclismo de Paris, gastando três minutos 43.490 segundos.

Droga nos bastidores dos "Seis Dias de Paris"

A equipa constituída pelo francês Bernard Vallet e pelo australiano Danny Clark comanda «Os Seis Dias de Paris» em ciclismo após a quinta jornada, estando o português Acácio da Silva na 10.ª posição a seis voltas.

Vallet e Clark totalizam 181 pontos, contra os 59 dos segundos classificados, o inglês Antony Doyle e o francês Charles Mottet.

Os italianos Francesco Moser e Guido Bontempi estão agora a uma volta dos primeiros.

Entretanto, a brigada de estupefacientes da Polícia francesa interrogou no Palácio dos Desportos de Paris-Bercy uma dezena de ciclistas que participam nos seis dias. A intervenção da brigada registou-se depois da prisão de três traficantes de droga, que teriam mantido contactos com os meios do ciclismo no velódromo parisiense.

Fontes da Polícia revelaram que um dos traficantes foi detido na sexta-feira à saída de Bercy e os outros dois no sábado, nas respectivas residências, tendo todos eles indicado nomes ligados ao desporto.

Após a confissão dos traficantes, a brigada de estupefacientes esteve no domingo no velódromo, onde interrogou os ciclistas.

Os três detidos são muito conhecidos nos meios desportivos parisienses, por fornecerem anfetaminas e outros produtos estimulantes não só a ciclistas mas também a tenistas e atletas.

Navratilova amealha mais uns "cobres"

A norte-americana Martina Navratilova ganhou o seu 49.º encontro da temporada e o 12.º torneio do ano ao bater a checa Hana Mandlikova no torneio de ténis de Chicago, ganhando com os parciais de 7-5 e 7-5, o que lhe valeu arrecadar mais 33 mil dólares.

Navratilova bateu Mandlikova em todos os sete encontros efectuados este ano e, na sua carreira, só perdeu seis das 30 partidas.

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 381 REFERENTE A OUTUBRO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura integral, podendo estar certos que pelos ensinamentos recuperais mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: Dr. INDIVERI COLUCCI

DO SUMÁRIO DESTACAMOS OS SEGUINTES ARTIGOS:

- Alimentação, sinónimo de Nutrição
- O Tabaco: Inimigo da humanidade
- A Osteopatia Visceral
- Doenças Bucodentárias
- Vegetais frescos — O seu valor e como prepará-los
- Décima terceira entrevista com o Dr. Colucci
- Biografia da cebola
- A água das Frutas
- O Trigo — harmonia e equilíbrio
- O arroz completo
- Os perigos do açúcar
- Cura radical da depressão nervosa
- Úlcera de estômago e do duodeno
- Etc., etc.

RUA ANTERO DE QUENTAL, 35-1.º (ao Intendente)
Telefone 55 64 98
Assinatura Anual: 900$00 • Semestral 450$00
Estrangeiro: 1500$00 • Avulso: 80$00

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

No próximo dia 5 de Dezembro pelas 11 horas no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória n.º 48/86, da 2.ª secção, 2.º Juízo, vindos do Tribunal Judical de Rio Maior e extraídos dos autos de Execução sumária que Avimetal — Indústria de Material Avícola, L.da, com sede em Marés — Abrigada — Alenquer, move contra o executado FRANCISCO FORTUNATO MARQUES RAMOS, que possui um talho denominado «Talho Ramos & Martinho», na Praceta das Forças Armadas em Torres Vedras, há-de ser posto em praça pela 2.ª vez para ser arrematado por metade do valor indicado no processo, o seguinte bem penhorado:

— VERBA ÚNICA —

Uma máquina de picada da marca «Magnitoner», em inox.

E depositário do bem penhorado a Senhora Maria Clorinda Ferreira Rebalho, casada, residente na Praia de Santa Cruz, D-1-2.º-Dt.º — Torres Vedras, a qual mostrará o referido bem a quem, pretender examiná-lo.

Torres Vedras, 10 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
António Ribeiro Martins

O Escrivão adjunto,
Ass ilegível

«DL» 18/11/86 — 2.ª Pub.

A comodidade dos Expressos

RN RODOVIARIA NACIONAL

começa logo no serviço de reserva telefónica

54 54 39
54 58 26
54 57 75

Em Lisboa, disponha agora do nosso serviço de reserva telefónica que funciona para si **todos os dias, das 09.00 às 13.00 e das 14.00 às 18.00**.
Marque o seu lugar através da simplicidade e rapidez dos telefones indicados até às 18.00 do dia anterior ao da viagem.
E, para além deste serviço, beneficie da possibilidade de **compra antecipada de bilhetes até 6 dias antes daquele em que viajará.**

RN RODOVIARIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA D

EXPRESSOS R. N.
a comodidade começa antes da

MKM markimage

As cadeiras do vazio

Carlos Porto

AS CADEIRAS, de Ionesco. Encenação: **Graça Afonso.** Interpretação: **Ana Thèmes, Augusto Portela e José Carlos Monteiro.** Comuna, 15-11-86.

«As Cadeiras» é, da primeira fase da obra de Ionesco, talvez a peça que mais seriamente investiga o absurdo da condição humana, na perspectiva do autor, fazendo-o através de uma forma menos superficialmente irrisória do que noutras peças em que por vezes o humor se esgota em si mesmo. Pelo contrário, em «As Cadeiras» o humor do absurdo surge interiorizado o que explica o carácter mais próximo da tragédia desta peça.

Trata-se da história de um homem que sonha ter uma mensagem para transmitir ao mundo, faltando-lhe os instrumentos verbais para o fazer. Por isso convida um orador para falar em seu nome para uma assistência de gente importante que inclui o próprio imperador. Trata-se naturalmente de uma assistência inexistente que é sinalizada por cadeiras vazias e por monólogos com que o homem e a mulher tentam uma comunicação impossível; as cadeiras, aliás, são arrastadas uma a uma para a cena pela mulher que é aqui uma personagem importante pela sua desimportância; a personagem funciona como elemento de trabalho em relação ao homem que é o intectual.

Como se imagina, o homem é um ser vazio, a sua mensagem não existe: o orador que devia comunicá-la limita-se a balbuciar sons sem significado, como se fosse mudo. Isto enquanto as duas personagens se retiram para morrer.

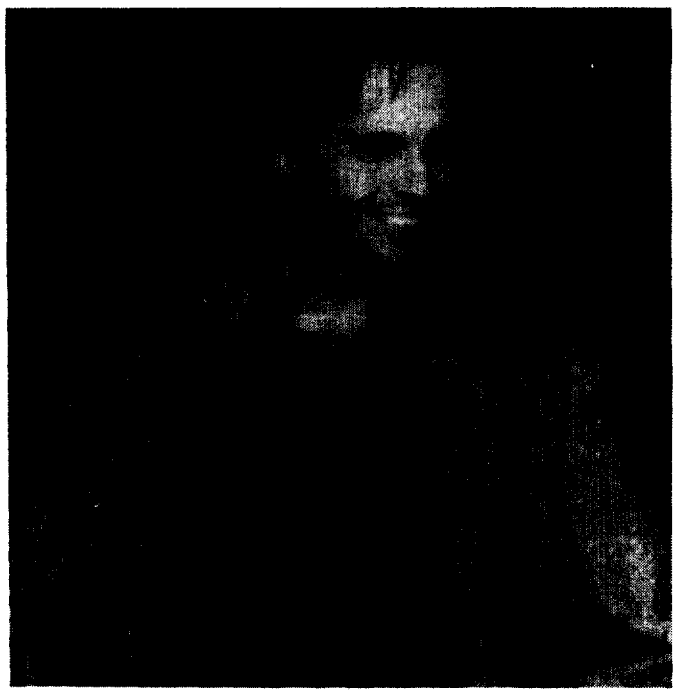
É evidente que estas duas personagens atravessam a zona da mais terrível e progressivamente angustiante solidão, que tem a ver com o fim da vida com a sua situação social, com a inadequação das personagens ao mundo em que vivem.

Uma mera leitura do texto parece pelo menos indicar nessa direcção. Foi esta a primeira vez que a vi representada porque embora se trate, repito, de uma das peças mais interessantes do primeiro período de Ionesco, é, entre nós, das menos representadas das suas peças. Luís de Lima estreou-a em Lisboa, nos anos 50, quando revelou em Portugal o teatro daquele autor. Aliás, a sua tradução foi publicada num volume juntamente com outras peças de Ionesco que aquele tinha traduzido e encenado: «A Cantora Careca» e «A Lição», tradução, ao que suponho, adaptada para este espectáculo.

Não se pode dizer que o espectáculo apresentado na Comuna, a repetir em fins-de-semana, por um grupo de alunos da Escola Superior de Teatro, tenha conseguido exprimir os valores mais fundos e dolorosos da peça de Ionesco. A encenadora, Graça Afonso, limitou-se a uma leitura elementar da peça, ignorando qualquer hipótese de uma sua possível reelaboração de um ponto de vista cénico. Há já muitos anos, por exemplo, Jacques Mauclair encenou a peça colocando no final as personagens sob as cadeiras que se iam acumulando sobre elas, supultando-as (conta Simone Benmussa no seu livro sobre Ionesco).

Quanto aos dois jovens intérpretes, Ana Thèmes e Augusto Portela, tentaram assumir as várias condições humanas das personagens (a velhice, a solidão, a incomunicabilidade, o absurdo), mas, deficientemente dirigidos, tiveram um sucesso muito relativo. É natural. Trata-se de uma peça muito difícil que exige alguma (bastante) maturidade técnica, e se calhar alguma (muita) experiência da vida, e da dor de a viver.

"Salamandra", décimo álbum de Miguel Bosé



«Salamandra» é já o 10.º álbum de Miguel Bosé, um dos grandes nomes da actual cena «pop» espanhola.

Miguel Bosé nasceu no Panamá no dia 3 de Abril de 1956, filho do famoso toureiro Luis Miguel Dominguin, e de Lucia Bosé, actriz bem conhecida pelas suas colaborações em filmes de Visconti, Antonioni Zefirelli, e Cavani. Afilhado de Luchino Visconti, Miguel habituou-se desde muito novo a conviver com os amigos que frequentavam a casa de Dominguin e Lucia Bosé, uma roda de amigos que incluia nomes como Hemmingway, Sofia Loren, Cocteau e especialmente Pablo Picasso.

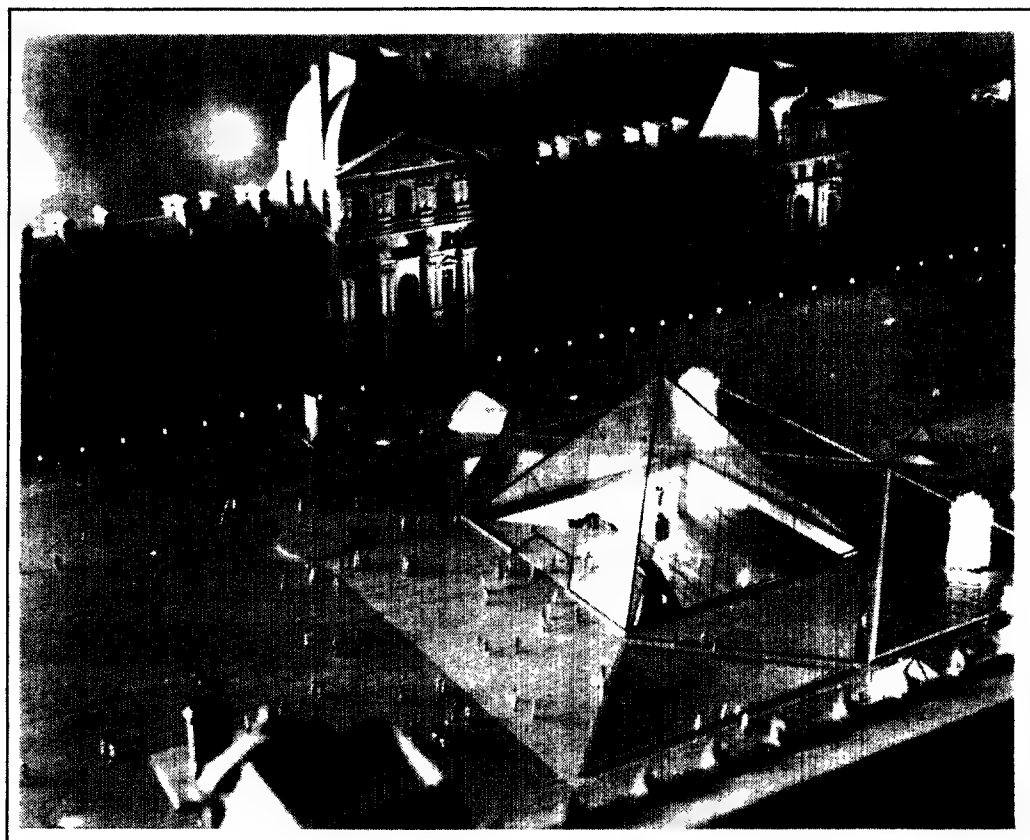
Picasso, grande aficionado das touradas, era um grande amigo de Dominguin e convidou muitas vezes Miguel e Lucia a passar grandes temporadas na sua quinta no Sul de França. Levava Miguel à escola todos os dias e foi ele quem o incentivou a dedicar-se à dança. Mal terminou os estudos, Miguel Bosé viu-se confrontado com o seu primeiro filme.

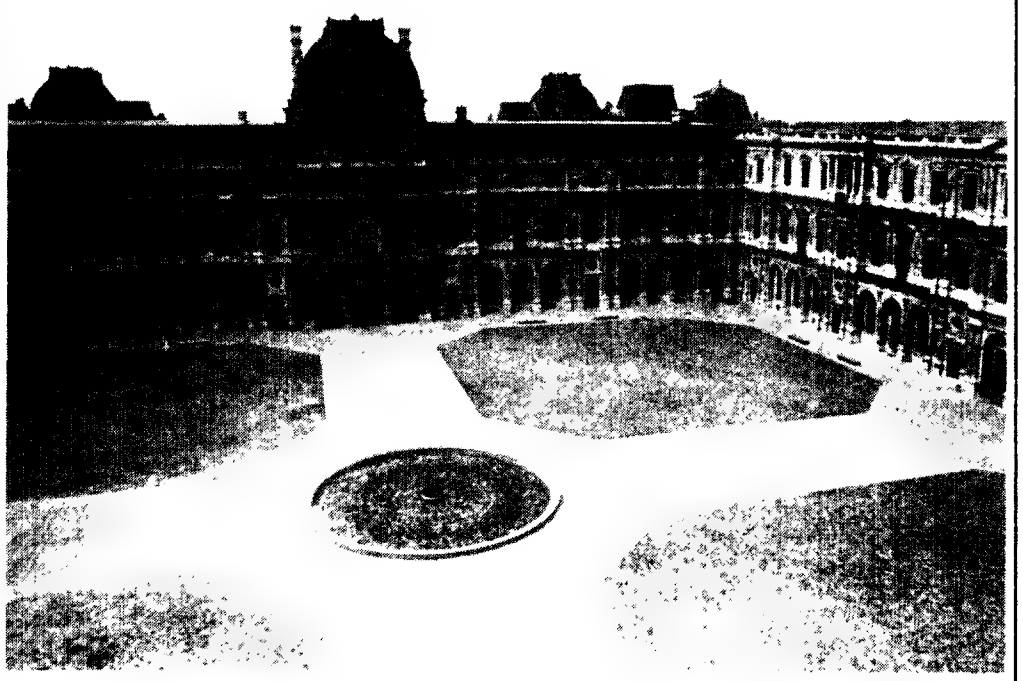
Aos 18 anos foi viver para Londres onde estudou arte dramática e dança. Dava-se então bastante com gente famosa como David Bowie, na altura aluno de Lindsay Kemp, Amanda Lear e Mick Jagger.

De regresso a Espanha, Bosé gravou o seu primeiro disco que, apesar da produção de Camilo Sexto, não obteve êxito assinalável. Nos anos que se seguiram Miguel recebeu vários convites para filmar, assinou um novo contrato de gravação, desta vez com a CBS e em poucos deixou de ser apenas o filho de um casal famoso para se tornar uma das mais populares figuras da nova cena musical espanhola.

Onze anos depois de se ter estreado com o «single» «Soy-/Forever For You» Miguel Bosé lança já o seu 10.º álbum.

«Salamandra» — um álbum que inclui nove temas todos cantados em inglês, à excepção de «Amapola Bésame».





A grande pirâmide de cristal do Louvre

José António Lisboma

O grandioso sonho do presidente francês, François Mitterrand, vai ser concretizado. O projecto do Grand Louvre vai ser uma realidade no final de 1986. As obras encontram-se na fase final e depois da grande polémica que o projecto despertou nos franceses, a gigantesca pirâmide de cristal surgirá por artes de magia e de construção, no pátio Napoleão do conhecido museu. Os objectivos do Grand Louvre serão alcançados: modernizar o vetusto edifício cultural, cheio de incomodidades para os quatro milhões de visitantes anuais, sendo 70% deles estrangeiros. Vinte cinco mil metros quadrados suplementares permitirão uma melhor exposição das valiosas colecções de obras artísticas. Finalmente, os serviços de administração, investigação e repouso para os visitantes, como são as cafeterias e restaurantes, ocuparão 30% do total, enquanto anteriormente só dispunham de 5% desse espaço.

Os presidentes franceses herdaram dos velhos reis Capetos, o desejo de deixar uma obra arquitectónica, que os perpetuasse na história exterior e visível. Sabem quão frágil é a mente humana dos cidadãos e querem que seja a arquitectura, a mais vistosa de todas as artes, que os represente no futuro. Georges Pompidou deixou o Centro Beaubourg; Andrés Malraux, que debaixo da égide de De Gaulle, quis restaurar as fachadas da Paris histórica; Giscard d'Estaing fez o projecto do Museu d'Orsay. Pois bem, Mitterrand elegeu para maior honra e glória da grandeza da rança e dos franceses, o Grand Louvre e de caminho perpetua a sua memória.

Arquitectura do século XX junto ao Renascimento

O empreendimento é ambicioso e o seu custo exigiu o orçamento de dois anos. O objectivo é dinamizar o interior do Louvre, o qual nasceu para fortaleza e palácio e que não reunia as características da moderna museologia, a qual é muito mais exigente e racionalizada. O projecto foi ganho pelo arquitecto japonês, naturalizado americano, I.M. Pei. Os franceses não têm preconceitos na altura de escolher arquitectos estrangeiros, porque, embora o seu chauvinismo seja grande, sabem que a arquitectura não é o seu forte, desde que Napoleão a separou das Belas-Artes.

O arquitecto Pei resolveu de um modo hábil, útil, prático e estético todos os problemas do vetusto museu, através «de uma gigantesca pirâmide transparente, de estrutura ligeira, que mistura os seus reflexos com os do céu e das núvens», segundo se explica no Ministério da Cultura. O pátio empedrado de Napoleão mudará assim a sua velha imagem de pátio de carruagens, por uma imagem atrevida e audaz da arquitectura do século XX.

Muitos não gostarão do projecto e pedirão a cabeça de alguém. Os parisienses podem não gostar da mudança fisionómica do coração da sua cidade, mas o projecto segue para a frente e Mitterrand verá realizada a «sua» arquitectura. Se o Louvre começou a ser construído como palácio no século XII por Felipe Augusto e se foi remodelado na Idade édia e no Renascimento (isto porque todos os regímenes políticos franceses têm querido colocar as suas pedras no Louvre) porque se havia de privar dele o século XX?

Ordenar o caos interior

Finalmente, este projecto dará coerência a um edifício que, segundo a informação do Ministério da Cultura, «apesar da sua harmonia exterior desde o Renascimento, no interior tem sido um caos: moradia real, prisão, museu, imóvel administrativo, etc...» Com a pirâmide de cristal, dar-se-á uma entrada magnífica aos visitantes, os quais se distribuirão imediatamente com ordem, conforme desejem visitar as colecções de antiguidades gregas, romanas, orientais ou pictóricas. Haverá elevadores e rampas para velhos e deficientes, zonas de descanso amplas e distribuídas por pisos.

Também se pensou muito nos grupos de turistas escolares, os quais constituem cerca de 30% do público.

Os trabalhos têm decorrido num rítmo mais lento do que o previsto, porque se aproveitu a obra para os arqueólogos fazerem escavações nos pátios. Os resultados foram muito valiosos. Apareceram os muros e torreões do velho palácio medieval, além de cerâmicas, escudos, etc...

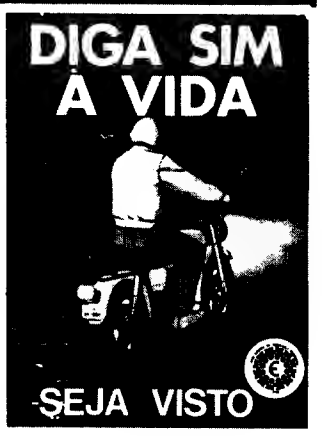
O grande museu de França vai mudar para bem da sua fisionomia interior, muito avantajada e incómoda nos últimos tempos, altura em que recebia mais visitantes num ano de que em todo um século. As entradas que o Estado francês oferece, não são apenas monetárias, mas também de orgulho e propaganda. A entrada custa vinte francos, se bem que o Louvre mantenha a tradição e a generosidade de, aos domingos, oferecer uma visita gratuita, facto que não acontece nas outras galerias estaduais. Visitar museus em França não é um assunto barato, mas vale a pena.

A Vénus de Milo, a Victoria de Samotrácia, o Escriba Sentado, a Gioconda ou qualquer outra obra patente no Louvre, poderá ser contemplada com mais comodidade a partir de 1987. E Mitterrand será recordado pelo Grand Louvre.

COSTUREIRAS

PRECISAM-SE

ADMISSÃO IMEDIATA, RESPONDER PESSOALMENTE À RUA JOÃO NASCIMENTO COSTA, N.º 8-A EM LISBOA, JUNTO ÀS OLAIAS.



TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA
10.º Juízo Cível

ANUNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da publicação do 2.º e último anúncio, na execução ordinária n.º 11.003, 1.ª secção. Exequentes — POLINOX-REPRESENTAÇÕES E CENTRO DE METAIS FINOS Ld.ª, executado — Sociedade Metalúrgica Unida do Galvão, Ld.ª com sede na Calçada do Galvão 33-L — LISBOA.

Lisboa, 11 de Novembro de 1986

A Juiz de Direito,
ANA BELA CUPERTINO
A Escrivã Adjunta
NOÉMIA MARIA SIMÕES

«DL» 18/11/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE SETÚBAL

A N Ú N C I O

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data de afixação da segunda e última publicação do anúncio

Execução Sumária n.º 119/85, 2.ª secção, 1.º Juizo

Exequentes — SOCIEDADE PORTUGUESA DE AR LÍQUIDO (ARLÍQUIDO), SARL.

Executado — PRECOL — SOCIEDADE DE PRÉ-CONSTRUÇÃO DE ESTRUTURAS, SARL, com sede na Praça Teófilo Braga, 26 — SETÚBAL

Setúbal, 10 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
ERNESTO ANTÓNIO GARCIA CALEJO

O Escrivão Adjunto,
PASCOAL SANT'ANA RIBEIRO GOMES

«DL» 18/11/86 — 2.ª Pub.

ANÚNCIO

O Doutor António Manuel Pereira, juiz de Direito da Segunda Secção do Nono Juízo Cível de Lisboa.

Faço saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e segunda secção correm éditos de vinte dias, contados da publicação do segundo e último anúncio (processo n.º 8506-A), citando os credores desconhecidos do executado Sociedade Comercial de Resinas SARL, com sede na Avenida Fontes Pereira de Melo, n.º 35 - 6.º, em Lisboa, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução de Sentença movida por Hoechst, AG, Sociedade Comercial, com sede em Frankfurt - Maine — República Federal Alemã, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente afixado.

Lisboa, 22 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,
a) ANTÓNIO MANUEL PEREIRA
O Escrivão Adjunto
a) ALCIDES ALBERTO BESTEIRO

«DL» 18/11/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE SINTRA

ANÚNCIO

O DOUTOR ÁLVARO POPPE LOPES CARDOSO, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE SINTRA.

FAZ SABER que por este Tribunal correm seus termos uns Autos de Sentença, registados sob o n.º 46/86 — 2.ª Secção, em que é Exequente CÂNDIDO ROMÃO DE OLIVEIRA, residente no Impasse Ilha Graciosa, Lote 17-1.º C em Cacém e executada CIM — CACÉM INDUSTRIAL METALÚRGICA, LDA., com sede na Estrada de Paço d'Arcos, Apartado 2 — Cacém, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias findo o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos art.ºs 864 e seguintes do Código do Processo Civil

Sintra aos seis de Novembro de mil novecentos e oitenta e seis.

O JUIZ DE DIREITO,
a) Álvaro Poppe Lopes Cardoso
A ESCRITURÁRIA
a) Maria Fernanda A. Fernandes Pinto

DL- 18/11/86 — 1.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MAFRA

ANÚNCIO

FAZ SABER que no dia CINCO DE DEZEMBRO DE 1986 pelas CATORZE HORAS, à porta deste Tribunal, nos autos de Carta Precatória com o n.º 198/86 da 1.ª Secção, vindos da 2.ª Secção do 1.º Juizo do Tribunal Judicial da Comarca de Cascais e extraídos dos de Execução de Sentença com o n.º 766-B, em que é Exequente JOSÉ FRANCISCO PEREIRA SIMÃO e Executados MANUEL LUÍS CIPRIANO LUCAS e OUTROS, hão-de ser postos em praça, pela primeira vez, para serem arrematados ao maior laço oferecido, acima do valor indicado nos autos, o direito que os executados têm na herança de Cipriano Lucas e Joana Lucas e ainda o direito que os executantes têm na herança de João Santos

Mafra, 11 de Novembro de 1986

A JUÍZA DE DIREITO,
(Assinatura ilegível)

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
(Assinatura ilegível)

D L 18/11/86 - 1 ª Pub.

Ciclo de Música Improvisada na Gulbenkian

O saldo foi extremamente positivo

Jorge Lima Barreto (*)

O ciclo de Música Improvisada terminou com um saldo extremamente positivo e deixando em todo o público, que sempre esgotou as lotações, uma memória de novos sons e de novas concepções de música. Os **workshops** *terão decorrido de forma deveras informativa para músicos e assistentes e apenas um silêncio musicológico, de cortar à faca, separou a música do seu público. Não há dúvida de que um suporte teórico teria predisposto a audiência para uma melhor compreensão estética, sensível e mesmo histórica, deste fenómeno tão insólito de música contemporânea, que é a música contemporânea improvisada. O Acarte deve também cuidar do aspecto cénico da sua imagem gráfica relativamente à publicidade e catálogos, o que, por sinal, este ano foi descurado.*

Steve Lacy

Apesar de toda a gente conhecer o saxofone soprano no «Bolero» de Ravel, desenhando obcessivamente o leitmotiv, depressa se constata a indiferença da composição ocidental em relação a este instrumento. Mas no jazz não se passaram assim as coisas: teria sido mesmo Sidney Bechet quem seduziria Ravel, que o admirava sem restrições.

Mas o saxofone soprano, se omitirmos Canonball, Lucky Thompson ou Hodges, conheceu a sua modernização em Lacy: ele, antes de Coltrane, abriu novas perspectivas a este instrumento tão subtil.

Os solos de música contemporânea que vimos no CAM elucidaram o público aí presente sobre as linhas de fuga estilísticas que Lacy instaurou a partir do jazz: assim se tematicamente Lacy escolheu o seu génio prolífero e interpolou, encadeou, encarnou, montou/desmontou figuras temáticas suas com uma extrovertida e permanente citação da temática e da composição de Monk.

As durações, devido ao carácter do solo, eram curtas, polvilhadas de estruturas interválicas mínimas, que ora se expandiam em longos glissandos ou se concentravam em pontos, notas, ruídos parasitários.

Lacy coordenava uma formulação iminentemente melódica e jazzística com incríveis sucessões de ataques improvisados no sentido da abstração. As acentuações libertas de conceitos normalizados de cadência poderão ter sido o trato distintivo entre o discurso do jazz e o da improvisada contemporânea. O conceito rítmico em Lacy, neste concreto, fragmentou as linhas modais, pulverizava índices melódicos, desarticulava as situações tonais e dispersava os inúmeros blocos atonalísticos.

Nos experimentos atonais (sem centro ou notas dominantes) Lacy trabalhava o timbre com surpreendentes efeitos: mesmo quando fazia passar o sopro através das cordas do piano vertical aberto, obtendo uma espécie de flutuação sonora misteriosa.

Um concerto heterodoxo, pouco habitual, ilustrado de instantes, que só um virtuoso como Steve Lacy pode inventar.

Han Bennink

O concerto do percussionista-**performer** Bennink veio, duma forma muito sedutora, reconsiderar 3 noções tão antigas quanto vanguardistas de música: 1) **performance**. 2) espaço. 3) humor. E esta tripla categoria de interpretação inseriu-se num discurso de Música Contemporânea Improvisada para percussão, confirmando o elevado nível criativo deste músico holandês.

Se a primeira parte do concerto mereceu a globalidade desta análise, a segunda parte inflectiu para situações mais nitidamente jazzísticas.

Mas vejamos estes três pontos de crítica musicológica:

1. **performance**: o termo é aqui correlativo à noção e perform-art, uma nova espécie de arte que muito sucintamente, e com possibilidades de outra conceptualização, significa um investimento do corpo-artista numa zona de criatividade ritualizada, improvisada, não convencional, que pode, por recurso a funcionalidades **intermedia**, situar-se em diversos campos artísticos. Egídio Álvaro, actual professor de **Performance** na Sorbonne, indicaria o concerto de Bennink como uma «intervenção corporal-gestual» na música contemporânea improvisada.

Bennink cobria a bateria de jornais, agredia esteticamente todos os objectos ou suportes possíveis (mesa, cadeira, escadas, coxas, vidros, o próprio ar), Bennink vestia, neste ritual, calças curtas tipo colonial, meias e camisola cor de salmão; o cabelo demencialmente talhado muito rente. A leitura do jornal, a proposta muito persuasiva para vender os seus discos. O piano é tocado com um tesoura de jardinagem, com os pés, com a cabeça e os cotovelos, numa citação muito «fluxus», poderemos dizer que o «Fluxus» foi uma criação artística inovadora desde os anos 60 em música **performance**, **happening**, pintura, bailado, arte de acção e participação).

2. **espaço**: junto de nós estava Jorge Listopad (como sempre dos raros a aparecer em todos os acontecimentos culturais) que de e o mais elementar formalismo do Ocidente (o dó maior) torna-se a «novidade jornalística» e o argumento fictício da ignorância. O que não impede jamais Peixinho de compor uma extraordinária sinfonia em dó maior. E isto vem a propósito pela perplexidade com que certa crítica encarou este triplo concerto de Parker e Bailey. Precisamente porque a música não reconheceu qualquer centro tonal, não adoptou qualquer sentido unificador ou hierarquizador das notas.

Preferi os solos do primeiro dia (14) ao duo do dia 15. Evan Parker foi, se é possível ser-se, mais convencional no tenor, mas a sua performance no sax soprano deixou-nos a impressiva ideia de que estávamos perante um dos mais avançados músicos neste instrumento. O seu estilo desenvolveu-se numa improvisação sobre jogos de sopro contínuo, que criava uma espécie de «drone», e furiosas mas constantes frases abstractas. Isto apenas foi possível porque Evan se concentrou na relação de harmónicos que parasitariamente se libertavam desse fluxo. Um solo de uma hora que não cedeu um segundo sequer à mínima frase convencional.

Também o inconformismo caracterizou o concerto de Bailey: recusa frontal de simetrias, de regimes periódicos ou de estabilizações rítmicas. O modo de ataque, a utilização de todas as partes da guitarra, «la Recherche» permanente sobre as cordas e mais ainda um subtílimo e conspícuo controlo de dois únicos pedais ligados à guitarra eléctrica; manobrados por movimentos quase imperceptíveis dos pés e aproveitando essas intermitências minimais (feed-back, distorção), Bailey, que foi pioneiro desta tipologia musical, mostrou-se como dos mais abstractos e significativos guitarristas da actualidade. Teria merecido a presença de compositores e músicos portugueses, sempre ausentes ou sempre fechados na sua erudição academista. Mas muito músico novo e muito amador consciente do que ouvia, foram suficientes para acarinhar e premiar esta aventura da música nova improvisada.

Um ciclo que deu frutos.

Também, e à laia de notícia, quero esclarecer que não somos contra o vídeo musical, nem nos inibimos em elogiar qualquer actividade positiva duma editora discográfica seja ela qual for: assim, enquanto a nova programação musical da televisão tem o signo do efémero e do anódino, agravado pela semântica do retrógrado, foi-nos dado ver o vídeo comemorativo da marca discográfica «Blue Note», distribuição VC; e entre inesquecíveis concertos e irrefutável qualidade videográfica, vimos um solo absolutamente genial do pianista Cecil Taylor, por certo o maior improvisador vivo deste século.

(*) Musicólogo

Richard Teilelbaum

CIRCULAR

Uma das aguarelas de Paulo Ossião, no Atrium da Imprensa até ao dia 18 de Dezembro

Exposições

• No Atrium da Imprensa (Casa da Imprensa — Rua da Horta Seca, 20), uma exposição de aguarelas de Paulo Ossião. Patente até 18 de Dezembro, de segunda a sexta, das 10 às 20 horas.

• No Clube 50, de terça a sexta das 17.30 às 20.30 horas, sábados das 15 às 20 horas, quartas-feiras também das 21.30 às 23.30 horas, uma exposição de Pintura e Desenhode Carlos Martins Pereira.

• Na Galeria Hotel Albatroz, em Cascais, inauguração hoje, pelas 22 horas, de uma colectiva de Pintura, Escultura e Tapeçaria com obras dos artistas Aida Sousa Dias, Ana Johnson, Juan Diaz Duran, Francisco José Simões, Gisella Santi, Helena Justino, Walter Koch, Óscar Guimarães e Xavier. Todos os dias das 10 às 23 horas.

• Na Galeria de Arte do Hotel Meridien-Porto, uma exposição de aguarelas da autoria de Jaime Isidoro, até ao final do corrente mês. O tema é o «Porto-Margens do Douro».

• Na Galeria Altamira até 20 do corrente, uma exposição de pintura de Vítor Fortes. Patente na Rua Filipe Folque, das 10 às 19 de segunda a sexta e das 10 às 13 aos sábados.

• Na Galeria Comunicação Visual, Lda. (Novo Século) na Rua do Século, 23-A uma exposição de pintura do artista Romualdo. De segunda a sábado das 14 às 20 horas. «Cupido Negro em Jardim Alheio» é o título desta mostra.

• Na Galeria «Espace Alliance» — Rua Braamcamp, 13-1.º, até 29 de Novembro, a primeira exposição individual de Manuel de Sena. Das 10 às 13 e das 14 às 20 nos dias úteis.

• Na Galeria do British Council, Rua Cecílio de Sousa, 65, uma exposição de Pintura do artista britânico Graham Walker, que há cerca de três anos estabeleceu residência em Portugal, onde vive e trabalha desde então. É sócio da Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde já participou numa exposição colectiva. Em Janeiro deste ano efectuou uma exposição individual na Junta de Turismo da Costa do Estoril e figurou também na «Primeira Mostra de Arte Contemporânea no Brasil» apresentada na Sociedade Brasileira de Belas-Artes do Rio de Janeiro.
Esta mostra de Graham Walker pode ser visitada até dia 21 do corrente.

• Na Galeria JN — Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, no Porto, uma mostra de fotografia de Eduardo Tomé sobre «A Coreia e as Olimpíadas de Seul». Das 14.30 às 19.30, excepto domingos e segundas.

• Na Galeria Municipal da Amadora, até 23 do corrente, estão expostos trabalhos de pintura, desenho, escultura e tapeçaria da autoria de Fidalgo, Henrique Faria e Lucas dos Santos. No âmbito desta exposição realiza-se no próximo dia 14, pelas 21 horas, um colóquio sobre o tema «Bruxas e marginais na pintura europeia ao longo dos séculos». Horário da exposição: das 15 às 23 horas.

• No Museu Tavares Proença Júnior em Castelo Branco até final do mês, pinturas sobre gesso da autoria de João Manuel Hormigo. Autor é licenciado em Arquitectura, natural de Castelo Branco onde actualmente exerce funções docentes na Escola Secundária. Esta é a sua primeira exposição individual.

• Na Galeria Ana Isabel — R. da Emenda, 111-1.º, uma exposição de pintura de Vera de Castro, até dia 29 do corrente. Patente ao público de segunda a sábado das 14 às 19 horas.

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ASES INDOMÁVEIS
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

[illegible]
T. 763319

AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

[illegible]
INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

[illegible]
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

[illegible]
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70
A VERDADE DOS FACTOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

CLUBE PRIVADO
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358

SEXO A CHINESA
(int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

UMA TREMENDA CONFUSÃO
(maiores 12 anos)
15.30, 18,30 e 21.30 h

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, com Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Cinebloco
— T. 556824

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h

JOVENS SEM RUMO
(maiores 16 anos)
24 h

Cinebolso
INTRODUÇÕES ÍNTIMAS
(Porno)
(Int. a m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194

SODOMA E GOMORRA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

NOITES ESCALDANTES
(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16,30, 19 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Amália

FX — EFEITOS IMORTAIS
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O ROMANCE DE MURPHY
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

GINGER E FRED
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O SOLDADO
(m. 12 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

DUELO IMORTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

A ENCRUZILHADA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

TOOTSIE
(maiores 12 anos)
Ciclo Dusty Hoffman
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

OPERAÇÃO ORION
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
LUA-DE-MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
REVOLUÇÃO
(maiores 13 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037

CARMEN
(maiores 12 anos)
21.45 h

Gemini
— T. 734009

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
FIX — EFEITOS MORTAIS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
DUELO IMORTAL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134

LAWRENCE DA ARÁBIA
(maiores 10 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
LUA DE MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres
— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Encerrado para remodelação

Nimas
— T. 574362

A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

CHAMARAM-LHE GÉNIO
(n/acons. a men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olympia
T. 325309

BURLONAS DO SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. a men. 18 anos)

Pathe
— 821933

NOITES DE PAIXÃO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O NAVIO FAROL
(m. 16 anos)
15, 19, 21.30 e 23.30 h
MINHA LINDA ALDEIAZINHA
(m. 16 anos)
17.00 h

Sala 2
A CORTINA RASGADA
(m. 14 anos)
14.00, 16.30, 21.30 e 24.00 h
«KAN» DE SERIT GOREN
(m. 16 anos)
19.00 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 23.30 h
DANCING IN THE DARK
(m. 16 anos)
21.30 h

Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
16.45, 19, 21.30 e 23.30 h
PASSIFLORA
(m. 16 anos)
14.30 h

Roma
T. 889192

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

CAÇA ÀS VIRGENS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

[illegible]
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

[illegible]
A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

[illegible]
COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715

A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star
— T. 804210

PAPLOVA — UMA MULHER PARA SEMPRE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

FELIZ NATAL MRS. LAWRENCE
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 890806

ESTRADA DE FOGO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.00 h

Xenon
— T. 368480

DUELO IMORTAL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(maiores 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Academia dos Doutores», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Oficial e Cavalheiro» às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)
AMADORA — Babilónia — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «A experência de Filadélfia», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «As Forças do Universo», às 21.30 h (m. 16 anos)
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Que Paródia de Férias», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Terror na Auto-Estrada», às 17 e 21.15 h (maiores 18 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Dois Super-Polícias em Miami», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Nova Iorque Foa de Horas» às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Desaparecido em Combate», às 15.30 e 21.45 (m. 16 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Ternos Laços», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Duelo Imortal», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Terror na Auto-Estrada», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «Absolute Beginners», às 16 e 21.30 h (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível Almadense — «Operação Stop», às 15.30 e 21.30 h (int. 13 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «Espiões como Nós», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Denuncia Sinistra», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 18 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Código do Silêncio», às 16.15 e 21.45 h (m. 6 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Debaixo de Fogo», às 15 e 21.15 (m. 18 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «A Cor Púrpura», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Acto de Vingança», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos).
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «As Forças do Universo», às 16 e 21 h (m. 16 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AREEIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA-HORA: Segu[illegible] da Boa-Hora**, [illegible]; **CAMPO DE OURIQUE: Elma**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **CHILE: Aliança**, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); **ENTRE SETE RIOS E SEGUNDA CIRCULAR: Da Luz**, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **FEIRA POPULAR: Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. [illegible]5455); **XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALCÂNTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro**, Av. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **BAIXA: Simões Pires**, R. da Prata, 115 (T. 362350); **BENFICA: União**, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **SAPADORES - PAIVA COUCEIRO: Europa**, Av. General Roçadas, 21-A-B (T. 843880); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 2 (T. 24558). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Higiene**, R. Frei Agostinho das Cruz, 51 (T. 22408). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 17-C (T. 2437196). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 97-A (T. 2471204). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Romeiro, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 4949050). Permanente; **São Jorge**, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 493870). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ: Serra & Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Marganda Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.dos e dom.gos, às 16 h

"GALILEU GALILEI", de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Cornucópia

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818

De 3.ª a sáb. às 21.30, domingos às 17.00 h

"O TOURO", de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**NO REINO DA FANTASIA**». Pelo TIL.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h

"AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT", de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Parque — Companhia de Nova Portugália

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta

"TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA», de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Efisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

Sábados, às 18.00; domingos, às 11.00

«**FECHA OS OLHOS E ENTRA NA HISTÓRIA**», de Alexandra Solnado. Encenação de Agostinho Macedo. Interpretação de Agostinho Macedo, Alexandra Sequeira, Carlos Macedo, Fernando Guerreiro, Francisco António, Henrique Macedo e José Boavida, entre outros.

Teatro D. Maria II — Sala Experimental

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo às 16.30

«**JONAS**», de E. G. Berreuby. Encenção e interpretação de Domingos Semedo.

Teatro Maizum — Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00

«**A RUA DOS FANTASMAS**», de Javier Vallatañe.

Setubal — Teatro de Animação

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De 5.ª a domingo, às 21.30

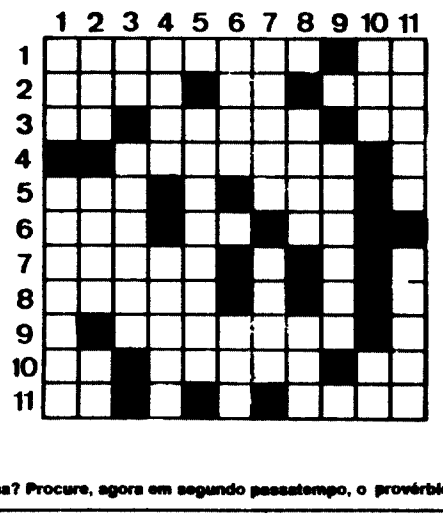
«**ALVES & C.ª**», de Eça de Queiroz. Dramatização e encenação de Fernando Gomes. Intérpretes: Asdrúbal Teles, Carlos Rodrigues, Cristina Melo, Fernando Amedo, Filomeno Gonçalves, Gil António, Isabel Ganilho, João Manuel, Maria Simões, Nuno Mello, Pompeu José e Rui Paulo.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 887

HORIZONTAIS:

1 Vício de jogar. Milímetro.
2 Estimar. Apelido. Calota.
3 O mesmo que uma (ant). Fruta seca especialmente uvas. Rado (s.q).
4 Premiais (fig). Artigo definido.
5 Cidade da Ucrânia. Apologia.
6 Estime. Idem. Samário (s.q).
7 Deslocação de ar.
8 Mais cedo.
9 Racha.
10 Interjeição familiar americana que significa tudo vai bem. Salto de calçado. Quarto.
11 Apelido. Federation International de Football Association (sigla).



VERTICAIS:

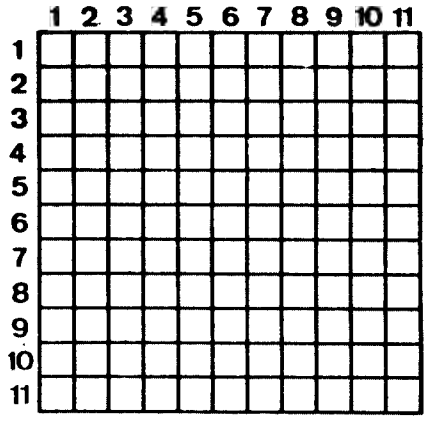
1 Rio do Estado do Amazonas. Habitantes da Baviera.
2 Dependência do oceano Índico, no Sudoeste da Ásia. Assim seja. Quiloampere (abrev).
3 Gálio (s.q). Convencido.
4 Lanço o arpéu em. Fronte.
5 Falcatrua.
6 Pronome demonstrtativo. Ferro temperado.
7 Referente ao nariz. Resta.
8 artigo definido. Escudeiros. Cidade da República Federal da Alemanha.
9 Cidade da URSS.
10 Oceano. Pequena ilha francesa, fortificada no Mediterrâneo.
11 Médico francês que recebeu o Prémio Nobel da Fisiologia e medicina em 1965. Água que cai da atmosfera.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 716

HORIZONTAIS:

1 O mais. Disfarce (fig). Crença.
2 Suspiros. Cidade do Estado de São Paulo.
3 Rachados. Nota musical.
4 Solitário. Envolve em pão ralado (inv). Consentimento.
5 Valente (fig). Oculto.
6 Plantas têxteis do Ceará. O mesmo que amir.
7 Cidade da Galileia. Nome de mulher.
8 Nome de homem. Aterorrizas.
9 Ornamento que os reis medos e persas punham na cabeça. Senhores.
10 Ruim. Em a.
11 Planalto. Meigos.



VERTICAIS:

1 Cidade dos Países Baixos. Mil e cem em romano.
2 Cidade de França. Um dos Estados dos EUA, nas montanhas Rochosas.
3 Abreviatura de Santíssimo. Trezentos e dois em romano.
4 Tombara. Prefixo de privação.
5 Desamparara.
6 Cousa nenhuma. Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas.
7 Cada um dos corpos que constituem o Exército. Preposição.
8 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Reis.
9 Vestimenta rústica (pl).
10 Arquipélago da Malásia, no mar da China.
11 Frutos silvestres. Manuscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 886

HORIZONTAIS:

1 O. TRABALHO.
2 Cariz. Fiã.
3 Amália. Mime.
4 Sob. AAA.
5 Algoz. CI.
6 Oil. Adiar.
7 Hg. Ialu.
8 Amorna. Arad.
9 Isaura. Anã.
10 Dá. VA. Bei.
11 Arrastais.

VERTICAIS:

1 Ocasiona. DÁ.
2 Amo. Miar.
3 Trabalhos.
4 Ril. Grava.
5 Aziaga. Nuas.
6 A. Odiar.
7 Fá. Azia. Aba.
8 Lima. Ala. IE.
9 Haia. Rurais.
10 An.
11 FELICIDADE.

PROVÉRBIO: O trabalho dá a felicidade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 715

HORIZONTAIS:

1 Guatemala.
2 Atoro. Áureo.
3 Latinos. Rim.
4 Op. Ceai.
5 Lesem. Sá.
6 És. Iago. AC.
7 Ícaro. Banha.
8 Aoros. Ardor.
9 Lás. Paço.
10 Sam. Bicaras.
11 Crepitar. Ma.

VERTICAIS:

1 Galileia. SC.
2 Uta. Escolar.
3 Aotos. Arame.
4 Tripeiros.
5 Eon. Mãos. Bi.
6 Os. Mit.
7 Aas. Sóba. Ca.
8 Lu. Arpar.
9 Arre: Andar.
10 Eia: Chocam.
11 Comia Arosa.

Radio

Antena Um

15.00: Às duas por três; **16.00**: Rocklândia; **17.00**: Pequeno jornal; **18.00**: Regressos; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.00: Melodias, de Fauré; **15.18**: Quarteto, em dó maior, opus 61, de Dvorak; **16.00**: Música do século XX; **16.30**: Canções, de Mendelssohn; **17.00**: Integrais; **17.30**: Música de bailado; **18.00**: Sonata, em ré maior, K. 284, «Durnitz», de Mozart; **18.40**: Sinfonia, n.º 3, em ré menor, de Mahler; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Solos instrumentais; **21.30**: Música portuguesa; **22.00**: Música instrumental; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **16.00**: A feira mágica; **19.15**: Musical; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazz; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; **14.00**: Peça-nos em directo; **15.00**: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar; **20.00**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

TELEVISÃO

RTP 1

18.02 — Sumário
18.07 — Brinca Brincando
«O Pequeno Inventor» — 5.º episódio
18.55 — Par ou Ímpar
19.30 — Telejornal
20.00 — Boletim Meteorológico
20.05 — Direito de Antena
20.15 — Viver a Vida

2.º episódio. Henrique não deixa impacientemente de tocar à campainha e Marcelo pede, aflito, a Marly que o deixe esconder-se, pega na mochila da roupa e foge pelo corredor. Henrique está desconfiado e procura em todos os cantos alguma presença estranha. Dudu beija Eduarda nos jardins da casa dos Saboya, só que Eduarda não o beija, deixa-se beijar. As peripécias em casa de Marly com Marcelo foram de verdadeira loucura e quando Marcelo consegue sair de casa está tenso, desconfiado e nervoso. Pára num banco para tentar acalmar-se, da mochila tira um cartão que o tio lhe deixou com um número de telefone e uma morada. Liga o número, nessa casa realiza-se uma animada reunião dada por Eduarda, Gil corre atrás dela que leva alegremente uma foto na mão. O telefone continua a tocar, será a própria Eduarda que falará com Marcelo, o que a deixa risonha por descobrir que quem lhe fala é o seu admirador da província. «Que emoção», pensa. E goza Marcelo que ingenuamente fica excitadíssimo com o diálogo. Marcelo acaba por ir procurar quarto num hotel decadente de Catete, não tem onde ficar é a verdade. Na manhã seguinte desce, mal dormido e mal humorado quando, inesperadamente, vê cá fora que Marly o espera. Entretanto, Germana e Onofre continuam a viver o drama de não receberem nenhum telefonema de Marcelo e de não saberem nada dele, desde que ele partiu para o Rio, Marcelo chega de táxi à casa de Saboya, mas não lhe consegue falar acabando por partir novamente de táxi. A mãe de Marcelo reza... «Jesus Cristo, ilumina o caminho do meu filho, uma boa posição, uma boa casa, um bom casamento»... Entretanto, Saboya e Marília, divertem-se em Angra.

No cais da casa de Angra atraca a lancha que traz Rodolfo e Eduarda, que irá ter problemas com a mãe que lhe dá uma bofetada. Eduarda (furiosa) corre e entra num carro que faz voar ao som de travagens e de arranques. Rodolfo tenta entender o que se passa. Eduarda passa em grande velocidade por um posto da Polícia onde a mandam parar. Não o faz. O polícia liga a sirene e corre atrás dela.

21.00 — Primeira Página
22.00 — Dempsey e Makepeace

2.º episódio. Dempsey, o jovem tenente da Polícia de Nova Iorque, herdeiro de uma fortuna de um bilião de dólares, destacado em Londres e Makepeace, a primeira mulher a atingir o lugar de comissária na Scotland Yard, trabalham juntos. Mas Makepeace não se sente especialmente satisfeita com o polícia americano, a quem falta a subtileza britânica:

Um assalto a uma carrinha de segurança que transportava 500 000 libras em notas usadas, exige a colaboração de ambos. Spikings Super intendente-chefe do SI-10, o serviço especial em que ambos estão colocados manda imediatamente cercar a City de Londres para evitar a fuga dos ladrões, mas estes conseguem ocultar a carrinha num camião maior e passar as barreiras policiais

Às 20.15 no 1.º canal, o 2.º episódio da novela «Viver a Vida»

dirigindo-se para o cais...

Intérpretes: Michael Brandon, Glym's Barber, Ray Smith.

Realizador: Tony Wharmby.

22.55 — 24 Horas
23.30 — Remate

RTP 2

14.47 — Agora, Escolha!
16.15 — Notícias
Europa TV
16.25 — O Tempo
16.30 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Ploom», «Plastinots» e a «Família Partridge»
17.00 — Countdown
17.45 — Eureka
18.10 — Almanaque
18.15 — O Tempo
18.20 — O Mundo Amanhã
18.25 — EuroDesportos
19.30 — «Liberdade para Escolher»
19.55 — Eurorepórter
20.00 — Notícias
20.05 — 5.ª Dimensão
20.30 — Uma Família às Direitas

2.º episódio. «All in the Family» é o título original desta nova série norte-americana que, como «5.ª Dimensão» foi produzida pela CBS-TV Network.

De segunda a sexta-feira assistiremos às peripécias vividas pela divertida família Bunker que ao pretender viver tranquilamente o seu dia-a-dia acaba por se envolver nas situações mais embaraçosas...

21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Cinemadois

«O Lírio de Manila». A história do filme é, sobretudo, um pretexto para estudar o carácter de uma rapariga, Insiang, que cresce num bairro degradado filipino. O argumento é constantemente o reflexo da violência inerente ao excesso de população de certos bairros e também a perda de dignidade humana em função de um determinado meio físico e social. Enfim, é sobretudo, a necessidade urgente de mudar tudo isto.

Intérpretes: Hilda Koronel, Mona Lisa, Ruel Vernal, Rez Cortez.

Realizador: Lino Brocka.

23.00 — É de Ler
«As Noites de Outubro», de Gerard de Nerval.

Amanhã

RTP 1

18.02 — Sumário
18.07 — Brinca Brincando
18.50 — Par ou Ímpar
19.30 — Telejornal
20.00 — Boletim Meteorológico
20.10 — Vamos Jogar no Totobola
20.20 — Viver a Vida
3.º episódio
20.50 — Lotação Esgotada
«Boyfreend»
22.55 — 24 Horas
23.25 — Remate

RTP 2

14.47 — Agora, Escolha:
16.15 — Notícias
16.25 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — 5.ª Dimensão
28.º episódio
20.30 — Uma Família às Direitas
3.º episódio
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Giselle
23.15 — É de Ler

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — Dempsey e Makepeace 2.º episódio

RTP 2 — Cinemadois

«O Lírio de Manila»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

DL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.50	4,00 m	09.24	1,20 m
16.09	3,80 m	21.33	1,30 m
Dia 19			
04.24	3,90 m	09.58	1,30 m
16.45	3,60 m	22.06	1,40 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	2°
VIANA DO CASTELO	5°
VILA REAL	3°
PORTO	6°
COIMBRA	8°
CABO CARVOEIRO	13°
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	8°
LISBOA	11°
ÉVORA	8°
BEJA	8°
FARO	12°
SAGRES	12°
PONTA DELGADA	12°
FUNCHAL	17°

Empresários portugueses visitam Cabo Verde para o relançamento

A Associação Industrial Portuguesa vai organizar a visita a Cabo Verde de uma delegação multissectorial de empresários portugueses com capacidade para colaborarem no relançamento da actividade industrial no país — revelou à Anop, na Cidade da Praia, o presidente da AIP.

Rocha de Matos, chefe da delegação da AIP que desde sexta-feira efectua uma visita oficial de cinco dias a Cabo Verde, a convite das autoridades da Praia, adiantou que um grupo de empresários se deslocará à antiga colónia portuguesa em Janeiro ou Fevereiro para debater as formas concretas de cooperação.

Essa cooperação poderá — segundo a mesma fonte — assumir diversas formas, nomeadamente o lançamento de empresas mistas luso-cabo-verdianas cujo objectivo último seria a conquista de mercados africanos.

Para o presidente da AIP, que já visitou dez unidades industriais públicas, mistas e privadas nas ilhas de São Vicente e Santiago, existem grandes potencialidades e óptimas condições para os empresários portugueses, sobretudo nos domínios do calçado, têxteis, metalomecânica eléctrica e electrónica, pescas e marinha mercante, entre outros.

A delegação da AIP manteve ontem vários horas de conversações com uma equipa chefiada pelo ministro cabo-verdiano da Indústria, conversações que continuarão hoje e no final das quais deverá ser assinado um protocolo de cooperação.

Novo código de investimento estrangeiro

As autoridades de Cabo Verde deverão aprovar «muito em breve» um código de investimentos estrangeiros «aberto» por forma a dinamizar os sectores industrial e de serviços no país — revelou o ministro cabo-verdiano da Indústria e Energia, durante as conversações com a delegação da AIP.

Fonte oficial na Praia salientou o facto de a delegação da AIP ser a primeira de alto nível do empresariado privado estrangeiro a ser convidada a visitar Cabo Verde.

O convite partiu do primeiro-ministro cabo-verdiano, Pedro Pires, que em Junho visitou Portugal, tendo na altura sido obsequiado com um jantar pela Associação Industrial Portuguesa.

No final desse jantar Pedro Pires declarou que «o esforço de desenvolvimento de Cabo Verde poderá atribuir aos empresários portugueses um papel essencial.»

Dadores de orgãos passam a ter cartão sanitário

Os candidatos a dadores de orgãs serão possuidores de um «cartão sanitário» padronizado onde, para além de menções como o grupo sanguíneo, se incluirão os órgãos que se pretendem doar — revelou o ministro da Justiça.

O «cartão sanitário» está previsto num projecto de diploma que o Ministério da Justiça tem praticamente concluído e que deverá ser analisado em Conselho de Ministros até ao final do ano — acrescentou Mário Raposo.

O projecto, que visa alterar o Decreto-Lei 553/76, sobre colheita de órgãos e tecidos humanos para transplantações e enxertos, define como princípio básico da problemática das transplantações a «gratuitidade» e o «consentimento do dador».

O consentimento do dador maior «será pessoal, expresso e dado por escrito», enquanto que o do dador só será aceite em «circunstâncias excepcionais», ou por «acordo escrito» ou quando os órgãos se destinem a irmão ou irmã do dador — refere o projecto, citado pelo nibistro da Justiça.

As colheitas em cadáveres, segundo o projecto, só se poderão efectuar se o falecido, sendo maior, «não tiver em vida manifestado a sua oposição», acrescentou Mário Raposo.

O projecto do Ministério da Justiça define ainda como critério para determinação da morte o da «morte cerebral», por, segundo o ministro da Justiça, «ser um dado adquirido, que a inequívoca verificação da paragem irreversível da função do tr5onco cerebral basta para demonstrar o facto — morte da pessoa».

/D/E/C/A/R/A/S/

MARIO NEVES, primeiro embaixador de Portugal na U.R.S.S. após o 25 de Abril, estará amanhã na Livraria de Publicações -Europa América (Av. Marquês de Tomar,1-B), às 18.30 horas, para apresentar o seu livro «Missão em Moscovo». Livro de memórias diplomáticas e políticas que relata minuciosamente as circunstâncias e os condicionalismos da abertura da Embaixada portuguesa na União Soviética. Desde 1917 que as relações diplomáticas estiveram interrompidas, Mário Neves sucedeu a Jaime Batalha Reis.

MARCELA HOLZAPFEL, soprano chilena, realiza um concerto na Fundação Gulbenkian no próximo dia 24. Acompanhada ao piano por Sol Bordas, Marcela interpretará obras de Guastavino, Villas-Lobos, Monrsalvatge, Samuel Barber, F. Heinlein, D. Argento, J. O. Salas, Mozart, Charpentier, Gounod, Bellini e Rossini. Marcela Holzapfel fez os seus estudos na Faculdade de Artes da Universidade do Chile, onde obteve o diploma de intérprete superior em Dezembro de 1985. Tem realizado recitais no Chile eparticipou na temporada de Ópera do Teatro Municipãl de Santiago.

SILVA LOPES, ex-ministro português das Finanças, é uma das duas dezenas de personalidades fundadoras da Comissão para a União Monetária da Europa, cuja formação foi ontem anunciada em Paris por Valery Giscard D'Estaing e Helmut Schmidt. Em declaração conjunta, o ex-presidente da França e o ex-chanceler da Alemanha Federal afirmaram que a Comissão se encontrará em breve em Bruxelas com o presidente da Comunidade Europeia, Jacques Delors, para «discutir o estado da construção da Europa Monetária».

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, o maior poeta brasileiro, de 84 anos, está a recuperar do enfarte que provocou o seu internamento no domingo, no departamento de cuidados intensivos de um hospital para doenças cardíacas, no Rio de Janeiro. O boletim médico publicado pela clinica afirma que Drummond de Andrade se encontra «bem no âmbito da insuficiência coronária» que levou à sua hospitalização e que o seu estado clínico está a evoluir «sem complicações». Drummond de Andrade é considerado como o mais importante representante da Literatura brasileira contemporânea e um dos maiores poetas do século XX.

JUAN CARLOS DE BOURBON, conde de Barcelona, aceitou um convite para se deslocar ao Estoril para inaugurar a rua com o seu nome, afirmou um elemento da Junta de Freguesia. O Presidente da República Mário Soares, O Rei de Espanha Juan Carlos, o primeiro-ministro Cavaco Silva, os ministros da Administração Interna e Negócios Estrangeiros e o embaixador de Espanha em Portugal vão também ser convidados. A iniciativa de homenagear o conde, que viveu mais de vinte anos em Portugal, partiu de uma comissão que se formou naquela freguesia do concelho de Cascais, a que se juntaram a Junta e a própria Câmara Municipal.

ALDO MORO, sequestrado e assassinado pelas «Brigadas Vermelhas» é a figura central do filme de Giuseppe Ferrara, que desencadeou uma onda de violentas criticas de democratas-cristãos e comunistas. «O Caso Moro», com Gianmaria Volonte no principal papel, foi há dias estreado em Itália. «Somos pela liberdade, e mesmo pela liberdade de dizer disparates. Só por isso não pedimos a confiscação da película», fez saber o secretério democrata-cristão Ciriaco de Mita, líder do Partido de maioria relativa da coligação governamental encabeçada pelo socialista Bettino Craxi.

Democratas portugueses solidários com o povo do Chile

Duas dezenas de personalidades da vida política e cultural portuguesa acabam de assinar um manifesto de solidariedade com o povo do Chile, poucos dias após a passagem do 13.º aniversário do «golpe de Estado fascista que derrubou o regime democrático-constitucional» de Salvador Allende.

O documento é assim divulgado em vésperas da realização de uma sessão pública marcada para as 21 horas do dia 24, no salão do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e dos Escritórios e Serviços de Lisboa (Av. Almirante Reis, 3).

Depois de saudarem a «resistência heróica do povo do Chile e a sua luta pela reconquista da liberdade» e expressarem «a fraterna solidariedade dos democratas portugueses», os signatários exigem o termo das «atrocidades no Chile», o levantamento do «Estado de sítio», o fim da «repressão», a libertação «dos presos políticos» e o restabelecimento «da democracia». Assinam o apelo António Dias Lourenço, António Feu, António Guterres, António Paulouro, Aurélio Santos, Baptista-Bastos, Blasco Hugo Fernandes, Fernando Piteira Santos, Hélder Costa, Jardim Gonçalves, Luisa Irene Dias Amado, Manuel Alegre, Maria Carolina Tito de Morais, Maria do Céu Guerra, Maria Helena Mira Mateus, Mário Sottomayor Cardia, Natália Correia, Paulo Sucena, Sérgio Vilarigues e Victor Lopes Correia.

Criada Associação de Intervenção Local

Uma associação denominada «Associação Politica Regional e de Intervenção Local», (APRIL), foi ontem constituída no Porto através de escritura pública.

Com sede na cidade do Porto e abrangendo os distritos de Aveiro, Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real, a APRIL tem como objectivos «a defesa e o aprofundamento da democracia, a defesa ada participação dos interessados e a elaboração de pensamento politico consequente às mutações sociais, designadamente na sociedade portuguesa».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Profissional e Complementar no Orçamento/87

Como descer taxas e receber mais

HOJE falaremos de magia.

O mago vem a descer as escadarias. Traz vestido um fato azul, a gravata apertada. Na mão direita, uma mala preta. A câmara corre para ele e o projector inunda-o de luz, fazendo-o pestanejar como se estivesse assustado. Os microfones estendem-se na sua direcção. Esperam. Alguém faz uma pergunta. O mago responde, mas não responde à pergunta. Fala apenas, para quem está do outro lado do vidro da lente, sentado à mesa, a jantar, enquanto vê as notícias. «Vamos desagravar os impostos» — diz ele. — «Vamos actualizar os escalões e baixar as taxas, é tempo de pensar nos mais pobres». Os pobres concordam.

O truque a desvendar consiste em obter um acréscimo das receitas do Imposto Complementar e do Profissional, em 13 e 20 por cento respectivamente, depois de se ter actualizado os seus escalões em 9 por cento e ter descido as taxas do Profissional em meio ponto percentual. Eis o que nos sugere a proposta de lei de Orçamento de Estado apresentada pelo Governo.

Para tal, precisamos da ajuda do casal Silva. O casal Silva tem um filho menor e um rendimento mensal, antes de pagar os impostos, de 72 700$00, cabendo a cada um, sem discriminação de sexo, por incrível que pareça, o vencimento de 36 350$00. A declaração aos meios de Comunicação Social de um desagravamento fiscal levou-os a pensar que teriam mais possibilidades de arranjar a máquina de lavar roupa. E, quando quiseram saber ao certo de quanto poderiam dispor, verificaram o que geralmente se entende por «desagravamento».

Para se perceber o que se passou, convém lembrar que o casal Silva pertence a um sindicato de um ramo de actividade cujas entidades patronais têm os costumeiros hábitos de não gostarem de se sentar à mesa de negociações ou de negociar com outros primeiro. O conjunto destes factores resultou num aumento salarial previsto para o ano seguinte de 10,1 por cento.

Aqui residiu, como mais tarde o casal Silva concluiu, o erro das organizações sindicais: quem é que se lembra de acordar aumentos maiores que a inflação prevista? Qualquer técnico sabe que os custos salarais encarecem os custos dos produtos e que isso só prejudica quem os compra, não falando das tensões inflacionistas que se propagam à sociedade inteira, ainda por cima logo agora que ela estava baixar na Europa:

O casal Silva tem muito respeito à inflacção. «Se eles dizem que é 9 por cento, quem sou eu para dizer o contrário?».

Aceitem-se, pois, os 9 por cento. Aliás, ela é a peça essencial do truque.

Com certeza, o casal deve recordar-se que poucas terão sido as pessoas a entrarem para o ramo, se não terão mesmo sido despedidas algumas que nele trabalhavam há algum tempo. E o engraçado é que, apesar disso, produziu-se mais. Se se somarem os acréscimos de rendimento gerados a nível de todos os ramos, verifica-se terem atingido, suponhamos, 2 por cento e são valores muito por baixo.

Resulta daqui que a produtividade do trabalho aumentou e, se se pretender manter a actual, muito desfavorável, repartição do rendimento criado, então os salários teriam de ser aumentados em percentagem igual à da inflação acrescida da do aumento da produtividade observada. Facto este, mal ou bem, muitas vezes integrado nos aumentos negociados. Pode ter sido o caso do casal Silva.

Ora, se os escalões do Imposto Profissional são actualizados, para o ano de 1987, em cerca de 9 por cento e se os salários têm um aumento superior a essa taxa, então pode verificar-se o que, geralmente se chama, um salto de escalão. Foi precisamente o que aconteceu ao casal Silva. E esse é o truque.

Se, por acaso, as contas forem todas feitas, tal como o casal Silva ao tentar descobrir se podia arranjar a máquina de lavar-roupa, registar-se-á que, os 45 800$00 entregues no ano de 1986 à Fazenda Pública, tinham crescido para 67 200$00, no ano que se seguirá. E isto com a descida de meio ponto percentual na taxa do imposto. Na realidade, para o casal Silva a proposta de lei de Orçamento corresponde a um agravamento de 1,5 por cento, pois antes pagava 4,5 por cento de taxa e, se a proposta for aprovada, passará a suportar 6 por cento de imposto.

O casal Silva moderadamente inquieto com a eventualidade de um «aligeiramento» desta ordem, falou com alguns amigos. Um deles ganhava 25 000$00 e outro 94 600$00. Previram um aumento de ordenado de 10 por cento e chegaram à mesma conclusão. Ao aumento de 10 por cento de taxa, correspondia, no primeiro caso, um aumento de 23 por cento de imposto a pagar e, no segundo caso, um aumento incomensurável, pois se antes ele estava isento de imposto, no ano seguinte teria de pagar 7700$00.

O casal e os amigos sossegaram-se, pois podiam ser os casos únicos. Dado situarem-se nos limites dos escalões, isso tornava possível um fácil agravamento cada vez que o aumento dos salários superasse o da inflação. Nos outros casos casos, os salários situados em valores médios dos escalões de imposto, desde que o aumento dos salários não fosse muito exagerado, poderiam gozar de uma diminuição da carga tributária.

A questão estava em não pedirem muito de aumento, ou então, que se actualizasse os escalões de modo a contemplar, pelo menos, os aumentos de produtividade.

Abuso no Complementar

O casal Silva, um pouco abalado, começou a interessar-se pela discussão do Orçamento de Estado e pelas posições dos partidos na Assembleia da República. Foi então que investigou o que se passaria quanto ao Imposto Complementar.

Sobre esse assunto, o casal Silva teve em atenção o facto dos escalões do imposto terem sido actualizados com uma taxa igual à taxa de inflação esperada, 9 por cento, e ainda de serem propostos aumentos das deduções. O casal Silva calculou o montante de imposto que deveria pagar em 1987 e concluiu se tratar de outro desagravamento propagandeado.

O casal começava a perder qualquer parte da sua segurança habitual. A proposta de lei do Orçamento previa uma actualização dos escalões do rendimento de acordo com uma taxa de inflação que se esperava para o ano de 1987, quando nesse ano se liquidao imposto relativo ao ano anterior, ou seja, 1986, cuja inflação foi de 12 por cento, ano em que os salários cresceram acima da inflação, o único em que o Governo considera ter havido um aumento dos salários reais desde há muito tempo atrás.

Pelos números do casal Silva, sem contar com as deduções dos seguros, consultas, despesas escolares do filho, o aumento de imposto a pagar seria quase de 50 por cento. O casal considerou um tanto exagerado mas também só correspondia ao agravamento de 4,85 contos em 1985, para 7,5 contos em 1986 e o seu caso não era daqueles afectados pela actualização dos escalões, dado se encontrar no mais baixo da tabela.

O casal Silva tentou imaginar qual seria a situação no ano seguinte, pois, se tudo fosse como naquele momento, então quem tivesse sido contemplado com uma diminuição do Imposto Profissional, acabaria por descontar parte desse abatimento no Imposto Complementar do ano que se lhe segue.

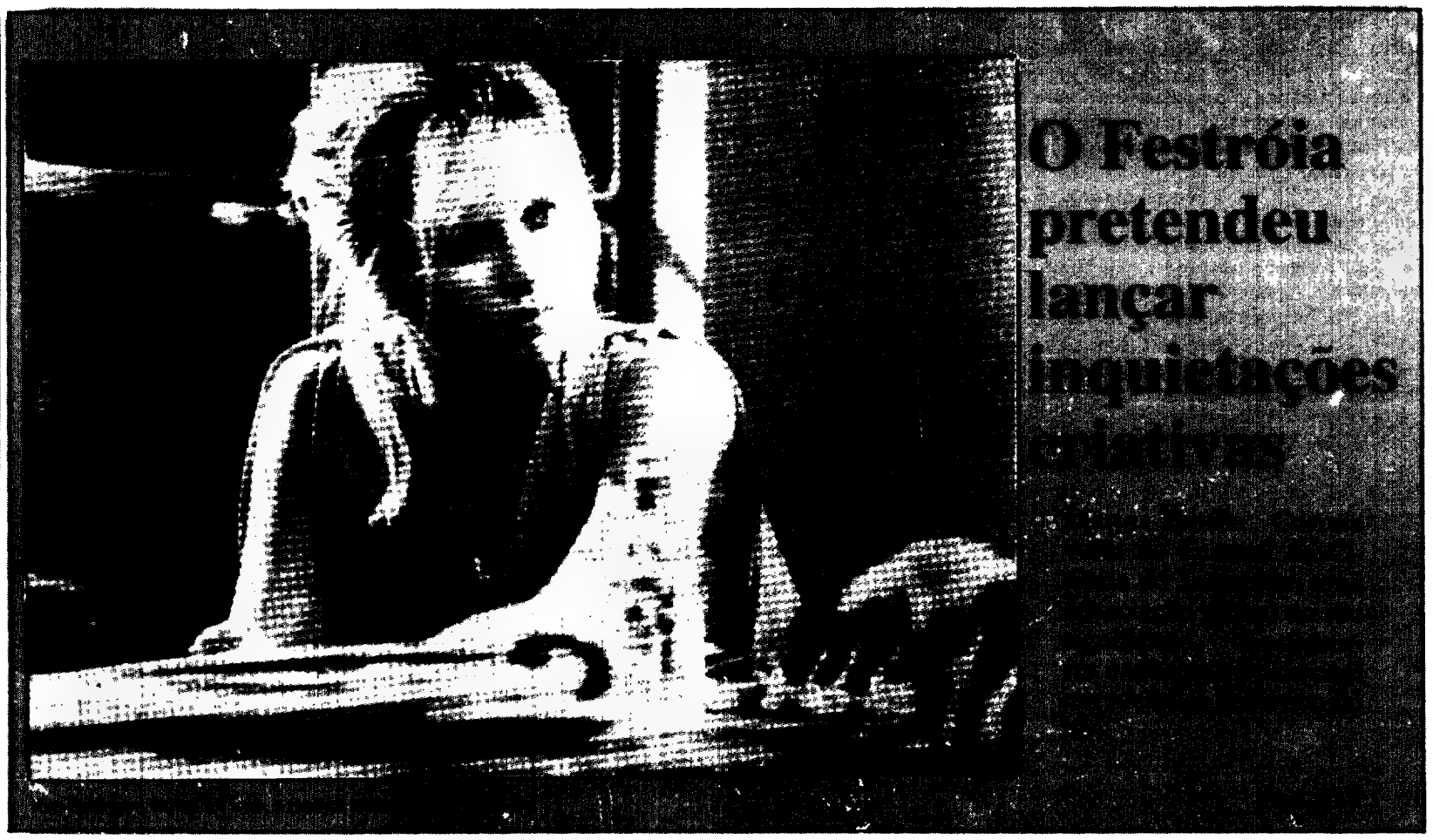
O casal Silva, depois de feitas as contas, voltou a sentar-se à mesa, a olhar a televisão, muito mais consciente de comparticipar no esforço dos governantes para o investimento crescer, apesar da máquina de lavar roupa ter ficado por arranjar.

João Almeida

Agenda de um teatreiro em Paris

Carlos Porto regressa de Paris com um bloco-notas sobrecarregado de apontamentos sobre o teatro que lá viu. A sua primeira crónica, que hoje publicamos, chama-se sintomaticamente... A dificuldade da escolha

Págs. 4 e 5



O Festróia pretendeu lançar inquietações

Cromos

ENTREI com a criança num centro comercial: estávamos ambos felizes e contentes: eu queria, ela queria, todos queríamos ir passar, passr a tarde ao centro comercial. A ver as montras e, muito eventualmente se para isso o dinheiro chegasse, a CONSUMIR qualquer coisinha. Tanto eu como a criança gostamos muito desse desporto: consumir, consumir muito, até à falência final. Chegamos mesmo a fazer concursos a ver quem consome mais. Só não nos oferecemos citroões visa. Eu e a criancinha, entre outras coisas, temos isso em comum: ambos desejamos muito, mais do que possuímos. Por vezes desejamos possuir, outras contentamo-nos com **desejar, desejar.** Já não é nada mau, muitos nem isso conseguem.

Lá entrámos, portanto, cantarolando e rindo. Eu e a criança cantamos e rimos muito. Eu estava satisfeito com o meu dia, e a criança, **hábil psicóloga,** não perdeu a oportunidade.

— Compra-me um bolo! — pediu, sugeriu, exigiu.

— Que bolo? — concedi, feliz por poder contentá-la com tão pouco — Um pastel de nata? Um bolo de arroz? Um mil-folhas?

(Tudo bolos que eu adoro, e de que eu esperava os generosos impulsos infantis me cedessem uma dentada.)

Para meu desespero, o infantil dedo espetou-se noutras direcções:

— Aquele!

Aquele, **aquilo, 1era um embrulho de plástico com o boneco do Homem-Aranha estampado, cores vivas. Não fosse pelas dimensões e pelo contexto (a pastelaria do comercial center)** e eu julgaria tratar-se de uma revista aos quadradinhos.

Enfim, cada qual tem os seus gostos e os desejos de uma criança são sagrados. Comprei-lhe o bolo, ou melhor, o bolo-homem-aranha, ou melhor ainda, o bolo-aranha.

Para meu espanto, mais do que uma dentada, a criança ofereceu-me o bolo quase todo.

— Não gostas? — choquei-me.

— Não. (A lacónica sinceridade dos inocentes é uma coisa à qual nunca me conseguirei habituar.)

— Então porque é que o compraste?

Resposta:

— Porque traz um cromo dos super-heróis.

Paguei 50$00 por um cromo, compreendi, um cromo do Capitão-América que, convenhamos, até nem era feio. O bolo, esse, é que era horrível, e razão teve a criança em recusá-lo. Eu no entanto comi-o todo, contrafeito: detesto ser enganado.

Reflecti: no dia em se oferecerem **cromos e brindes outros** não só nos Miluvites, Toddys e pastilhas elásticas, mas também nos espinafres, nas cebolas, nos grelos de nabo, a agricultura nacional dará um passo de gigante em frente. De gigante, como todos os passos que as crianças — mais ou menos consumistas — dão.

Rui Zink

P.S. Muito bonito, o desenho animado do (Milu) Vitinho a cantar que é hora de irmos dormir, no final da telenovela. É eficacíssima publicidade, que espero tenha sido — como merece — principescamente bem paga.
A quem? À RTP — espero...

A UNITA vista de Paris

Savimbi escutado com interesse por deputados da «maioria» e da «Frente Nacional»

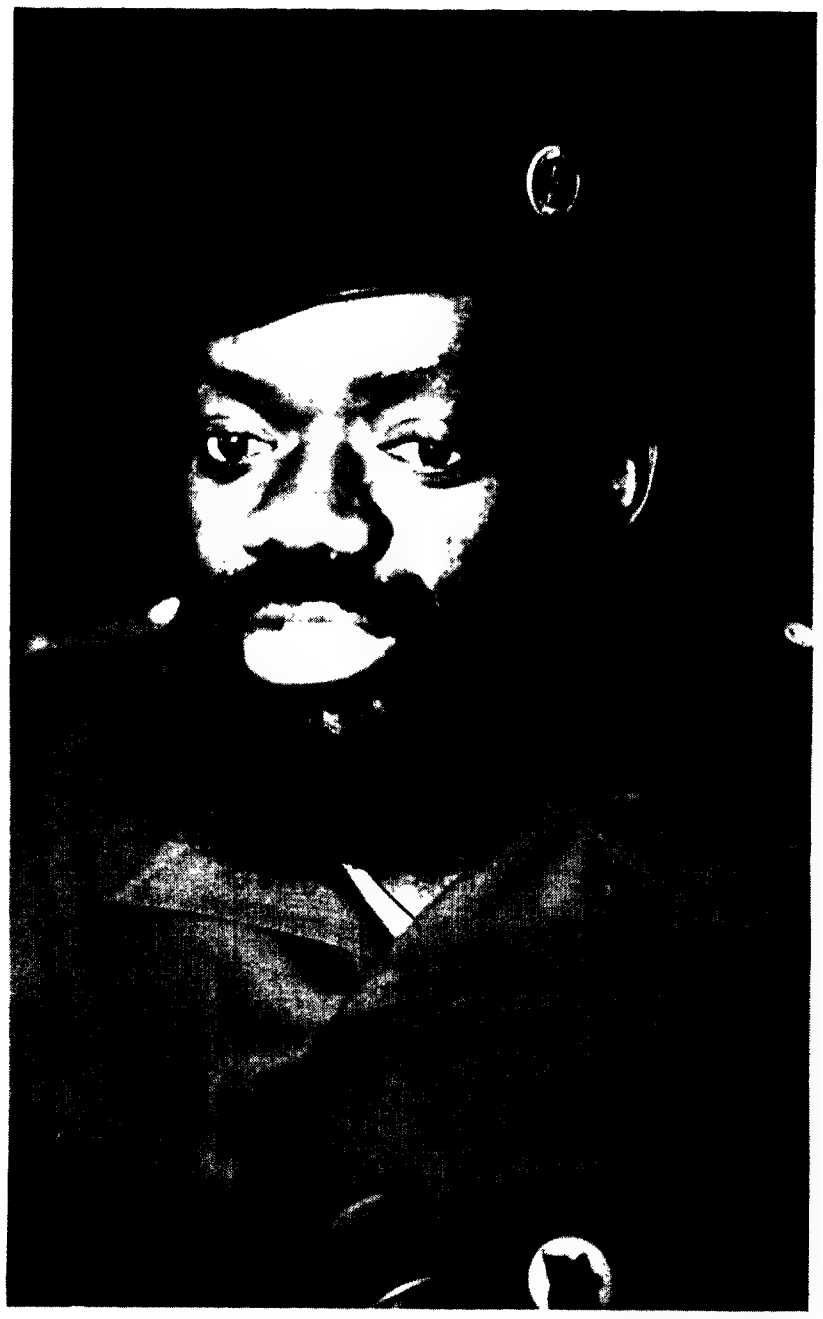
JONAS Savimbi sente-se chocado por ser visto como um «elemento incómodo» — ou seja, um terrorista —, pelas autoridades francesas. O chefe dos resistentes angolanos da UNITA, se bem que oficialmente recusado pelo governo, marcou alguns pontos no que ele qualifica de «ofensiva diplomática». Recebido no dia 22 de Outubro pelo presidente da Assembleia Nacional francesa, depois, no dia seguinte, por uma trintena de deputados da maioria e da Frente Nacional, depois, ainda de ter sido escutado por uma centena de parlamentares europeus, ele teve a possibilidade de se exprimir defronte dos «medias». O homem, é verdade, tem um certo carisma, aumentado ainda por um domínio perfeito da língua francesa. Ele sabe fazer vibrar uma corda sensível — o «perigo soviético» na África negra, condena os seus próprios amigos sul-africanos por causa do «apartheid» e não pede grande coisa, senão um pouco de compreensão pelo seu combate de «resistente». Para muitos deputados da maioria, Chaban-Delmas à cabeça, a resistência, evidentemente...

Só, Jonas Savimbi resiste a um governo legal, o do presidente Eduardo dos Santos, com o qual a França tem relações bilaterais e relações económicas que não são pequenas. No fundo, o adiamento da visita oficial do presidente angolano a França — por motivo da morte de Samora Machel —, conveio a toda a gente. Primeiro, Eduardo dos Santos que nem sequer ameaçou com uma anulação da visita, depois, o governo que ficou com liberdade de movimentos para deixar ao *terrorista* Savimbi uma certa permissividade nas acções a desenvolver na capital francesa. O chefe da UNITA, que recusou a protecção da polícia, aproveitou bem a ocasião. Depois de alguns dias, uma única questão se põe: encontrou-se Savimbi discretamente com o primeiro-ministro ou não?

O núcleo íntimo de Chirac foi-lhe favorável, em nome da lógica: em substância a guerra civil angolana está num impasse militar, Savimbi e Eduardo dos Santos estão condenados a entenderem-se e tudo o que se fizer para facilitar um diálogo entre estes dois homens será benéfico para Angola. O *Quay d'rsay*, que multiplicou as pressões em sentido inverso, adoptou uma atitude clássica: nada de ondas, sobretudo a algumas semanas da cimeira franco-africana de Lomé. Em 22 de Outubro, os partidários do encontro com Chirac tinham ganho aparentemente a partida: o primeiro-ministro recebeu discretamente Savimbi em terreno neutro, num hotel da cidade de Paris. E depois, nessa mesma noite, assegurou-se, de fonte próxima de Chirac, que tudo tinha mudado, nomeadamente a seguir aos avisos negativos, feitos pelos chefes de Estado africanos amigos de França. É evidente que esta decisão não vale forçosamente para os conselheiros do primeiro-ministro, como Foccart, que se ocupa dos assuntos africanos.

UM PASSAPORTE DIPLOMÁTICO

Savimbi não foi dado como perdido por todos. Tudo o que a Frente Nacional conta por «africanistas»: Roger Holeindre, Pierre Sergent, Jean-Pierre Stirbois, a UDF dos «grandes repórteres», como Jean-François Denian, e de antimarxistas puros e duros, tais como Frédéric-Dupont, Gantier, Daillet, estavam presentes no dia 23 à tarde, numa dependência do palácio-Bourbon, para vibrarem em uníssono da profissão de fé pela *liberdade* de Savimbi. Charles Millon (UDF), organizador do encontro, explicou que tinha recebido dezenas de cartas de colegas que estavam «retidos» nas suas circunscrições, ou pelo exame do «orçamento» (o hemiciclo estava no entanto deserto, como é hábito), a impressão que ficou foi que, de alguma forma, os deputados estavam incomodados por se verem (e serem vistos) na companhia de



um resistente armado — nomeadamente — pelo país do *apartheid*. Para mais, os deputados da Frente Nacional — que não estavam convidados — eram nitidamente maioritários...

O que importa é que os presentes estavam sob encantamento: Savimbi vestia com gosto, um fato à Mao, verde bronze, bastão de marfim na mão, voz quente e olhar cintilante; respondeu rrectamente a todas as perguntas e ficou impassível aos abundantes cumprimentos. «Que podemos fazer para vos ajudar?» perguntaram com inquietação numerosos deputados. Savimbi não se fez rogado: a França pode mobilizar «discretamente alguns países europeus» para que estes usem a sua influência junto do regime de Luanda e o ajudem a compor a situação; ela pode «encorajar os africanos a falarem da guerra civil em Angola». De qualquer maneira, é interesse «do Ocidente o defender-nos» na medida em que , se os soviéticos «resolvessem esmagar a resistência», eles conquistariam uma posição geo-estratégica incontestável e chegariam até ao Gabão.

A UNITA, na boca do seu líder, combate com 6000 homens — a metade organizada em batalhões, a outra metade em comandos — face a 45 000 cubanos, 2500 soviéticos, 3000 alemães orientais, 3000 «comunistas portugueses» e 2000 norte-coreanos. Cuba, precisou-o a Chaban-Delmas, enviou 10 000 crianças angolanas de quatro a sete anos para Havana.

Savimbi não quer que se continue a «sacrificar toda uma geração» de angolanos e posto que «a solução militar não é viável, é necessário negociar». Ele reconhece ser fortemente ajudado, militarmente, politicamente e financeiramente, pelos Estados Unidos, «doze países africanos», e a África do Sul, e mesmo que não tenha «pedido» o apoio de Pretória, este é obrigatório, posto que Angola está condenada pela geografia.

Savimbi, que vê como que um «reconhecimento» do seu combate no facto de ter recebido visto para esta visita, dispõe, depois de longa espera, de um «passaporte diplomático» que lhe passou um «país africano independente que tem excelentes relações com França». Quem? o sr. Savimbi «não pode» denunciar os (seus) amigos.

Com o seu «maravilhoso combate pelas liberdades» (Stirboris assim o afirmou), Jonas Savimbi despede-se dos «honoráveis deputados». Ele tinha outras consciências para despertar na capital francesa, entre as quais as de Léotard, que também o recebeu.

L.Z.

Maus negócios de Reagan com Irão de Khomeiny

Os protagonistas da crise que há seis anos contribui decisivamente para a eleição de Ronald Reagan são os mesmos que hoje abalaram fortemente a posição do presidente norte-americano. Reagan, que então criticou energicamente o modo como Carter lidou com o problema dos 52 americanos detidos durante 444 dias na Embaixada dos Estados Unidos em Teerão, vê-se agora publicamente envolvido numa operação de troca de reféns por armas norte-americanas.

Durante seis anos, Ronald Reagan fez questão em aparecer como o campeão da luta contra o terrorismo. A palavra de ordem da sua administração-não negociar com terroristas- foi insistentemente repetida junto dos aliados europeus e árabes dos Estados Unidos. Mas na primeira semana de Novembro o cenário alterou-se quando um segredo até então bem guardado passou a pertencer ao domínio público: a administração Reagan não só negociou com um país que classificou como um dos principais instigadores do terrorismo internacional,o Irão, como concordou em lhe fornecer armas em troca da libertação dos reféns norte-americanos detidos no Líbano.

O presidente cometera um erro que põe em causa toda a credibilidade da política internacional dos Estados Unidos, que poderá sabotar os alegados esforços de Washington em organizar um embargo mundial de vendas de armas ao Irão e que viola a lei em vigor nos «States».

Com efeito, a lei sobre controlo de exportação de armas, aprovada pelo Congresso norte-americano em 1976, obriga a administração a notificar aquele orgão sobre quaisquer exportações de quantidades substanciais de equipamento militar. Como se sabe, o Congresso não foi informado sobre a venda de armas norte-americanas ao Irão. Em 1979, uma outra lei sobre o mesmo assunto acrescentava à anterior a proibição de exportação de armas para qualquer país que fomente o terrorismo. Em 1984, a administração Reagan juntava o Irão à lista dos «países terroristas».

Neste cenário, a descoberta da chamada «diplomacia secreta» entre Washington e Teerão coloca Ronald Reagan numa posição dificil tanto a nível interno, como a nível externo.

Na verdade, o presidente tem agora de enfrentar um Congresso cuja competência foi «esquecida» pela administração e onde os democratas têm a maioria, como também tem ainda de segurar os elementos do seu governo colocados à margem da operação, e entre os quais figuram nomes como os do secretário de Estado George Shultz, supostamente responsável pela política externa, e do secretário de Estado da Defesa, Caspar Weinberger.

No plano internacional, o presidente, que ainda este ano ordenava o bombardeamento de Tripoli pelo alegado envolvimento da Líbia em actos terroristas, dificilmente poderá continuar a exortar os seus aliados para não negociarem com terroristas.

Mas neste campo, o que está sobretudo em causa é a posição dos Estados Unidos face ao conflito Irão-Iraque: ao fornecer armas ao primeiro, Ronald Reagan poderá estar a contribuir para uma solução considerada desastrosa pelos aliados árabes dos EUA, nomeadamente a Arábia Saudita, e, na opinião de Weinberger, também prejudicial aos interesses norte-americanos na zona do Golfo Pérsico.

«Grande Satã»

Na sua «confissão» televisiva da passada quinta-feira, Reagan afirmou que a quantidade e o tipo de equipamento fornecido ao Irão não alteram a capacidade militar deste país. Por outro lado, negou que o principal objectivo da «diplomacia secreta» fosse o da libertação dos reféns. Segundo o presidente, a venda de armas destinava-se sobretudo a abrir um canal entre os Estados Unidos e facções mais moderadas do regime iraniano.

Mas até hoje, as informações disponiveis contradizem as afirmações do presidente: o Irão terá recebido entre 40 a 60 milhões de dólares em equipamento militar e os fornecimentos coincidiram com a libertação de reféns norte-americanos detidos no Líbano.

Por outro lado, especialistas em assuntos do Médio Oriente em Washington têm frizado que o objectivo citado por Reagan, a ser verdadeiro, não é menos perigoso que o da cedência ao terrorismo: primeiro, porque apesar de velho e doente, o ayotollah Khomeini não é desafiado pelas várias facções iranianas; segundo, porque o homem designado como sucessor de Khomeini, o ayatollah Montazeri, é um dos principais defensores da «exportação» da revolução islâmica. Ou seja, na sua opinião, qualquer apoio a Teerão é um passo no escuro que pode pôr em perigo os outros países do Golfo Pérsico e os interesses norte-americanos na região já que os Estados Unidos continuam a ser, para as autoridades iranianas, o «Grande Satã».

O fim do segredo

Foram aliás os apoiantes de Montazeri que iniciaram o processo que iria pôr termo ao secretismo da operação entre os Estados Unidos e o Irão, com a distribuição de comunicados onde acusavam alguns homens do regime de manter contactos com Washington.

O tema seria retomado pouco antes da libertação, a 2 de Novembro, do refem David Jacobsen, por um semanário de Beirute, Al Shiraa, considerado pró-sírio. Aquele jornal revelou que os Estados Unidos forneceram equipamento militar ao Irão, acrescentando que o antigo conselheiro nacional de segurança, Robert Mcfarlane e outros quatro norte-americanos estiveram em Teerão em Setembro.

Citado pelos apoiantes de Montazeri, o presidente do Parlamento iraniano, Ali Akbar Rafsanjani, confirmou depois a visita de Mcfarlane a Teerão, num discurso comemorativo da ocupação da Embaixada dos |Estados Unidos na capital iraniana.

Entretanto, o presidente do Sindicato dinamarquês da Marinha Mercante revelava à imprensa que embarcacões do seu país foram utilizadas na transferência de armas norte-americanas para o Irão, ao mesmo tempo que surgiam os primeiros comentários de fontes oficiais em Washington e Jerusalém. A partir daí, sucederam-se as revelações que obrigaram Ronald Reagan a fazer a sua comunicação televisiva da passada quinta-feira, para confirmar o que era já impossível ser desmentido: a venda de armas norte-americanas ao Irão. O presidente anunciou ainda que a «diplomacia secreta» com aquele país estava em curso há já 18 meses.

Cronologia da operação

Tudo parece ter começado em Junho de 1985, quando do desvio de uma avião da TWA e a captura em Beirute, por xiitas muçulmanos, dos 39 americanos que seguiam a bordo. Nessa altura, segundo informações da imprensa norte-americana, Reagan concluiu que não era a Síria, mas sim o Irão que detinha um controlo real sobre os grupos que no Líbano têm em seu poder reféns dos EUA: a Jihad Islâmica e o Hizballah (Partido de Deus).

Segundo o «Washington Post», que em conjunto com o «New York Times», liderou nos EUA o processo informativo sobre os contactos entre Washonton e Teerão, a intervenção iraniana esteve na base da libertação do avião da TWA e dos seus passageiros.

Dois meses depois, em Agosto, a administração Reagan foi informada de que uma facção do governo iraniano estaria disposta a restabelecer contactos com os Estados Unidos. Com o acordo do presidente, destacados elementos da sua administração dão então inicio ao processo de conversações que se manteve até à descoberta do segredo. As sessões tiveram primeiro lugar em cidades europeias, mas pelo menos três delas, uma das quais em Agosto passado, decorreram em Teerão.

O acordo de base alcançado era o de que Israel compraria sobressalentes para aviões e mísseis e munições para tanques e artilharia aos Estados Unidos e os enviaria secretamente para o Irão.

Aliás, parece ter sido um israelita, David Kimche, director-geral do Ministério dos Negócios Estrangieros, quem sugeriu a Robert Mcfarlane que os Estados Unidos poderiam demonstrar boa fé ao aprovarem alguns fornecimentos de armas para o Irão.

Um primeiro carregamento de sobressalentes militares norte-americanos foi fornecido em Setembro de 1985 ao Irão. Seguiu-se um outro após 14 de Setembro, o dia em que o reverendo Benjamim Weir foi libertado no Líbano.

O resultado pouco frutuoso das trocas levou Ronald Reagan a aprovar em Janeiro um plano secreto para explorar novos contactos com o Irão. Esse plano excluía qualquer negócio de armamentos, mas o presidente mudou de opinião a esse respeito em Abril.

De acordo com a cronologia revelada pelo «Washington Post», houve novos carregamentos em 3 e 4 de Julho, os quais foram seguidos pela libertação do reverendo Lawrence Jenco, e em Outubro, tendo David Jacobsen sido libertado a 2 de Novembro. Quando da sua libertação, a Jihad Islâmica proclamou que se os EUA «continuarem os esforços de aproximação até então desenvolvidos, a questão dos reféns poderá ser solucionada».

Os carregamentos referidos foram transportados por via aérea a partir de Israel e alguns deles teriam passado por Portugal. O Sindicato dinamarquês da Marinha Mercante revelou, entretanto, que embarcações dinamarquesas foram utilizadas em pelo meno doze transferências de armas norte-americana para o Irão a partir de bases dos Estados Unidos na Europa.

Políticos, «dealers» e «cowboys»

Ao longo de todos estes meses, funcionários da administração Reagan tiveram como seus parceiros negociantes de armas israelitas, entre os quais Jacob Nimrodi, um antigo agente dos serviços secretos de Israel, a Mossad, e Al Schwimmer, um judeu americano. Um outro «dealer» que serviu de intermediário na venda de armas foi Adanom Khashoggi, da Arábia Saudita. Na lista dos nomes envolvidos na operação conta-se também o de Manucher Ghorbanifar, um exilado iraniano em França e que é tido como amigo do primeiro-ministro do Irão, Mir Hussein Moussavi.

Quanto aos norte-americanos, sabe-se que as conversações foram conduzidas por um pequeno grupo do Conselho Nacional de Segurança da Casa Branca, os «cowboys», como são conhecidos em Washington, onde avultam os nomes de Robert Mcfarlane, conselheiro nacional até 4 de Dezembro, e Oliver North.

North é um «marine» de 43 anos, três vezes condecorado durante a guerra do Vietname, e que pertence ao Conselho Nacional de Segurança desde 1981. Desde essa data tem sido encarregado de missões consideradas particularmente dificeis como a intercepção por caças egipcios do cargueiro Achille Lauro; a invasão de Grenada em 1983 e o bombardeamento de Tripoli em Abril. North é também responsável por uma empresa «privada» que tem fornecido apoio técnico aos «contra» nicaraguenses.

De Reagan a Chirac

Como afirmou um observador em Washington, a «diplomacia secreta» é uma arma antiga que, no entanto, só deve ser utilizada se a sua popularidade estiver assegurada. E neste aspecto Reagan teve contra si um factor: o segredo foi descoberto antes da operação ter dado os resultados esperados (seis norte-americanos continuam como reféns no Líbano).

De qualquer modo, o presidente dificilmente poderia justificar o que aparece abertamente como o uso da hipocrisia enquanto arma política. Como afirmava um jornalista do L Express:« Bombardeia-se a Líbia se for necessário, impõe-se um embargo sobre a venda de armas ao Irão, exorta-se os aliados a fazer o mesmo» mas, ao mesmo tempo, « a Casa Branca «fala» ao Estado terrorista iraniano, negoceia, fornece-lhe material de guerra «seleccionadao». Desde Julho de 1985...».

Em França, o primeiro-ministro Jacques Chirac, surge, por seu lado, como a face europeia da duplicidade de Reagan. Por detrás das múltiplas declarações de que a França não negociou, nem negociará com terroristas, Chirac autorizou conversações com a Síria com vista à libertação de reféns franceses no Líbano e o seu governo resolveu «restituir» ao Irão o crédito aberto pela Xá destinado à aquisição de centrais nucleares.

E em Portugal, um semanário revelava a semana passada que nestes três últimos anos a venda de material de guerra ao Irão tinha rendido às industrias nacionais cerca de 20 milhões de contos.

Clara Viana

Jovem iraniano em operações durante uma ofensiva contra o Iraque

Agenda de um teatreiro em Paris

O pior é que é preciso escolher

Um crítico de teatro português que vá a Paris, ou a qualquer outra capital europeia, se não tiver o cuidado de se precaver, corre o risco de perder o pé. Em primeiro lugar pela quantidade da oferta para a qual não tem possibilidades de resposta, mas também pela qualidade de grande parte do produto que lhe é oferecido. Esta linguagem comercial é propositada embora não se possa deixar de reconhecer que, felizmente para o teatro, não é só a esse nível que em Paris, por exemplo, o teatro do teatro existe e opera.

Uma espécie de deslumbramento, portanto. Pelas já referidas quantidade e, parcial, qualidade, mas, mais do que por isso, pela intensidade das relações estabelecidas entre a oferta e a procura, para voltar aí. Essa forte, constante, persistente presença e vinculação do público foi, para nós, a grande revelação desta ida a Paris. Público de todas as idades e de diversas, embora não de todas, condições sociais: desde os sete aos setenta anos, com grande presença de jovens, vimos sempre as salas cheias, por vezes grandes salas totalmente esgotadas. Houve, nesse aspecto, uma evidente evolução a que não terá sido alheia a política inteligente do governo socialista, e em especial do seu ministro da Cultura, Jack Lang.

Alguns tenores do teatro parisiense estavam ainda calados: Peter Brook, A. Ariane Mnouchkine, Patrice Chéreau, J.P. Vincent, Sobel; outros havia, no entanto, que interessava ouvir: Strehler, Gruber, Planchon, Vitez, Lavelli, Philippe Adrien, Brigitte Jacques. Entre as estrelas que brilham nos palcos de Paris (como é agradável voltar a esta linguagem!) uma portuguesa, Maria de Medeiras. E esta é uma notícia, suponho que inédita, que queremos dar já: o espectáculo **Elvira Jouvet 40,** *de que Maria de Medeiros é intérprete, e que estará em cena em França e na Europa até Dezembro de 1987, virá a Portugal a convite do Teatro da Cornucópia. Poderemos então ver ou rever um dos mais genuinamente belos acontecimentos mais teatrais de 1986 parisiense.*

Nestas crónicas propomos falar desta reciclagem teatral que fizemos e ao mesmo tempo propor ao leitor algumas ideias, algumas sugestões de como aproveitar melhor uma (possível) estada em Paris, o que aliás é coisa cada vez mais complicada (ver câmbios).

26.10.1986. Ainda em Lisboa, começámos já a distanciar-nos ao ocupar os nossos lugares no «Sud-Express» que tem a partida marcada para as 15,10 deste domingo cheio de sol. Fazer uma viagem longa de comboio, utilizando as «couchettes» (a que ninguém chama beliches) implica aceitar outras regras do jogo. Partilhamos não apenas o tempo, a fala, a disposição, como os nem sempre saudáveis, humores (e rumores) corporais; é aceitar o risco de claustrofobia, da incompatibilidade, da inevitável promiscuidade às vezes seis pessoas num espaço diminuto). Esta situação lembra-me sempre a celebérrina cena dos irmãos Marx na cabine do navio de «Uma Noite na Ópera» e isso basta-me para aceitar as coisas com humor.

Aliás, a viagem sob esse aspecto correu sem problemas. Surpreendido pela limpeza impecável das carruagens (há anos que não viajávamos nestas condições) vim a descobrir que viajamos num comboio francês. Éramos apenas quatro e uma menina de sete anos, emigrantes estas. A mãe viera na sexta-feira anterior, ou seja dois dias antes, buscar a filha que estivera com a avó, de quem se despedira com muitas lágrimas, e agora regressa a casa, no sul de França, onde a espera o marido. Acompanha-a uma irmã, para uma estada circunstancial. Emigrante que já dispõe de instrumentos de defesa, enfermeira de profissão (a que faltam os documentos necessários para trabalhar em estabelecimentos públicos), a jovem defende com veemência e alegria, que os esplêndidos olhos azuis reforçam, o seu estatuto de mulher e de trabalhadora em país alheio que adoptara como seu do qual não quer sair nunca mais por nele encontrar satisfação das suas necessidades ao contrário do que acontece na sua terra. No pólo oposto, a irmã, sem coragem para dar o salto, defendia, sem argumentos, timidamente, a sua pátria, fechando-se embora num muro de silêncio que a incapacidade linguística explicava e provavelmente outros problemas de ordem psicológica reforçavam. A irmã, além de um francês quase impecável, arranha outras línguas, em especial o espanhol e o inglês. Aliás, o seu espanhol valeu-nos saborosos diálogos com um funcionário do comboio, espanhol, cuja inesgotável capacidade comunicativa e graça encontraram nela resposta à altura.

Na mesma carruagem, mas num compartimento afastado, viajava um enorme sueco que falava um português quase sem sotaque. Com uma viola passou a tarde e as primeiras horas da noite a dedilhar melodias conhecidas, incluindo Villa-Lobos. Depois surgiu um português, ido de outra carruagem, e logo se instalou a nossa maneira de ser. O jovem começou por pedir a viola ao sueco que lha cedeu sem qualquer problemas e logo dedilhou uma longa e aliás bonita melodia. Fui eu que a fiz há uns anos, disse ele, apesar de não saber música. Fui eu que a fiz há uns anos, disse ele, apesar de não saber música. Se calhar era verdade. Daí a pouco estava a cantar o fado perfeitamente choradinho, o que levou o sueco a puxar de um clarinete e a acompanhá-lo, improvisando. Só os protestos de alguns passageiros, que queriam dormir, puseram termo ao concerto.

137 espectáculos

27.10.86. Para quem vai a Paris com um objectivo específico como é o nosso, a primeira preocupação consiste em saber o que se passa na respectiva área. Hendaya foi a primeira estação em que pude descer, já depois da mudança das rodas que permitem aos viajantes das «couchettes» manterem-se nas suas carruagens, ao contrário do que acontecia, isto graças a um dispositivo que os franceses instalaram e que possibilita a mudança das rodas. Como se sabe, as linhas de caminho-de-ferro franceses são mais estreitas do que as da Península Ibérica (a nossa mania das grandezas!).

Há várias possibilidades para se saber o que se passa em Paris em matéria de espectáculos. Uma delas consiste na aquisição de um dos três guias que semanalmente põem parisienses e turistas ao corrente do que se passa. São eles, «une semaine de Paris/Pariscope», «L'Officiel des spectacles» e «7 à Paris». Por sinal, este último transformou-se, neste transe, num magazine de formato grande o que de resto é sinal de pouca saúde e se calhar de morte próxima. Ao título de «Une semaine de Paris» juntou-se há anos o subtítulo «Pariscope», graças à junção de um outro guia que surgira com aquele nome, e que o primeiro naturalmente absorveu. Há quem prefira «L'Officiel des spectacles», pela minha parte desde a primeira vez que fui à capital francesa foi a outra que descobri e nunca mais mudei. Trata-se de um guia com tudo o que diz respeito a teatros, cinemas, televisão, museus, galerias, restaurantes, cabarés e «boîtes», etc., informação maciça acompanhada por algumas fotografias más e por comentários de muito escasso interesse. Aliás, é preciso cuidado porque a informação nem sempre é de fiar, como veremos. Resta acrescentar que este guia custa três francos (à volta de 70 esc.) enquanto o outro custa apenas dois.

Paris, portanto. O resto da viagem sem história, a imaginar o que poderiam ser as 13 noites que se seguiriam, teatralmente falando. A imaginar, como se compreende por esta estatística: na semana em que estamos a chegar dispomos de 137 espectáculos a que poderemos acrescentar 27 espectáculos de café-teatro, sem contar com as duas óperas em cena.

A primeira operação a fazer (e bastante dolorosa!) é pois a da escolha. É certo qu a nossa selecção será condicionada pelo nosso objectivo primeiro, que é também um compromisso, de assistir a alguns espectáculos do Festival de Outono. Trata-se de uma situação agravante em relação às nossas possibilidades de escolha. E como escolher? Os meus critérios são relativamente simples e passam pelas informações de que disponho: verei um clássico se o encenador me der garantias de um trabalho minimamente inovador; verei um espectáculo de gente desconhecida se a sua produção me merecer confiança: preferirei acompanhar a evolução de um grupo que já conheça, como o Théâtre du Soleil, infelizmente apagado; não me atreverei a perder criações de um Strehler, de um Vitez, de um Chéreau, este no seu teatro de Nanterre a braços com problemas económios que o governo de Chirac, entretanto, criara, na sua lógica de governo de direita.

No entanto, a hora da chegada a Paris impede-nos a ida a qualquer espectáculo de teatro. Esta noite destina-se unicamente à nossa instalação em casa de amigos (pois como pode um crítico de

teatro português ir a Paris, ou a qualquer outro sítio, se não tiver amigos que o recolham?).

O espectáculo de Paris

28.10.86. Uma outra preocupação do viajante é o tempo. O espectáculo de Paris é também, pelo menos para quem conhece a cidade sob o ponto de vista mais ou menos turístico, os espectáculos das ruas, praças e jardins que o Outono cobre de oiro. Durante estes treze dias vamos ter sorte porque quase nunca choveu nem sequer esteve frio: podemos ver com vagar os milhares de livros que as livrarias de «occasion» colocam nos passeios, sentarmo-nos no jardim do Luxemburgo, deambularmos pelas Puces, gozarmos a incomparável harmonia arquitectónica duma cidade que tem a sorte de ter quem a ame e a defenda (apesar de alguns erros cometidos sobretudo enquanto Pompidou esteve no poder).

Depois da indispensável visita ao «service de presse» do Festival de Outono (recepção simpática), ficamos com à noite livre o que me permitiria ver um espectáculo extra (a M.T. preferia ficar em casa). Optei por uma peça de um autor francês cuja obra me interessa, Michel Vinaver, de quem se representa no Théâtre d'Hiver, que não conheço, a peça **Les Voisins,** que podemos incluir, tanto quanto sei, na área do teatro do quotidiano, embora o autor recuse a expressão. Aqui cometi o meu primeiro erro. Acontece que é normal em Paris reservarem-se lugares com antecedência; pela minha parte, raramente o faço tendo a sorte de poucas vezes ter deparado com uma lotação tão esgotada que não me deixasse um caminho para me meter. Sou, para o caso, um espectador privilegiado já que disponho de um cartão que, em certas circunstâncias, me facilita o acesso aos espectáculos. Em relação a este, descuidei-me, o guia enganou-me no local da sala (indicava o n.º 4 do boulevard Clichy, quando era o 94, cheguei atrasado, o espectáculo começara, a responsável pela sala mostrou-se simpática mas não havia nada a fazer: os 130 lugares do Théâtre Ouvert estavam totalmente ocupados. Teria que ficar para uma outra noite... Não houve outra noite para **Les Voisins.** Tive pena...

Perder uma noite em Paris, nas minhas condições, era coisa de desesperar mas o melhor era aceitar as coisas com filosofia e sobretudo fugir dali, a dois passos de Pigalle, onde estava a ser atacado por persistentes funcionários das casas de «live sexe» que são o prato forte da zona, porta sim, porta sim (nem vale a pena sublinhar a degradação humana e social que a mera visão das gigantescas fotografias expostas implicava — estamos em plena civilização ocidental, não é?).

29.10.86. Finalmente, o primeiro espectáculo, integrado no Festival de Outono. A peça de Nathalie Sarraute, **Elle est là,** no Théâtre Paris-Villett, sala com 280 lugares que conserva a arquitectura do século XIX mas com um interior adaptado tanto em relação ao palco como aos lugares para o público. Modelo de uma adaptação inteligente que a pintura tosca das paredes, com motivos teatrais, eficazmente sublinha. Este teatro, que agora reinicia as suas actividades, fica situado nos antigos mercados por grosso de la Villett que a Câmara de Paris está a transformar num enorme centro cultural, dominado por um vasto pavilhão que lembra os sempre recordados pavilhões Batard de Les Halles, ao qual foram acrescentadas outras zonas de exposição dedicadas à ciência e à técnica, além de áreas para crianças, música, etc., num conjunto que virá a ser um outro grande centro de atracções da cidade, aliás já numa zona que podemos dizer periférica em relação ao centro de Paris. Este projecto, de resto, esteve patente na exposição das novas arquitecturas de Paris apresentada há meses no CAM.

As palavras e o silêncio de Nathalie Sarraute

Tendo-me obrigado a ver alguns espectáculos do Festival de Outono optei opor este não só porque me interessa a escrita de Nathalie Sarraute como pelo facto, talvez sobretudo por isso, de entre os seus intérpretes estar Maria Casarès, uma daquelas actrizes cujo trabalho é sempre uma exaltação da arte do comediante, e também um pouco pela presença de um outro acto e encenador, Jean-Paul Roussillon.

A peça de Nathalie Sarraute pertence mais ao domínio do literário do que teatral, o que não é uma surpresa. É precisamente isso que distingue este texto dos de uma outra autora que se situa numa área aproximada (embora fiaja parecida com teatro, nos gestos, nas paslavras, nos movimentos, nos olhares, nos silêncios — «o seu trabalho (dos actores) consiste justamente em encontrar e reproduzir neles mesmos, àq custa de grandes e longos esforços, os movimentos interiores íntimos e complicados que propulsionam o diálogo, que lhe dão peso, o enchem., e tendem, pelos seus gestos, mímicas, entoações, silêncios, a comunicar esdses movimentos aos espectadores», escreveu Nathalie Sarraute em «L'Aete de Suspcion», trecho citado no n.º do «Thèatre/Public» dedicado ao festival.

No caso deste espectáculo, de que o título é uma razão («elle est là»), tratava-se de tornar visível uma ideia, a ideia da tolerância (havia um papel que caia no palco com a palavra **intolerauf**), através dessa quase imperceptibilidade do exercício da palavra solitária, nua, elementar como um osso sem carne, um discurso perdendo-se, recuperando-se nesse silêncio, nesse vazio.

Jean-Pierre Roussilon dominou o espectáculo em que está sempre presente assumindo a condição de um ser acossado, embora por vezes, o seu estilo me parecesse sobrecarregado; nas suas demasiado breves aparições, Maria Casarès é o espanto de sempre. Vê-la entrar em cena a descobrir o público com dois olhares diferentes: primeiro, com surpresa, depois com cumplicidade; ver como as suas costas representam, por exemplo, é para um espectador uma lição inolvidável. Num entanto, não será justo perguntar se a actriz não estaria a perder o seu tempo? E nós, o nosso?

Sala cxomo sempre cheia. Aplausos moderadamente entusiasmados; uim esboço da pateada muito localizada, logo abafado.

Maria Casarès e Jean-Paul Roussillon em **Elle est là**: a palavra e o silêncio entre as palavras de Nathalie Sarraute

Da vida dos cegos

30.10.86. Hoje é quinta-feira (já!) e na agenda um espectáculo inscrito, também este, no Festival de Outono, com a peça de Hervé Guibert **Des Aveugles** (Os Cegos), que ele próprio adaptou do seu romance homónimo. Para quem lê as páginas culturais do «Monde», Hervé Guibert é um nome familiar pois é o do crítico de fotografia daquele quotidiano. Fotógrafo e romancista, Hervé Guibert tentou criar neste seu livro, e depois na peça, um universo que se diria nos antípodas daquilo que lhe é caro, como fotógrafo, ou seja, o universo das trevas por oposição ao universo da luz que lhe é próprio.

Por curiosa coincidência, encontrei o romance no Pierire Lafitte, livreiro de saldos que vale a pena conhecer como hei-de contar. Embora publicado pela Gallimard em 1985, o voluminho custou-me 10 francos em vezx dos 58 da capa!

Des Aveugles representava-sde numa das salas da Cartoucherie, do Thèatre de la tempête. Valerá a pena lembrar que a Cartoucherie sde transformou há anos no mais animado centro de criação teatral da zona de Paris, sobretudo pela presença daquela que foi, provavelmente, a mais importante revelação do teatro francóes das últimas décadas, o Thèatre du Soleil de Ariane Mnouchkine. Numa época em que era ainda um projecto querido ir paraq a periferia de Paris ou para a província procurar o público operário e trabalhador que normalmente não vai ao teatro, Ariane e os seus actores foram para um lugar completamente deserto, situado a alguns quilómetros de Paris; o Thèatre du Soleil e os grupos que se lhe seguiram não só transformaram as antigas e degradadas fábricas de cartuchos num local vivo e animado como fizeram dele um espaço de criação sem paralelo em toda a França e que obteve o apoio de um público entusiasta e fiel. Actualmente a Cartoucherie parece ter passado de moda, sobretudo numa altura em que o Thèatre du Soleil acabou um espectáculo e tem outro em preparação; no entantyo, alguns grupos continuam a funcionar (caso do Aquarium, por exemplo) e a ter sucesso. Aliás, pelo que vimos, também na cartoucherie se procurou ultrapassar aquela situação necerssariamente primária dops tempos heróicos e as salas dispõem agora de muito melhores condões tanto para os espectáculos como para os espectadores.

Para ir à cartoucherie basta apanhar o metro até ao Chateau de Vincennes e aí o autocarro (o 112) que nos deixa a dez minutos dos teatros.

Atenção: convém avisar o condutor para parar no sítio indicado, já que de noite, e sobretudo quando chove, as coisas se tornam mais complicadas. No regresso há um autocarro, a que os franceses chamam «navette», que transporta, gratuitamente, os espectadores das várias salas ao metro, luxo que antigamente não existia, quando era precisdo pedir boleia aos pasrisienses motorizados que, aliás, normalmente não se faziam rogados.

O romance de Hervé Guibert teve como ponto de partida a sua experiência no Instituto Nacional de Jovens Cegos, em Paris, onde começou por fazer uma reportagem e acabou por ser um leitor benévolo. Assim, a personagem do autor passa pelo espectáculo como um ser que procura entender e ajudar uma humanidade que lhe é, ao mesmo tempo, estranha e familiar. Aliás, não é a primeira vez que no teatro surgem personagens cegas: estou a pensar, por exemplo, no caso da peça de António Buero Vallejo «O Concerto de Santo Ovídio», que vimos em 1973 num espectáculo do Teatro Nacional.

Em **Des aveugles** o que começa por provocar estranheza é a recusa de sinalização das personagens com elementos artificiais (a transformação dos olhos, por exemplo), o que de certo modo torna mais cruel o que vemos. É pois do lado da encenação, e também da interpretação, que devemos procurar as mais fortes razões deste espectáculo. Philippe Adrien é um encenador bem conhecido que se tem vindo a especializar num trabalho de cenografia extremamente sofisticado. Aliás, não é por acaso que dirige uma oficina de Investigação e Realização Teatral. O espectáculo propõe um trabalho duma grande precisão a esse nível, ou seja, a nível mecânico: palco rolante, paredes que se movimentam até no fim chegaram à plateia da maneira a meter parte no público nesse «huis-clos» que é como uma espécie de túnel sem fim; a rede que por vezes separa espectadores e actores; e sobretudo o ruído, por vezes quase insuportável — esse excesso de som, sinal contrário da ausência de luz. Deu o «Libération» um substítulo bem apanhado à nota crítica que publicou sobre o espectáculo: **Actores sem bengala branca e cenografia que salta aos olhos.**

Não estou certo que essa cenografia que **Salta aos olhos** não deixe no escuro aspectos mais importantes do espectáculo, nomeadamente o da situação e das relações das personagens, o do enquadramento social e físico em que são inseridos. A acção da peça, aliás, decorre num lugar extremamente desumanizado em que os cegos eram desde o nascimento enclausurados como seres marginais. É essa situação terrível que o espectáculo com as suas peripécias acaba por ocultar. Além disso, a evolução da história (com dramaturgia de Dominique Boissel) acaba por prejudicar as razões das personagens e a crueldade das suas situações. Optando por um percurso convencional, o policial e o triângulo amoroso, querendo provar que os cegos são seres normais com os mesmos problemas e as mesmas angústias, o autor e o encenador ocultaram o que podia ser a especificidade desses problemas e dessas angústias. É talvez através dos intérpretes que uns e outras melhor chegam ao espectador. Porque visuais, excepto um deles, conseguem transmitir-nos os sinais de um mundo outro que não podemos compreender mas que somos obrigados a aceitar.

Entender esse olhar que não o é, aceitar a encenação das trevas, obriga-nos a ver de outra maneira. A ver também o teatro de outra maneira.

Des aveugles está longe de ser um grande espectáculo. Mas não deixou de ser uma experiência com alguma importância.

Não se pode dizer que as duas primeiras noites de teatro em Paris tenham sido tão exaltantes como isso. Esperemos as seguintes.

Carlos Porto

O Festróia quis «criar inquietações construtivas»

O cinema desvenda as estruturas participativas da inteligência, e assim, tal como a teoria da magia e da afectividade, aclara também a «teoria da formação das ideias e do seu desenvolvimento».

Edgar Morin

O júri, Salvato Telles de Meneses (da organização) e dois intérpretes: um parto difícil sobre a hora, o lado da inocência

«O sorriso é a arma da verdade» — disse cinicamente um dos personagens do filme austríaco Schmutz.

Pois foi. Foi de sorriso amarelo, suspeitosa, que soube da decisão do júri do Grande Prémio do Festival Internacional de Cinema de Tróia: **Fool for Love,** de Robert Altman. Aplausos inconvictos.

No catálogo distribuído pela organização, podia ler-se um excerto de um texto de Dominique Rabourdin in **Cinéma 86:**

»... É estranho que Altman, cineasta iconoclasta, grande demolidor de mitos, tenha um fascínio tão grande por um autor aparentemente tão distanciado das suas preocupações. Salvo se quisermos considerar, o que apesar de tudo não é nada improvável, que Altman atravessa de algum tempo a esta parte uma crise de inspiração e sucesso e que foi mais fácil montar uma operação como **Fool for Love,** aproveitando da moda Shepard que de levar a bom porto os seus projectos pessoais.

A sua escolha, de alguns anos a esta parte, de regressar ao teatro e de filmar as suas encenações neste campo, pode parecer de lastimar uma vez que esses textos eram simplesmente medíocres...

O que há de exasperante na primeira hora de **Fool for Love,** e de maçador, cheio de lugares-comuns, feito à força de artifícios, é uma certa grandeza, irrisória, desmoralizante. Os velhos cordéis que atam todos os melodramas do mundo tornam-se visíveis e a camuflagem desaparece. Resta o desnudar de sentimentos elementares, perturbantes e enternecedores, como num psicodrama, ainda mais acentuado, pela presença de Shepard como actor.»

Em Tróia, no entanto, gente qualificada (Karoly Makk — realizador húngaro; Jean-Jacques Andrien — realizador belga; Gleb Panfilov —realizador soviético; Fernanda Lapa — actriz e encenadora portuguesa e Lauro António — realizador e crítico português) decidiu-se (por unanimidade, está boa pergunta) pelo que logo se comentou ser uma «solução de compromisso». Que compromisso?

Com verdade ou sem verdade (c. Schmutz), o júri explicou-se por escrito:

«Neste filme cuja acção se desenvolveu na fronteira entre o deserto e o mundo civilizado, as personagens defrontam-se com um problema que lhes é interior e que pertence ao seu passado e que é o de um irmão e de uma irmã que o são objectivamente sem o terem sido verdadeiramente; o de um homem e o de uma mulher que se amam, que são sempre atraídos um pelo outro, mas constantemente dilacerados. Através deste movimento de atracção e rejeição, tal como o fluxo e o refluxo das ondas, o filme exprime de uma maneira aguda a dificuldade de ser hoje e de como viver, o desejo de sair de um beco sem saída para a vastidão e a liberdade, mas onde se cai no vazio e se é dominado pelo pânico que obriga a regressar a esse beco sem saída, onde se termina por sufocar.» (sic)

Extraordinário!

Ainda bem que não foi a concurso nenhum drama filmado do nosso Marcelino Mesquita. Aí ganhava, ganhava.

Cada cabeça sua sentença

Os nomes sonantes da cinematografia mundial atraíram o público. Polanski entrou pela sala adentro com uma comédia apiratada e um galeão que todos invejaram: descobridores (e não conquistadores, como dizia o outro) ficámos consternados com tanta água na fita, ainda que nos expliquem que deu grande trabalheira. WHAT? Não agradou a gregos e troianos como deveria ser na abertura deste Festival «estando lá todos, menos os desconhecidos» — graceja Listopad. Chucha na boca: foi-se beber um copo ou recolher com as namoradas, cama fresca, impulsos puritanos da tal Charlotte Lewis e mais os da palavra no convite: acompanhante.

Sem pretensões críticas, e do mero ponto de vista de espectadora que no fim recolhe comentários de gente avalizada, afirmaríamos que Schmutz, de Paulus Manker, que obteve o prémio Primeiras Obras, foi talvez a película mais original, sólida e acabada «quase obra-prima» projectadas neste certame. Vinda da Áustria, dum jovem actor e realizador de vinte e oito anos, é um trabalho surpreendente «enriquecido duma simbologia que lhe dá uma dimensão que ultrapassa a história do seu personagem principal, Schmutz, um vigilante» — Lauro António. A manutenção da ordem levada ao fanatismo (algo no sangue) até onde conduz? A águia: o prenúncio ou o resquício de que medos? de que ideologias? Um filme ao «espírito de Kafka e de Peter Henke» (Boris Colombet) e ainda «O destino do homem e o da besta é o mesmo» (Eclesiastes III — 19-22).

Outra película (esta a única portuguesa heroicamente levada a concurso «Primeiras Obras»), REPORTER X, de José Nascimento, foi classificada de «fria, desastrosa no que respeita às interpretações femininas «e de argumento, ou de condução do mesmo, precário e infeliz. Tal como anotei o que um realizador estrangeiro disse «e porque não acreditar que este jovem português tem potencialidades?».

Na secção «O Homem e a Natureza» concorreu um filme superior **Cartas de um homem morto,** de Konstantin Lopushanski, que obteve uma mensão especial. Tal como se dizia que **Solaris** era a versão soviética do «2001», de

Demasiados prémios

Guy Braucourt, director dos festivais de Cannes e Biarritz, crítico de cinema:

— Costumo organizar festivais de cinema na Espanha e na América Latina. Dei também o meu apoio a este Festival mas há questões que quero pôr:

1 — Um festival não existe se não há películas do próprio país.

2 — Pareceu-me uma má ideia dividir esta mostra entre dois locais (Setúbal e Tróia). Não se devem dividir pessoas e películas.

3 — Parece-me haver demasiados prémios, demasiados júris. Há que fazer uma competição e mostrar outras películas paralelamente (para vender, para a informação, etc.). Não se pode ver tudo, os filmes perdem-se. Deveria fazer-se, por exemplo: um prémio internacional e outro da crítica ou então um de ficção e outro documental.

4 — Deveria haver traduções simultâneas.

5 — Há que fazer-se de início reuniões para saber-se quem as pessoas são, jornalistas, cineastas, críticos. Eu, por exemplo, só hoje é que soube quem é o dr. Salgado de Matos.

6 — Há também que realizar-se uma mostra de filmes portugueses dos anos 20, 30, 90, não importa.

7 — Os vídeos não devem ser passados às mesmas horas dos filmes.

Festival caseiro

Artur Ramos, encenador e realizador —:

— Este é um Festival caseiro, bonachcirão, agradável, tem-se a sensação de não ter de se fazer a barba.

Cultura implica dinheiro

Claude Gagnon: realizador canadiano:

O que é frustrante é que há aqui muitos comentários negativos sobretudo de gente estrangeira. O problema é que a maior parte das vezes não há informação sobre os filmes a não ser em português. Mas isso é um pormenor. As pessoas esquecem as coisas positivas que são muitas. É um Festival de gente nova, sem experiência mas que tem um potencial que ao fim de algum tempo pode tornar-se importante e interessante. A praia, os hóteis, as pessoas são óptimas. Só a projecção é que me pareceu péssima. Outra mossa é que desconheço os outros convidados, não nos apresentaram. Até hoje só encontrei um realizador. Há uma espécie de clã internacional (o que fala francês) e depois o português. O intercâmbio é mínimo. É de considerar que são pequenas falhas. Mais importantes do que estes pormenores é a obrigação dos «mass-media» fazerem perceber ao governo que a cultura implica dinheiro nosso, fica-se com a vontade de regressar, ser-se internacional ultrapassa o cultural.

Camaradagem artística

Alexandre Surikov , adjunto do adido cultural da embaixada soviética:

O Festival está a ganhar força e permite o intercâmbio cultural. Permite a aproximação dos povos. Estes contactos enriquecem os portugueses cujo cinema está em desenvolvimento. Talvez se prestigie.

Aqui em Tróia houve camaradagem artística e permitiu a críticos de arte, jornalistas e cinéfilos a livre troca de impressões nas salas, no «foyer», nos almoços, nos passeios, na praia.

Pretexto político-cultural

Henry Welsh, jornalista, «Jesus Cinema», Paris:

— A organização tem sido muito correcta. Falta unidade ou coerência no que respeita à programação mas isso vai-se criando ao longo dos anos. Os filmes foram bem escolhidos, não há descobertas no panorama do cinema mundial. Foi pena ter falhado o trabalho de Setúbal no cinema Charlot. A ideia era boa mas Tróia é uma povoação fantasma, está cortada do mundo. Para mim, de resto, o sítio é indiferente: estou sempre na sala de cinema.

Entre os participantes as relações foram excelentes.

Este Festival parece-me um pretexto político-cultural importante para a vossa produção que tem necessidade de um lugar reconhecido. Trata-se de uma carta a jogar que permitirá a Portugal (que é um pequeno País negligente) mobilizar-se, criar outra imagem a nível externo, outra notoriedade.

O problema das alterações

Christine Preyss — jornalista da RFA:

A organização não é a melhor porque a programação tem mudado com frequência e para um profissional estrangeiro é difícil acompanhar ou ter conhecimento das alterações. De qualquer modo é preciso ser-se maleável. Aqui tive oportunidade de ver filmes que não serão facilmente integrados nos circuitos comerciais. Apaixonei-me pela **Lenda da Fortaleza de Surame,** que é espantosa para os olhos. Aqui em Tróia o clima é bom mas por outro lado não há locais para se tomar um café descontraidamente. Fora do «foyer» há um único «pub» frequentado sobretudo à noite, o que acarreta fadiga. No entanto esta é uma forma de se estar concentrado no trabalho.

A oportunidade de rever os filmes

Micheline Creteur — directora do Centro Audiov Visual Belga:

Não organizo festivais como este, mas simples encontros cinematográficos em Bruxelas. Por comparação posso dizer que o Festróia é incipiente, em termos de programação. É necessário trabalhar mais: está tudo misturado, o experimental e o comercial, por exemplo.

Era importante haver oportunidade de rever os filmes. Por interesse ou porque se perderam. Além disso impõe melhorar material e técnicos.

Tróia é um lugar retirado, daí não haver público. Estou certa de que se tudo isto se passsasse na capital muita gente acorreria.

Para nós, estrangeiros, este Festival permite encontros mas a este propósito sugeriria que se criassem situações para conhecimento mútuo. Quem são os realizadores? os críticos? os jornalistas? os júris? É necessário ser-se um pouco mais formal. Não me quero reter a uma rigidez de processos. Trata-se de se encontrar uma maneira de nos conhecermos e trocarmos informações mais precisas.

Tróia: o mar de Gagra

David Abachidzé, — actor e realizador soviético:

A atmosfera deste Festival foi de amizade, bons dirigentes, jovens, competentes. E a natureza aqui em Tróia é-me familiar. O mar é semelhante ao de Gagra,na Geórgia. Só que aqui as moscas morrem em Novembro e lá desaparecem em Agosto. Estas são moscas velhas e quando a gente as enxota não fogem ou então regressam. E além disso, ao invés das nossas, as gaivotas nesta praia não voam. Ficam paradas no areal. É tudo ao contrário. Não percebo.

M.E.C.

Kubrik, **Cartas de um homem morto** era apresentado como a a versão correspondente ao americano THE DAY AFTER.

Ultrapassa-a, só o tema é o mesmo. Cores e cenário apocalípticos, dureza de discurso que nos põe em sofrimento: estas semelhantes as sequelas de uma catástrofe nuclear? De discurso talvez demasiado moralista e redentor este é um filme de esperança que nos diz «enquanto se caminhar...»

Das grandes fitas destacámos RUNAWAY TRAIN, de Andrei Konchalovsky, superprodução cuja violência a uns pareceu gratuita «um filme americano de um japonês realizado por um russo», e a outros tipicamente russa. A mais de 150 km por hora quatro locomotivas sem controlo despoletam tensões. Algo vai explodir a qualquer momento num cenário de que a neve é apenas uma das componentes» já que em termos estéticos Konchalovsky recusa o bonitinho e os americanos não deixariam de utilizar a neve em si mesma porque é branca e bela». Sequência final catártica: o homem, a máquina e a natureza.

Depois, de Sergei Paradjnov e David Abachidzé, vem o filme **A lenda da fortaleza de Surame,** o mais polémico ou talvez não. Um realizador canadiano presente afirmou-nos: «Estive dez anos no Japão que tem um genéro de cinema tipo postal ilustrado, como este. Fiquei a detestar a perfeição em si própria. Há que procurar-se algo mais. Provocar as coisas». Certo que a maioria dos espectadores abandonou a sala ou adormeceu. Mas outras opiniões viriam a lume tais como a de A. Gutierrez, crítico de cinema: «É um filme fabuloso. Teatro cinematografado. Como se folheássemos um livro em cujas páginas estão os títulos dos capítulos sobre os quais os realizadores desenvolvem as imagens»... «É um filme sem sequências. A narrativa é fragmentada, como nos filmes da nova estética do cinema. E no entanto esta outra chega-nos da Geórgia:»

Fool for love, de Robert Altman, que acabou por obter o Grande Prémio do Festival Internacional de Cinema de Tróia «é uma peça de teatro filmada em que os «flash-backs» são batota. As tensões deveriam ser criadas no interior. Os exteriores são facilitismos» — Artur Ramos. Outro realizador dir-nos-ia que Sam Shepard (muito melhor como actor em «**The Right Stafe**» estava demasiado presente, ele e as suas obsessões: a família, a mulher bela, etc. Alguém rebateria opiniões congéneres afirmando que era um grande filme para festivais e que isso já tinha sido provado em Cannes.

Mexerufada

E lá ficámos com o **Fool** às costas

Ainda bem que não foi a concurso nenhum drama filmado do nosso Marcelino Mesquita. Ai ganhava, ganhava.

Dodo (David Abachidzé) na «polémica» Lenda da Fortaleza de Surame, menção especial do júri

que os belgas são tremados, **Mona Lisa**. Esta das maiorias que depois são unânimes! Corta. Seguir-se-iam 89 filmes de 24 países diferentes. Não houve Optrex que chegasse. Comida sim, brilho no olho: leitão, peru, presuntos, carne assada, petisquinhos, salada, sopas, pratos quentes, tartes, pudins, bolos, frutas: Carregamentos. «Vouchers.» Isto para não falar do almoço-convívio que a Torralta ofereceu no último dia. Em plano americano, no discurso que foi o mesmo que dizer «do dinheirinho logo se vê, não estou lá muito afim», Salgado de Matos, director do IPC adiantou: «vamos mas é comer.» Achei que o doutor já tinha dado de faróis ao restaurante. Cena bem iluminada, a merecer «travellings» de aproximação ou acompanhamento, como se quisesse. Qual convívio, quais filmes... «O cinema também é acção para o realizador» — bem o escreveu Ricardo Freda, uma das personalidades presentes. E viu-se. A três dimensões. Eu em «contra-plongé».

Jorge Hönig, o «gardelito» da RDA que trouxe a lata dos GENERAIS (que aí estarão em Março), admirava-se. Ao fim e ao cabo Portugal não era só o que, à chegada, o pescador lhe explicara: Futebol, Fado e Fátima. Setúbal também não condizia com o início jamesbondiano de **Ao Serviço Secreto de Sua Majestade** nem com o Chile de **Reina a absoluta calma em todo o País.** Ao que parece películas filmadas na zona. Não sabia. Tal como Hermano Penna, realizador brasileiro, desconhecia que **Os sertões**, de Euclides da Cunha (os Lusíadas brasileiros), eram cá ignorados.

E aí se falou do sal de Setúbal em troca da retirada holandesa de Pernambuco.

— As culturas brasileira e portuguesa têm a capacidade de esconder as coisas.

ao contrário do filme **Eu sei que vou te amar**, de Arnaldo Jabor, que as expunha:

Ela (Fernanda Torres) — Quando o teu pau entrou em mim eu pensei que era natal, que era Carnaval, que era S. João...

Ele (Thales Pan Chacon) — Quando eu entrei em você eu ouvi aplausos, eu ouvi: é golo do Brasil!

ENQUADRAMENTO. Explicava-se que a salvação do cinema era aquela: mesmo quando alguém achava um filme ruim já tinha largado o dinheiro na bilheteira. Sequência. Registei: «tu estás aqui em Tróia porque és realizador, amigo do Costa e Silva, da equipa do Lauro António, da televisão ou do PC? Viperinas. As línguas. Bocas, Claquete, no Beco onde, ia o certame a meio, uma refeição regada daria **Slow Motion** ao passeio pela Arrábida, Caves Velnas J. M. da Fonseca (Azeitão) e Castelo de Palmela. **Inserts.** Dodo, contagiante, ergueu o copo, brindou **Na Zdarovia** e cantou o Kalinka, os dois dois braços abertos. Faltava-lhe o cavalo. Vai de dichotes: «penso, logo exílio.» Os sul-americanos ripostaram com a Guantanamera e nós ficámo-nos pelo éfe érre é que «estar em casa é comoção» e ninguém se lembrou da Grândola nem do Venceremos. Coisas do Moscatel. Mosca? Moscow? What is Mosca? Oh yes. Tell? Why Tell? Mosca-Tell... No, thank you, thank you, thank you.

— D'où êtes vous, Monsieur?

— De cá, sou repórter.

— Ora porra.

Nós, bonecos do austríaco Hubert Sielecki, auitor do desenho animado **Festival**, um achado, pôs gente às gargalhadas na abertura deste encontro. Já no palco Costa e Silva (um dos organizadores) afirmara que esta era uma edição «preparada e a decorrer sob o signo da aventura». Adiante apelava para a «frontalidade das críticas». Então, se mo permitem, pergunto porque é que não saiu o livro sobre Cris Marker, sucessivamente adiado? Porquê a desfocagem? Não teria sido possível a obtenção de outra máquina de projectar de 16 mm, mesmo emprestada? E o que é que aconteceu à fita do Victor Gonçalves se é que aconteceu alguma coisa à fita?

É que não obstante este Festival pretender «criar inquietações construtivas» ...«a organização não pode negar a sériedade dos seus propósitos e a validade das suas ambições. Ambições que justificam e impõem apoios progressivamente maiores. Em contrapartida seremos os primeiros a pedir que nos exijam o cumprimento dos objectivos anunciados» — lembro Mário Ventura no discurso de encerramento e estou de acordo e acredito-o. Sem favores, provas prestadas. Porque, de qualquer modo, e o que custa a muitos, é que o Festróia «doesn't stink» (— Runaway Train).

Maria Emília Correia

Conversa com Panfilov, membro do júri

CONVERSA com *Gleb Panfilov*, realizador da URSS e membro do júri do Grande Prémio do Festival Internacional de Cinema de Tróia:

— *Que critérios orientaram a vossa apreciação?*

— Na primeira reunião que tivemos escolhemos quatro filmes para discussão e votação posterior. Depois todos se inclinaram para o filme soviético «A Lenda da Fortaleza de Surame», de Sergei Paradjrov e David Abachidzé. É uma obra original, muito trabalhada, com elementos surrealistas, simbolistas e outros. Tem um valor artístico excepcional.

— *Então porque foi só galardoado com uma menção?*

— Bom, o filme é muito codificado. É preciso conhecer bem a época, a lenda e a história da Geórgia. Mas tem muitas camadas ou leituras possíveis. Pelo menos umas três, mas a mais superficial qualquer pessoa a entende, por exemplo aquela que corresponde ao caso de um jovem que sacrifica a sua vida pela Geórgia. O patriotismo é um tema actual. Mas reconheço que é uma película para espectadores atentos, exigentes, menos vulgares.

— *Daí o salto para a América...*

— Considerámos que «Fool for Live» era um trabalho amadurecido sobre problemas do amor e da solidão entre dois seres. Entre ambos existe uma espécie de parede de vidro que os impede de se aproximarem. Que barreira é esta?

— *Uma história menor com condimentos visuais.*

— Tchekov é um génio e escreveu sobre temas semelhantes aos de Shepard que para mim não são banais. Pelo seu lado Altman dá gente viva através das câmaras. Os actores parecem «despidos», isto é, são absolutamente naturais.

Gleb Panfilov, realizador soviético

— *Kim é óptima actriz e uma mulher bela.*

— Sim, os seus planos são embriagantes. Não há cenas de cama mas o erotismo é transmitido. Lembro-me também da família que entra para o motel e se esquece da criança cá fora. A actriz abraça-a junto ao chão e vê-se a ligação das duas purezas. Altman é um artista e um mestre.

— *E Andrei Konchalovsky, de quem aqui vimos «Runaway Train», não é também um mestre?*

— Ele saiu da escola russa e oferece aquilo que sabe. Agora orienta a sua mestria para o plano material. Começou a trabalhar no Ocidente e quer ganhar dinheiro só para ele. O que Konchalovsky fazia na URSS era arte. Agora faz negócios. Muito raramente o dinheiro e a arte caminham juntos. Milos Forman e o bailado russo são excepções. «Runaway Train» é um filme de receitas, comercial, americanizado.

— *Mas não viu nele tensões, violência e personagens caracteristicamente russos?*

— Ele é um realizador russo.

— *E acerca de «Mona Lisa», uma das películas favoritas, ao que creio.*

— Foi muito discutida pelo júri. Neil Jordan, o realizador, tocou problemas reais, muito humanos, que estão bem executados e resolvidos, mas por fim entendemos que «Fool for Live» era mais profundo.

— *Sabe inglês?*

— Não.

— *Os guiões dos filmes que teve que apreciar enquanto membro do júri estavam traduzidos para a sua língua ou para qualquer outra que dominasse?*

— Não.

M.E.C.

CAMARÕES

As questões sem resposta do lago maldito

● Dois meses depois da catástrofe do lago Nyos

PASSARAM-SE quase dois meses. Lá em cima, nas encostas do lago, os mortos de Nyos estão enterrados numa terra maldita, e o tempo não poderá apagar da memória colectiva o terrível acontecimento. É talvez mais de uma ajuda psicológica, o que necessitam os sobreviventes e os desalojados como medida de segurança. Fica o quotidiano, a vida: comer, dormir, vestir-se, trabalhar, encontrar um equilíbrio, um lugar na sociedade, na comunidade.

As autoridades dos Camarões, neste ponto, têm razão: a ajuda internacional com esses milhares de cobertores, essas toneladas de leite em pó, de arroz, de sardinhas em lata, essas centenas de tendas, não adoça o «choque sociológico». Ela não será mais que uma gota de água, como diz o ministro da Administração Territorial Menguémé.

Junto à pista do novo aeroporto de Bamenda, os hangares, abastecidos regularmente por Douala e Yaoundé, transbordam de géneros alimentícios de todo o tipo. «Grande esbanjamento da boa consciência internacional», como o sussuram alguns «bons espíritos»? A polémica, inevitável depois de tais acontecimentos, é vã. É verdade que, em manifestações de solidariedade de tal amplitude, existem às vezes pensamentos retrógados, competições entre certas organizações humanitárias e governamentais, desordens, desvios, «indivíduos que querem fazer milhões». Sem dúvida, não se podem evitar os abutres da miséria humana...

Aqui também, aqui sobretudo, onde se é tão sensível às críticas vindas do exterior, o ministro, o governador, o prefeito, o coronel, todos asseguram que não será nada, que «precauções» são tomadas, «protecções construídas», as verificações multiplicadas. Mas o rumor insidioso aumenta, alimenta um debate, e a imprensa dos Camarões, tanto tempo reverenciosa, começa a ousar. Interroga-se, interroga-se, como nesse domingo de 28 de Setembro, quando de uma mesa-redonda organizada pela Rádio-Camarões. O comité nacional de recepção e gestão de socorros de urgência aos sinistrados de Wum, não tem «nada a esconder, diz o presidente, o senhor Menguémé, serão rendidas contas públicas».

A pista do aeroporto está vazia de aviões. Os helicópteros, quanto a eles, estão todos em revisão em Yaoundé. «Eles trabalharam demasiado num mês», explica o governador da província do Noroeste, Walson Mboe Ntuba. No interior dos entrepostos, guardados pelo exército, no meio de montículos de volumes, uma longa mesa da fortuna foi posta. É aí que todas as manhãs, os «responsáveis» se reúnem para discutir — em vista dos pedidos enviados pelos diferentes centros de refugiados —, a encaminhar o auxílio, através de camiões militares. Sobre o seu enorme caderno escolar, em frente de um muro de caixas de garrafas de água mineral, de rações militares, de sacos de farinha e de bidões de azeite, o «contabilista», enviado por Yaoundé, dita-nos uma lista fastidiosa: «Recebemos 2400 sacos de 100 kg de arroz, 300 sacos de 50 kg, 60 de 30 kg, sem engano perto de 100.000 cobertores; recebemos cada semana, uma tonelada de frangos, temos aqui uma câmara frigorífica com uma dezena de toneladas de peixe, etc. (...)» Estatísticas desencarnadas. E as gentes?

As autoridades «ultrapassadas»?

Falta de helicópteros, resta para chegar à Wum, última localidade antes da zona interdita, a estrada, a «ring-road»; 1,5 km depois do aeroporto, o alcatrão dá lugar a uma má pista de terra vermelha cheia de pedras; 80 km: duas horas e meia de condução. O caminho escava uma sangria no verde intenso da vegetação; a estrada enterra-se torcendo, bordeada por vezes de ladeiras íngremes. Montanha, floresta, árvores imensas, e a viatura que desce galgando obstáculos, lamas, atoleiros, sob uma chuvada intensa. Ruídos de água durante bastante tempo misteriosos, até que descobrimos o rio Menchum e as suas quedas de água, e depois, bruscamente, à saída de uma curva, desembocamos num vale rico.

Os camponeses curvados sobre os arrozais, manadas de vacas de grandes cornos: o oeste, os «grass-fields» — arroz, milho, café, culturas alimentares —, é próspero. A montanha recomeça com — de tempos a tempos —, autênticas barreiras de chuva. Pesados camiões descem as ladeiras, e depois, — insólito no meio de uma curva —, esse tocador de flauta. Mais longe, as crianças gritam por verem ainda, depois de tanto tempo, um «white man»: durante três semanas a região foi invadida por dezenas de cientistas, de jornalistas, de militares, de japoneses empunhando as suas máquinas fotográficas...

Chove em Wum, uma chuva violenta, que não preocupa os alunos de camisa azl que vão para a escola, nem os comerciantes, munidos de chapéus de chuva multicolores, que vendem legumes em modestos balcões. Wum recomeça a ter os seus espíritos, talvez a sua serenidade. O prefeito, Yengo Francis, conta: «Americanos, franceses, israelitas, italianos, espanhóis, ingleses, japoneses, nigerianos... estiveram aqui todos os jornais do mundo, não estávamos preparados para receber todos esses estrangeiros, mas fizémos face a isso, e tudo correu bem». Yengo Francis «requisitou» todos os veículos desde o dia 23 de Agosto, no dia seguinte em que o fundo do lago como que explodiu, libertando o gás mortal.

Alguns diplomatas em Yaoundé afirmam que durante bastantes dias, as autoridades foram «completamente ultrapassadas pelos acontecimentos». Polémicas, ainda.

Em Wum, Kimbi, Funfutum, Nkambé, pessoas desalojadas foram reagrupadas, alojadas em tendas, por vezes, como aqui, em construções que se arriscam a eternizar-se, pelo menos até ao colóquio internacional que se realizará em Yaoundé em princípios de Dezembro. Quem sabe, os cientistas reunidos nessa ocasião cheguem a pôr-se de acordo sobre as causas exactas da catástrofe, sobre os riscos para esta região onde os lagos são tão numerosos, de novas emanações de gás carbónico e sulfuroso, sobre os lugares também onde devem ser reinstaladas as populações.

Ir a Nyos, «para ver», como anseiam tantos habitantes de Bamenda animados por uma curiosidade inquieta e mórbida? O prefeito é categórico: «mesmo com um veículo todo-o-terreno, torna-se impossível». A pista, já de si difícil, ficou impraticável, por causa das chuvas torrenciais e da passagem de viaturas de socorro. No local, os esforços dos salvadores para enterrarem os aniamis foram em vão, pelo que foi decidido deixar apodrecer os cadáveres.

Desde logo, a poluição dos cursos de água, os riscos de epidemia são reais. Por quanto tempo? Ninguém o sabe. Mas os refugiados, agricultores e criadores de gado, voltam aos locais antigos, na tentativa de salvar o seu património. «Se descobrimos as pessoas que voltaram a cultivar os seus campos nesta zona, não vamos enviar o exército para os prender», reconheceu Menguémé.

Então, talvez por essa razão, as casas de Saint-Martin estão quase todas vazias. Numa grande camarata estão cuidadosamente alinhadas uma trintena de camas, com cobertores, e um quadro negro na parede com a lista dos ocupantes. Dormem algumas mulheres, numerosas crianças, cinco ou seis homens de braços oscilando. O espectáculo é o mesmo, por exemplo, desse antigo centro agrícola, onde estão alinhadas ao lado das construções, numerosas tendas, rutilantes mas inutilizadas. Há problemas de coabitação entre etnias, entre os foulanis e e os «nativos», os Bum, os Fungam, os Nyos, os Chah. Problemas de orfandade também, que as famílias dizimadas se disputam, como se disputa pela vida. Os refugiados estorvam nos hospitais onde só se encontram alguns, poucos, feridos. Que fazer? Aonde ir?

1887 mortos

A hora do balanço: 1887 mortos. 2913 refugiados, donde 975 crianças em idade escolar. Talvez 10.000 cabeças de gado perdidas. Entretanto alguns estimam números mais elevados: 5000 refugiados 3000 mortos. Em Bamenda, o governador faz as suas contas: umas quarenta salas de aula são necessárias. Ele recusa o orçamento que lhe apresentam, fixando o preço de cada sala em 8,6 milhões de francos CFA, sabendo bem que a somar não pode passar dos 4,5 milhões-/unidade. Em Yaoundé, Menguémé fala de «88 salas». Utilizaram eles correctamente os 968 milhões de francos CFA da ajuda financeira internacional? Que proporção das 800 toneladas de mercadorias, que indicam as fontes ocidentais, foram encaminhadas para os Camarões? Serão efectivamente distribuídas? E essas 7 toneladas de água mineral enviadas, dez dias depois da catástrofe, pela Grécia, e essa oferta de Marrocos que apodrece nos armazéns de Douala, essas 5000 máscaras de gás francesas que se revelaram inúteis?

Sem dúvida, a aldeia pré-fabricada para 500 pessoas, prometida por Israel, terá, se for construída, a sua utilidade. Sem dúvida que seria igualmente mais útil, nesta região tão encravada, construir algumas dezenas de quilómetros de estrada. Mas, e o resto?

Falta ainda, como o fazem as autoridades locais, solicitar a solidariedade internacional? Qual a atitude a adoptar face às «borlas» dadas por este maná? Falta já prever centros de reinstalação definitivos (na localidade de Bafmen, Kunfutu, e Kimbi), situados na região de Wum? Poderão instalar-se, perto dos lagos da região, aparelhos de detecção para prevenir outra possível catástrofe? Porque é que, quando em 1984, na mesma época, no mês de Agosto, 34 mortos foram encontrados nas margens do lago Monoum, vítimas do mesmo fenómeno geológico, não se fez nada?

O lago maldito ainda não acabou de engenhar as suas questões...

Laurent Zecchini

Mensagens Pessoais

Aquário

70 x 40 x 25. Vende-se com todos os componentes e mais alguns acessórios pela melhor oferta. Contactar Paulo — Rua Marquesa de Alorna, n.º 17-1.º-Dt.º — Alvalade — 1700 Lisboa. Telef.: 888291.

Algés-Cascais

Compro casa, apartamento ou andar até 3000 contos, na zona que vai desde Algés até Cascais. Tenho bastante urgência na aquisição. Caso não apareça oferta capaz, aceitarei propostas nas mesmas condições para casas situadas na Grande Lisboa até AMADORA. Informa — Telefone 084-22352.

Colóquio-Artes

Colecção da revista «Colóquio Artes», 1.ª Série, n.ºs 1 a 61 de 1959 a 1970; 2.ª Série n.ºs 1 a 70 de 1971 até Setembro de 1986, falta n.º 56/1959.

Telef.: 9260052 depois das 21 ou sábados e domingos a qualquer hora.

Idosos e Crianças

Preparação de idosos, mesmo acamados, de manhã e 19 h. Dietas. Técnicas de enfermagem. Recuperação. — Crianças, assist, ausência pais. **Guarde** esta mensagem. Maria Rodrigues. Apart.º 1333 de Arroios, 1009 LISBOA CODEX.

Seguros

Se mora em Porto Salvo, Oeiras ou Paço d'Arcos e quer segurar o recheio do seu lar (ou fazer qualquer outro seguro), contacte-me. Ofereço honestidade e competência. Vou ao domicílio. Telef.:2439965.

Trompete

— Trompete vende-se — telef. 4192121 (depois das 19 h)

«Cliper»

Pede-se a Henrique Espírito Santo — Produtor de Filmes, o favor de se pôr em contacto com o «cliper» através do telefone 2519454.

Vocalista

Fernando José Ribeiro dos Santos, morador na Rua Laureano de Oliveira, 8-1.º — Moscavide 1885 Lisboa — vocalista com bastante prática oferece-se para conjunto de baile. Resposta para a morada acima indicada ou para o telefone 251 94 54.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.